

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO
E EDUCAÇÃO

CLÉRIA RODRIGUES DE OLIVEIRA MARTINS MARIA

O PARADOXO DA IDENTIDADE NA REPRESENTAÇÃO DA VELHICE:
ANÁLISE CULTURAL DE ENTREVISTAS DE MULHERES PUBLICADAS
NA REVISTA *MAIS 60*

UBERLÂNDIA
2022

CLÉRIA RODRIGUES DE OLIVEIRA MARTINS MARIA

**O PARADOXO DA IDENTIDADE NA REPRESENTAÇÃO DA VELHICE:
ANÁLISE CULTURAL DE ENTREVISTAS DE MULHERES PUBLICADAS
NA REVISTA *MAIS 60***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Linha de pesquisa: Tecnologias e Interfaces da Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Géron de Sousa

**UBERLÂNDIA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M332p
2022

Maria, Cléria Rodrigues de Oliveira Martins, 1979-

O paradoxo da identidade na representação da velhice: análise cultural de entrevistas de mulheres publicadas na revista *Mais 60* [recurso eletrônico] / Cléria Rodrigues de Oliveira Martins Maria. - 2022.

Orientador: Géron de Sousa.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5321>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Sousa, Géron de, 1971-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

Glória Aparecida
Bibliotecária - CRB-6/2047



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação			
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, número 07/2022/147, sigla do PPGCE			
Data:	31/05/2022	Hora de início:	13h10	Hora de encerramento:
Matrícula do Discente:	12012TCE003			
Nome do Discente:	Cléria Rodrigues de Oliveira Martins Maria			
Título do Trabalho:	O paradoxo da identidade na representação da velhice: análise cultural de entrevistas de mulheres publicadas na revista <i>Mais 60</i>			
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação			
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A construção da identidade do popular no processo comunicativo: análise cultural da produção de sentido e representação do Congado no cotidiano de Uberlândia			

Reuniu-se por web conferência, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Vanessa Matos dos Santos - UFU; Marta Regina Maia - UFOP; Gerson de Sousa - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Gerson de Sousa, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[A]provado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Gerson de Sousa, Presidente**, em 31/05/2022, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Matos dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/05/2022, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marta Regina Maia, Usuário Externo**, em 31/05/2022, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3642225** e o código CRC **AD42CAA4**.

*Dedico este trabalho ao meu esposo
Lindomar, amigo, cúmplice, meu maior
incentivador e incansável companheiro de
viagem por esta vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por esta oportunidade que me foi concedida. A Ele seja dada toda a honra, toda a glória e todo louvor.

À minha família por todo apoio e incentivo que me foram dados.

À Universidade Federal de Uberlândia pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

Ao Professor Dr. Gérson de Sousa pelas inúmeras horas de orientação e apoio sem os quais não teria conseguido concluir este trabalho. Seu comprometimento e dedicação me inspiraram e me fizeram enxergar além do horizonte.

À Professora Dra. Vanessa Matos dos Santos por todas as contribuições feitas a este trabalho que o enriqueceram.

À Professora Dra. Marta Regina Maia por compartilhar o seu conhecimento que tornou este trabalho de pesquisa mais relevante.

À Professora Dra. Ana Cristina Spannenberg e à Professora Dra. Lucilene Cury, membros suplentes, que se dispuseram tão prontamente a participar. Certamente, suas presenças teriam sido muito valiosas.

Aos mestres das disciplinas do PPGCE: Prof. Dr. Nuno Manna Nunes Côrtes Ribeiro, Profa. Dra. Gilma Maria Rios, Prof. Dr. Gérson de Sousa e Profa. Dra. Silvana Malusá que se dispuseram a ministrar as aulas durante a pandemia e não pouparam esforços para nos ajudar! Eterna gratidão!!!

Agradecimento especial à minha amiga Keila Aparecida Duarte Rufino que me fez acreditar que o mestrado seria uma realidade possível.

Agradeço a todos os meus colegas de turma com quem compartilhei um momento ímpar e, em especial, à minha querida amiga Cinthia Faria Junqueira com quem compartilhei inúmeros telefonemas e momentos únicos. Gratidão!!!

*Há uma idade em que se ensina o que se sabe;
mas vem em seguida outra, em que se ensina o
que não se sabe: isso se chama pesquisar.”*

(BARTHES, [1980], p. 44).

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar as entrevistas de mulheres publicadas na revista *Mais 60 - Estudos sobre envelhecimento*, a fim de verificar o conceito de velhice e a sua representação, visto que o discurso hegemônico do envelhecimento positivo tem ocupado mais lugar nos meios comunicativos. Ao partir do conceito de velhice como elemento de análise, esta pesquisa tem a seguinte questão norteadora: A representação social da velhice defendida pela revista *Mais 60*, em seus editoriais, está em consonância com a concepção de velhice publicada nas entrevistas? Para isso, torna-se necessário provocar uma discussão sobre qual a representação da velhice no contexto contemporâneo, e as concepções sobre a identidade, sob a perspectiva dos Estudos Culturais, com a abordagem metodológica da análise cultural para se entender as mudanças socioeconômico e cultural. A análise cultural vinculada ao materialismo cultural abrange aspectos políticos, conjunturais e articula produção e consumo cultural, dando sentido às interpretações, aos valores e às experiências dos sujeitos. As categorias de análise utilizadas para esta pesquisa foram: velhice, mulher, memória, identidade, representação, com o objetivo de analisar as entrevistas de Lourdes Barreto da ed. nº 77 de agosto de 2020 sob o título: “*Eu tenho lutado pela questão das mulheres da terceira idade, porque é uma exclusão social muito grande ainda...*”; de Marta Gil da ed. nº 73 de agosto de 2019 intitulada: “*Quando você tem educação inclusiva bem-feita com ensino fica muito concreto e quando fica muito concreto é bom...*”; e de Ume Shimada publicada na ed. nº 76 de abril de 2020 sob o título “*A gente tem que trabalhar para ganhar o dia. Sem trabalho não tem graça. O trabalho ajuda muito*”. Como resultado da pesquisa comprehende-se que a revista *Mais 60* tem a sua atenção voltada para publicação de textos de abordagens gerontológicas e que, embora seja uma revista dirigida para o público acima de 60 anos, privilegia o envelhecimento positivo, e não valoriza o “velho”.

Palavras-Chave: Velhice; Memória, Identidade; Representação; Estudos Culturais

ABSTRACT

This research aims to analyze the interviews of women published in the *Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento*, in order to verify the concept of old age and its representation, since the hegemonic discourse of positive aging has occupied more place in the communicative media. Based on the concept of old age as an element of analysis, this research has the following guiding question: Is the social representation of old age defended by the *Mais 60* magazine, in its editorials, in line with the conception of old age published in the interviews? For this, it becomes necessary to provoke a discussion about the representation of old age in the contemporary context, and the conceptions about identity, from the perspective of Cultural Studies, with the methodological approach of cultural analysis to understand socioeconomic and cultural changes. Cultural analysis linked to cultural materialism encompasses political and conjunctural aspects and articulates cultural production and consumption, giving meaning to the interpretations, values and experiences of the subjects. The analysis categories used for this research were: old age, woman, memory, identity, representation, with the objective of analyzing Lourdes Barreto's interviews from ed. nº 77 of August 2020 under the title: "I have been fighting for the issue of elderly women, because it is still a very big social exclusion..."; by Marta Gil from the ed. nº 73 of August of 2019 titled: "When you have inclusive education well done with teaching it becomes very concrete and when it becomes very concrete it is good..."; and by Ume Shimada published in ed. nº 76 of April 2020 under the title "We have to work to make the day. No work, no fun. Work helps a lot." As a result of the research, it is understood that the *Mais 60* magazine has its attention focused on the publication of texts of gerontological approaches and that, although it is a magazine aimed at the public over 60 years, it privileges positive aging, and does not value the "old".

Key words: Old age; Memory, Identity; Representation; Cultural Studies

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Quadro comparativo entre o materialismo dialético e o materialismo cultural	22
FIGURA 02 – Circuito da Cultura, segundo Paul de Gay <i>et al</i> (1997)	26
FIGURA 03 – Tabela de violência doméstica por sexo	46
FIGURA 04 – Tabela do local da última agressão sofrida pelas mulheres	46
FIGURA 05 – Fotografia de Lourdes Barreto com destaque em sua tatuagem	55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Cemepe	Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz
EC	Estudos Culturais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Gempac	Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará
SESC	Serviço Social do Comércio
SME	Secretaria Municipal de Educação
SP	São Paulo
SPDM	Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
Unipac	Universidade Presidente Antônio Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	18
2.1 Materialismo Cultural	18
2.2 Estudos Culturais	23
2.3 Identidade e representação	25
2.4 A velhice	27
2.4.1 <i>O discurso gerontológico e a nova imagem da velhice</i>	29
2.5 O ser mulher e o envelhecimento	30
2.6 Memória e história	33
2.7 Entrevista, identidade e memória	36
3. ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	39
3.1 Análise da concepção de velhice publicada pela <i>Mais 60</i>	39
3.2 Análise da entrevista de Lourdes Barreto	44
3.2.1 Memória	44
3.2.2 A Mulher	48
3.2.3 Identidade e representação	53
3.2.4 A Velhice	59
3.2.5 Identidade e representação nas imagens	61
3.3 Análise da entrevista de Marta Gil	63
3.3.1 Memória e trabalho	63
3.3.2 A Velhice	70
3.3.3 Identidade e representação nas imagens	71
3.4 Análise da entrevista de Ume Shimada	73
3.4.1 Memória e história	74
3.4.2 Velhice e trabalho	79
3.4.3 Identidade e representação nas imagens	80
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	87
ANEXO A – Entrevista de Lourdes Barreto publicada na <i>Mais 60</i>	93
ANEXO B – Entrevista de Marta Gil publicada na <i>Mais 60</i>	101
ANEXO C – Entrevista de Ume Shimada publicada na <i>Mais 60</i>	111

1. INTRODUÇÃO

Embora o envelhecimento seja uma etapa natural da vida do ser humano, em vários discursos dos meios de comunicação hegemônicos, entende-se que há uma negação da velhice, como se envelhecer fosse apenas uma questão de escolha, sendo necessário que as pessoas se disponham a empregar todas as suas forças físicas e econômicas para evitar se tornar “velho”.

Infere-se isso claramente na propaganda televisiva do “ácido hialurônico que promete rejuvenescer 10 anos” ou na propaganda da academia que diz que “ficará com corpo de 25 praticando determinada modalidade de exercício” e entre tantos outros exemplos. Uma eterna juventude é vendida por meio de produtos e ou serviços e a transmissão de uma imagem ou discurso que “só se torna velho quem quer...” são constantemente divulgados.

O discurso e o conceito positivo do envelhecimento passaram a tomar cada vez mais lugar na sociedade, como se a velhice não tivesse problemas ou limitações, como se não pudesse se tornar velho. As representações da velhice na mídia têm demonstrado, em muitos momentos, que não é mais possível ser velho... é da “terceira idade”, “idoso” ou até “da melhor idade”. E para isso, se deve ter uma alimentação saudável, praticar exercícios regularmente, continuar trabalhando e produzindo até o fim da vida e, assim, não se ficará velho.

Diante desses fatores, torna-se necessário provocar uma discussão sobre qual a representação da velhice no contexto contemporâneo, sob a perspectiva dos Estudos Culturais com a abordagem metodológica da análise cultural. Esta pesquisa tem a intenção de atrair a atenção para o debate do tema, a fim de descontruir valores e discursos hegemônicos culturalmente construídos por textos ideológicos dominantes, silenciadores e violentadores das liberdades para que a identidade, a dignidade e a qualidade de vida das pessoas mais velhas sejam asseguradas e respeitadas.

Nesta pesquisa, procura-se analisar qual a representação da velhice produzida pela revista *Mais 60*, nas publicações das entrevistas de mulheres acima dos 60 anos e entender, por meio das narrativas, o sentimento da mulher diante do envelhecimento, além de compreender a importância da memória para o processo do envelhecimento e discutir as concepções de identidade e representação, sob a perspectiva dos Estudos Culturais.

Pretende-se ao definir a mulher como sujeito da pesquisa, trazer uma compreensão única do envelhecimento, visto que, guerreira por natureza, luta contra as desigualdades e preconceitos que o sexo feminino carrega, e geralmente, são mais preocupadas em reconhecer e reafirmar a sua identidade, além da escolha de gênero tornar possível a delimitação dos sujeitos da pesquisa.

Diante do inegável crescimento constante da população acima dos 60 anos, analisar o conceito de velhice e a sua representação na sociedade contemporânea é imprescindível para entender as mudanças no contexto socioeconômico e cultural, além de fornecer elementos de luta e resistência contra as forças que negam e renegam o “ser velho”.

Ao iniciar a pós-graduação, pretendia-se fazer o trabalho científico aliado à pesquisa de campo com entrevistas a pessoas acima de 60 anos, *in loco*, em alguma instituição, como um asilo, curso ou escola, para investigar como essas pessoas se sentiam e lidavam com o envelhecimento pela perspectiva dos Estudos Culturais. Entretanto, diante da pandemia de covid-19 que assolou o mundo, optou-se por fazer a análise das entrevistas de mulheres velhas apresentadas em algum periódico.

Essencialmente, pretendia-se analisar o *corpus* de uma revista do mercado editorial brasileiro de grande circulação, como a revista a *Nova Cosmopolitan* ou a *Cláudia* que tem edição desde a década de 60 e é ícone da mídia dirigido ao público feminino, para encontrar histórias de mulheres mais velhas.

Todavia, após um mapeamento inicial de algumas edições, percebeu-se que as revistas não tinham como perfil e proposta editorial, matérias que contavam as narrativas de vida de mulheres mais velhas, o que tornaria o projeto de pesquisa inviável. Ao prosseguir com a busca por um periódico em formato digital disponibilizado na internet, em razão do contexto contemporâneo de pandemia e com a imposição do distanciamento social, uma vez que, não seria possível realizar uma pesquisa *in loco*, encontrou-se a revista *Mais 60 - Estudos sobre envelhecimento* publicada pelo SESC São Paulo e que disponibiliza todas as edições anteriores no *site*.

Optou-se, portanto, como *corpus* de pesquisa as edições da revista *Mais 60*, e como estratégia de investigação, utilizará de análise das entrevistas de mulheres publicadas na seção *Entrevista*, selecionando-se um recorte temporal da contemporaneidade, a partir de 2014, e de mulheres com perfis distintos, a fim de encontrar histórias, experiências de vida e informações importantes para a dissertação.

Outro ponto que contribuiu para a escolha deste período, se refere ao momento de reestruturação gráfica e editorial da revista *Mais 60*, que ao chegar à edição nº 60 de 2014, trouxe melhorias e atualizações com matérias multidisciplinares relacionadas ao envelhecimento.

Para a elaboração do presente trabalho será adotado o método dialético com a abordagem metodológica da análise cultural para responder a problemática da pesquisa.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a dialética é usada desde os tempos antigos, sendo para Platão a “arte do diálogo”. Na Idade Média, a dialética era meramente um sinônimo de lógica e, nos tempos modernos, ganha outra dimensão. O método dialético, na modernidade, tem suas bases nas teorias hegelianas que afirmam que o processo histórico da sociedade está ligado a lógica, existindo contradições na sociedade que se opõem e lutam entre si, fazendo com que novas contradições emergam, à procura de soluções (GIL, 2008).

O materialismo histórico-dialético, além de ser uma concepção filosófica, é uma abordagem epistemológica fundamentada nas teorias de Karl Marx e Friedrich Engels, que utilizando do método dialético na sua concepção moderna, busca compreender como as relações sociais são construídas ao longo da história.

Para o materialismo histórico-dialético, o sujeito ao ter contato com a realidade, transformando-a, e ao mesmo tempo se transformando, adquire consciência da realidade da qual é sujeito, podendo provocar mudanças na sua realidade.

Na pesquisa, a análise da representação da velhice produzida pela revista *Mais 60* nas narrativas publicadas, trará à discussão os conceitos da velhice e envolverá debates sobre as concepções de identidade, a construção de significados e a luta entre as forças que valorizam e renegam o “ser velho”. Assim, conforme Antônio Carlos Gil,

A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos (GIL, 2008, p. 14).

A análise cultural é uma abordagem metodológica investigativa com vínculo no materialismo cultural, e que abrange aspectos políticos, conjunturais e articula produção e consumo cultural, dando sentido às interpretações, aos valores e às experiências dos sujeitos.

Segundo Moraes (2016), a análise cultural como prática investigativa deve ter por premissa a palavra “cultura” que indica todas as mudanças sociais, econômicas e políticas vividas pelo indivíduo.

Como abordagem metodológica, a análise cultural investiga os processos sócio-comunicacionais, que centralizada no sujeito, busca investigar os problemas e dilemas do contexto contemporâneo, de forma dinâmica, autêntica e multidisciplinar, fazendo com que o pesquisador “saia da caixa”, uma vez que, a pesquisa será racional e sistematizada, mas também

preocupada com os processos de construção de significados. Conforme Lisboa Filho e Machado (2015, p. 03), não se pode definir nem totalizar as temáticas que podem ser abordadas pela análise cultural, sob pena de limitar seu alcance e “esgotar suas múltiplas potencialidades”.

Em relação ao texto da dissertação, o primeiro capítulo refere-se ao memorial acadêmico e a introdução.

O segundo capítulo trata-se de uma revisão bibliográfica que fundamenta os conceitos desenvolvidos na pesquisa e levam a compreender o processo de construção de significados e como a revista *Mais 60* representa a velhice em seus tutoriais em confronto com suas entrevistas.

Por meio da análise cultural, temas como a velhice, memória, mulher, identidade e representação serão amplamente discutidos, conceituados e problematizados neste capítulo, em razão das potencialidades inerentes aos EC ao trazer em seu escopo “[...] a compreensão do significado mais profundo dos discursos e das representações sociais e culturais compreende-se, assim, que esta metodologia se encontre particularmente apta para abordar questões de cultura, estilos de vida e identidade” (BAPTISTA, 2009, p. 457-458).

O terceiro capítulo consiste nas análises das entrevistas de Lourdes Barreto na ed. nº 77 de agosto de 2020 sob o título: “*Eu tenho lutado pela questão das mulheres da terceira idade, porque é uma exclusão social muito grande ainda...*”; de Marta Gil da ed. nº 73 de agosto de 2019 sob o título: “*Quando você tem educação inclusiva bem-feita com ensino fica muito concreto e quando fica muito concreto é bom...*”; e, por fim, da entrevista de Ume Shimada publicada na ed. nº 76 de abril de 2020 sob o título “*A gente tem que trabalhar para ganhar o dia. Sem trabalho não tem graça. O trabalho ajuda muito*”.

Nas entrevistas analisadas foram utilizados como categorias de análise, os conceitos de velhice, mulher, memória, identidade e representação, a partir de autores como: Debert (2020), Bosi (1994), Beauvoir (1970), Portelli (1997), Halbwachs (1990), Hall (2006),

Williams (1979), Silva (2000) e outros, para que se pudesse concluir: A representação social da velhice defendida pela revista *Mais 60*, em seus editoriais, está em consonância com a concepção de velhice das entrevistas publicadas? Busca-se, portanto, nos discursos e nas imagens apresentados nas entrevistas, a realidade apresentada e como os significados foram construídos, a fim de identificar quais são os discursos articulados que levam ao modo de vida.

Ademais, procurar compreender o significado de ser velho para os sujeitos da pesquisa e para a revista *Mais 60* é essencial para um trabalho que tem a intenção de quebrar estereótipos e preconceitos ligados à velhice.

Por fim, foram apresentadas as considerações finais e as referências.

2. QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

2.1 Materialismo Cultural

O conceito de cultura, segundo Raymond Williams em sua obra *Marxismo e Literatura* (1979), desenvolveu-se ao longo do tempo deixando de significar os processos de manejo com as plantações e com os animais que garantiriam a sobrevivência humana para incluir em sua definição a construção de significados novos, além de artes e vida intelectual.

A sociedade era vista como uma associação em torno de um sistema ou ordem geral que dirigia a comunidade, e a economia era a administração da casa e da comunidade em geral, possibilitando o sistema de produção, distribuição e troca de mercadorias. Tanto a sociedade como a economia e a cultura eram áreas atadas a um conceito histórico e se desenvolvem em ritmos diferentes, embora cada área afetasse diretamente o movimento da outra (WILLIAMS, 1979).

Com o desenvolvimento continuado da civilização, o termo cultura abrangeu não só as artes e a literatura, mas ganhou um conceito social, porque passa a ser capaz de analisar as tensões e as contradições existentes na sociedade, uma vez que o ser humano é capaz de construir a sua própria história e compreender a ordem social humana.

As mudanças econômicas e sociais contribuíram para evolução do termo cultura, incluindo novos significados e alcance, e com os estudos de Raymond Williams, a cultura, como um conceito social complexo, ganhou uma nova dimensão englobando os modos de produção da vida humana, pois para Williams:

A complexidade do conceito de ‘cultura’ é, portanto, notável. Tornou-se um nome do processo ‘íntimo’, especializado em suas supostas agências de ‘vida intelectual’ e ‘nas artes’. Tornou-se também um nome de processo geral, especializado em supostas configurações de ‘modos de vida totais’. Teve um papel crucial em definições de ‘artes’ e ‘humanidades’, a partir do primeiro sentido. Desempenhou papel igualmente importante nas definições das ‘Ciências Humanas’ e ‘Ciências Sociais’, no segundo sentido. Cada tendência se inclina a negar o uso do conceito à outra, apesar de muitas tentativas de reconciliação (WILLIAMS, 1979, p. 23).

A cultura está ligada à vida humana de forma entrelaçada às vivências, na construção de valores, significados, manifestações artísticas, formas de expressão e de artes, está na fala, está no vestir, está no comer, no dançar, no festejar, no lamentar, então, a cultura permeia de forma subjetiva todos os atos de sobrevivência humana e daí sua importância, ou seja, pela cultura o sujeito se encontra dentro de sua realidade sócio-histórica.

Em *Culture is Ordinary* de 1958, Williams (1989) afirma que quando esteve na Universidade de Cambridge, seu pensamento foi influenciado por dois fatores, primeiramente pelo marxismo e depois pelos ensinamentos de Leavis.

Nos anos 40, tanto Hoggart como o Williams foram professores de educação de adultos, sendo a experiência enriquecedora para os Estudos Culturais britânicos, por estarem mais próximos da classe operária, pois nesta época, as obras de F. R. Leavis e T. S. Eliot, inevitavelmente obrigavam Hoggart e Williams a criticar suas ideias elitistas que eram influentes na sociedade britânica.

Assim, “o projeto dos Estudos Culturais, com a insistência em que todos os homens têm direito a serem seriamente considerados como consumidores de cultura” (SCHULMAN, 2006, p. 175), vem contra o pensamento discriminatório de Leavis, em relação à apreciação da arte e da literatura que afirmava que “são apenas uns poucos que são capazes de um julgamento espontâneo de primeira mão [...] de apreciar Dante, Shakespeare, Doni, Baudelaire, Hard [...]” (SCHULMAN, 2006, p. 175). A preocupação dos Estudos Culturais estava, desta forma, voltada para a melhoria das condições social e cultural da classe operária, privada de todas as formas de artes e literaturas consideradas como pertencentes às elites.

Além de se dedicarem ao *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), Thompson, Williams e Hoggart se dedicaram à publicação de textos seminais que foram muito influentes para o *Center* e ajudaram a promover o desenvolvimento da Nova Esquerda na Inglaterra dos anos 50.

Para Schulman (2006, p. 186), a *New Left* ou a “Nova Esquerda” foi um “movimento político fortemente socialista, anti-imperialista e antirracista, favorável à nacionalização das principais indústrias e da abolição do privilégio econômico e social [...]”, além de lutar pelo “enriquecimento da vida social e cultural das classes operárias”, impulsionados pelo Partido Comunista (SCHULMAN, 2006, p. 186).

Williams contribuiu de uma forma única para a segunda fase da *New Left*, pois por meio de sua postura intelectual em relação à crítica da cultura, elevou os Estudos Culturais a outro patamar, espalhando-os nas décadas seguintes por todo o mundo.

Ao crescer em uma família cujo pai era ferroviário, Williams, possuía uma insatisfação com o sistema econômico vigente, e sentia que as questões relacionadas à cultura ficaram desfocadas no marxismo que se preocupava mais com as relações econômicas.

Diante do discurso hegemônico que afirmava que existia uma alta e uma baixa cultura, Williams se viu compelido, pelo menos naquele momento, a deixar a tradição marxista que relegava a cultura a um segundo plano, e passou a desenvolver uma teoria social da cultura

capaz de estudar todos os elementos de um modo de vida, bem como as relações da vida social, lutando contra o discurso hegemônico da época.

Segundo Williams (2011), a cultura dominante é incorporada por práticas sociais, dentre elas, as práticas educacionais, além dos discursos hegemônicos escondidos sobre o manto da “tradição” e do “passado significativo”

De qualquer forma, o que tenho em mente é o sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que são organizados e vividos. É por isso que a hegemonia não pode ser entendida no plano da mera opinião ou manipulação. Trata-se de todo um conjunto de práticas e expectativas; o investimento de nossas energias, a nossa compreensão corriqueira da natureza do homem e do seu mundo. Falo de um conjunto de significados e valores que, do modo como são experimentados enquanto práticas, aparecem confirmado-se mutuamente. A hegemonia constitui, então, um sentido de realidade para a maioria das pessoas em uma sociedade, um sentido absoluto por se tratar de uma realidade vivida além do qual se torna muito difícil para a maioria dos membros da sociedade mover-se, e que abrange muitas áreas de suas vidas [...] (WILLIAMS, 2011, p. 53).

Compreendendo que a cultura poderia ser um espaço de lutas e de transformação contra a hegemonia, Williams formulou a teoria do materialismo cultural em razão da necessidade de fazer uma revisão da teoria da cultura marxista que estava muito mais voltada para as atividades econômicas humanas e as relações provenientes dela, do que a cultura como prática social e produtiva.

A construção da teoria do materialismo cultural não foi feita do dia para a noite e demandou longos anos de estudo e dedicação por parte de Williams que muito provavelmente, se questionou sobre os limites dessa nova teoria, sem romper com a teoria marxista:

Levei trinta anos, em um processo bastante complexo, para deslocar-me daquela teoria marxista herdada (que, em sua forma mais geral, comecei aceitando), passando por várias formas de transição da teoria e da investigação, para a oposição que defendo agora e que defino como ‘materialismo cultural’. As ênfases da transição – na produção (e não apenas reprodução) de significados e valores por formações sociais específicas; no primado da linguagem e da comunicação como forças sociais formativas; e na interação complexa tanto das instituições e formas quanto das relações sociais e convenções formais – podem ser definidas, se quisermos, como ‘culturalismo’, e até mesmo a dicotomia (positivista) antiga e crua idealismo/materialismo pode ser aplicada, se ajudar a alguém. O que eu gostaria agora de afirmar ter alcançado, mas necessariamente por essa via, é uma teoria da cultura como um processo (social e material) produtivo e de práticas específicas, e das ‘artes’ como usos sociais de meios materiais de produção (desde a linguagem como ‘consciência prática’ material até às tecnologias específicas da escrita e das formas de escrita, por meio de sistemas mecânicos e eletrônicos de comunicação) (WILLIAMS, 2011, p. 331-332).

Entende-se que Williams não abandonou o movimento marxista da “Nova Esquerda” da qual ele fazia parte, mas reformulou a teoria marxista da cultura para uma posição

que defendesse o materialismo cultural ligado à produção de valores, significados e não simplesmente a sua reprodução, saindo de um campo idealista para o meio material de produção humana.

De acordo com Cevasco (2003, p. 114), o “objetivo do materialismo cultural é definir a unidade qualitativa do processo sócio-histórico contemporâneo e especificar como o político e o econômico podem e devem ser vistos nesse processo”, ou seja, entendendo como a cultura abrange e está enraizada em todos os setores da vida humana, sendo possível fazer interferências políticas e sociais na realidade.

Em *Marxismo e Literatura*, Williams traz a definição do que é o materialismo cultural que é “uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico” (WILLIAMS, 1979, p. 12). Conclui-se que o materialismo cultural é o desenvolvimento da teoria materialista dialética, conforme as próprias palavras de Raymond Williams. Diante desse fato, é possível enxergar a cultura dentro de um modo de produção da vida humana, mas a atividade econômica humana, não está na centralidade da questão como ocorre no materialismo histórico-dialético.

Williams elaborou a teoria marxista de cultura que comprehende a cultura, conforme o legado de Marx, com uma atividade material da sociedade. Para isso, Williams teve que trazer um novo posicionamento teórico a fim de redefinir a cultura como um modo de vida, deixando claro que a cultura está envolvida nos processos hegemônicos de dominação da sociedade (CEVASCO, 2003), portanto,

O materialismo cultural abre aos estudos culturais a possibilidade de escrever com acuidade o funcionamento da cultura na sociedade contemporânea e buscar sempre as formas do emergente do que virar. Como explica Williams, é uma posição cuja ênfase recaia na produção (e não apenas na reprodução) de significados e valores por formações sociais específicas. Para o materialismo cultural, a linguagem e a comunicação são forças sociais formadoras de interações com instituições, formas, de relação formais, tradições (CEVASCO, 2003, p. 116).

A partir das transformações materiais e históricas é possível compreender a cultura como movimento de luta e resistência contra a hegemonia das classes elitistas e o pensamento dominante na sociedade que calava e, ainda cala, as vozes das minorias oprimidas e dos mais pobres, segundo Williams.

No artigo *Do materialismo dialético ao materialismo cultural: o legado metodológico de Marx aos Estudos Culturais*, a professora Ana Luísa Coiro Moraes (2018, p. 172), defende que o materialismo cultural é "método herdeiro da dialética", pois

O materialismo cultural de Williams reivindica a ação humana em sobreposição à ideologia e a forças determinantes. Sua centralidade está na cultura, pensada como força produtiva a partir do foco no que é efetivamente vivido pelos sujeitos, estes considerados a partir de suas ações, gerando as determinações no interior das condições e especificidades de classe. Contudo, no século XIX, quando Marx e Engels apresentaram uma teoria sobre o papel da sociedade na formação das ideias, utilizavam o termo ideologia para referir-se à influência das estruturas sociais na formulação das representações vigentes em uma dada época histórica, trazendo para o centro em primeiro lugar o modo de produção material da sociedade (MORAES, 2018, p. 172).

Moraes (2018) desenvolveu um quadro comparativo entre o materialismo histórico dialético e o materialismo cultural, a fim de melhor explicar as diferenças entre ambos e justificar sua teoria de que o materialismo cultural é “herdeiro” do materialismo histórico:

FIGURA 01 - Quadro comparativo entre o materialismo dialético e o materialismo cultural

Quadro 1 – Características do materialismo dialético e do materialismo cultural		
	MATERIALISMO DIALÉTICO OU HISTÓRICO	MATERIALISMO CULTURAL
Centralidade	Relações econômicas e práticas materiais determinam mudanças sociais	A cultura e o processo de sua construção a partir de práticas culturais e relações pessoais
Classe/sujeitos	A classe é uma categoria objetiva e os sujeitos estão na base material da sociedade	Os sujeitos, a partir de sua experiência cotidiana, geram as determinações no interior das condições e especificidades de classe
Ideologia	A ideologia insere os sujeitos nas relações sociais, mas termina quando os sujeitos encontram suas reais condições de vida	A ação humana tem poder sobre a ideologia; os sujeitos podem resistir a forças determinantes
Autonomia	A unidade da sociedade se dá na complexa unidade de instâncias especificamente posicionadas	Produção, criação e resistência cultural não são exclusivas das classes dominantes
Hegemonia	A força de dominação das classes hegemônicas está determinada pelas condições históricas	A cultura é um instrumento para a compreensão, reprodução e transformação do sistema social, por meio do qual é elaborada e construída a hegemonia de uma classe
Modelos teóricos	Expõem as formas e estruturas que produzem sentidos culturais	Resgatam o cotidiano, a ação social dos sujeitos, a atividade cultural Método dialético -->Materialismo dialético ou histórico --> Materialismo cultura

Fonte: Escosteguy (2001).

Fonte: Escosteguy (2001) apud Moraes (2018, p. 173).

Diante da análise comparativa realizada no quadro acima, entende-se que o materialismo cultural é uma evolução da teoria do materialismo histórico, proveniente do método dialético. Deste modo, diferente do materialismo dialético que preocupa-se com as relações econômicas e as práticas materiais, que são decisivas para as mudanças sociais, o materialismo cultural foca na cultura como uma ferramenta de construção e transformação social.

2.2 Estudos Culturais

Em diversos momentos da História, os estudiosos se viram diante de dilemas e conflitos que exigiram repensar as teorias e métodos existentes em suas épocas. Por meio da razão, procura-se em todas as formas, soluções e resistências para problemas existentes no contexto social, diante de processos intelectuais, sociais e políticos que excluem, ignoram ou simplesmente silenciam uma parcela da sociedade.

O projeto dos Estudos Culturais surgiu de uma necessidade da contemporaneidade, no contexto histórico das transformações sofridas pela classe operária, no pós-guerra, na Inglaterra. Segundo Schulman (2006, p. 170) a intenção de Hoggart (um dos criadores do *Center for Contemporary Cultural Studies*) ao propor os Estudos Culturais, era de lutar, implicitamente, contra o pensamento elitista da escola cultural inglesa “que argumentava em favor de uma separação entre a alta cultura e a vida ‘real’ entre o passado histórico e o mundo contemporâneo ou entre a teoria e a prática”.

O *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham foi criado na década de 60, pelos professores literários Raymond Williams e Richard Hoggart, preocupados com os movimentos das lutas de classe e com a ideologia elitista que excluía “altas” formas de cultura das classes consideradas menos privilegiadas.

Na década de 60, o interesse dos Estudos Culturais que sempre estiveram alinhados com o marxismo, focava-se nas transformações e problemáticas surgidas das relações de poder e luta de classes. Nas palavras de Johnson (2006), falando sobre a influência marxista em seu modo de pensar, expôs as seguintes premissas:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. Isto, de forma alguma, esgota os elementos do marxismo que, nas circunstâncias existentes, continuam vivos ativos e valiosos, sobre a condição, apenas, de que também eles sejam criticados e trabalhados em estudos detalhados (JOHNSON, 2006, p. 13).

Desta forma, entende-se que a cultura está vinculada a outros aspectos sociais, não sendo um elemento isolado e, ainda contribui, de forma direta, na construção das relações

sociais e de poder, visto que o campo cultural pode se tornar um lugar de resistências em que se defende o “diferente” ou as minorias.

Com o passar das décadas, os Estudos Culturais foram ampliando seu foco, conforme as necessidades e transformações sofridas na sociedade, e de acordo com Barker e Beezer:

Los estudios culturales han cambiado su base fundamental, de manera que el concepto de ‘clase’ ha dejado de ser el concepto crítico central. En el mejor de los casos, ha pasado a ser una ‘variable’ entre muchas, pero frecuentemente entendido ahora como un modo de opresión, de pobreza; en el peor de los casos, se ha disuelto [...] (BARKER; BEEZER, 1994, p. 25).

A preocupação dos Estudos Culturais, na década de 70, focou nos aspectos dos discursos de gênero e raça divulgados culturalmente, além de análises e críticas aos meios de comunicação de massas, cuja linguagem e conteúdos midiáticos continham posicionamentos e ideias das classes dominantes em relação à cultura (SCHULMAN, 1999).

Na década de 80, os Estudos Culturais apresentaram fortes discussões em torno das relações de poder e da cultura popular de massa, vista como uma forma de ideologia e luta contra a hegemonia elitista dominante.

A partir da década de 90, o foco dos Estudos Culturais se voltou para as questões que envolvem a subjetividade e as identidades (BARKER; BEEZER, 1994), visto que quando as identidades (classistas) estavam em declínio, houve a necessidade de se fazer surgir novas identidades “fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 07).

Para os Estudos Culturais, a compreensão da identidade cultural permite compreender o sentimento de pertencimento do sujeito, que está inserido em um panorama social, e esta identidade está em constante construção, visto que não é fixa (HALL, 2006). Assim, os Estudos Culturais são capazes de trazer reflexões e significados sobre dilemas e temas, como a identidade e a representação, que exigem utilizar “sua abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a importância da crítica” (JOHNSON, 2006, p. 10) que outras áreas do conhecimento não poderiam dispor.

No contexto contemporâneo, os Estudos Culturais são de grande relevância para se realizar a análise das representações da velhice nas entrevistas de mulheres, pretensão do presente trabalho, pois são um movimento capaz de compreender os significados e as transformações sejam culturais, sociais e políticas ocorridas na sociedade.

2.3 Identidade e representação

A representação, amplamente discutida e difundida por Stuart Hall em sua obra “*Cultura e Representação*”, surgiu de questionamentos do autor de como as imagens atuam no mundo para a construção e funcionamento das percepções humanas, principalmente na linguagem, em relação à identidade, valores, concepções, etc.

Para Hall (2016), a representação pela linguagem é essencial para as relações humanas, pois é por meio da linguagem que os processos de significados são construídos, permitindo que haja compreensão da mensagem compartilhada entre os sujeitos.

Para o mencionado autor, a linguagem não é apenas a falada ou a escrita, mas compreende o uso de símbolos e signos que trazem um significado ou representação para o indivíduo, de acordo com conceitos, ideias e sentimentos. Deste modo, a

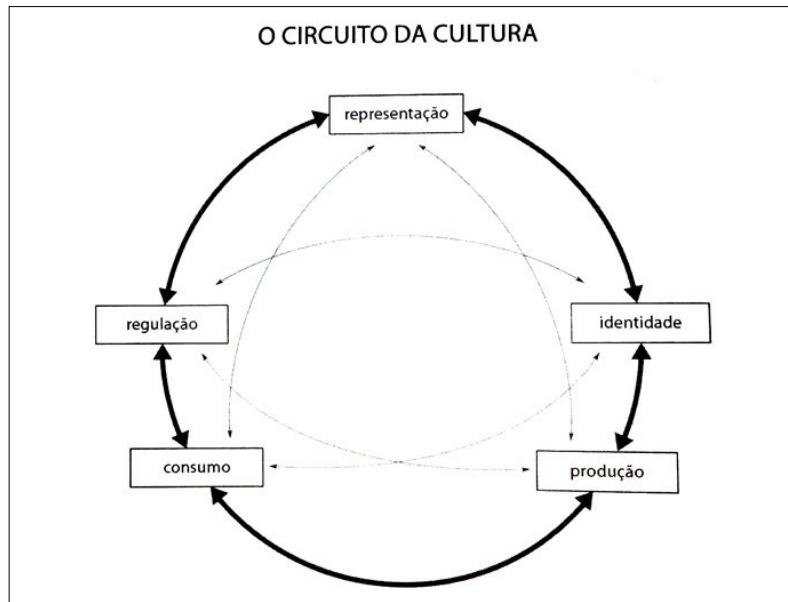
Representação significa utilizar a linguagem para inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. Pode-se perguntar com toda a razão: mas isso é tudo? Bem, sim e não. Representação é uma parte essencial do processo pela qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significa ou representa objetos (HALL, 2016, p. 31).

Nos ensinamentos de Hall (2016), a representação possibilita uma compreensão da linguagem dando-lhe sentido, que é primordial para a construção da cultura formada por códigos de linguagem que são compartilhados, formando a cultura e definindo convenções sociais, pois

A cultura, podemos dizer, está envolvida em todas as práticas que são que não são genericamente geneticamente programadas em nós [...] mas que carregam sentido e valores para nós, que precisam ser significativamente interpretadas por outros ou que depende do sentido para seu efetivo funcionamento. A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o elemento ‘humano’ da vida social daquilo que é biologicamente direcionado. Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida em sociedade (HALL, 2016, p. 21).

Em sua obra, Hall (2016, p. 18), traz um circuito da cultura, demonstrando como a linguagem constrói significados, compartilhando e interpretando, a fim de que a linguagem tenha sentido para os indivíduos.

FIGURA 02 - Circuito da Cultura, segundo Paul de Gay *et al* (1997)



Fonte: Hall (2016, p.18).

No circuito cultural, percebe-se que a cultura está esquematizada de forma complexa, e em movimento dinâmico, significando que a cultura não está limitada ao visível, nem não pode ser definida apenas pela forma como ela se incorpora para um ser ou grupo. O termo cultura, muito abrangente em sua essência, é movido por toda uma construção e interpretação de tudo que cerca a pessoa, naquilo que ela acredita e tem referências.

Para a cultura, é na linguagem que está a chave para que as relações sejam construídas, pois quando os mesmos códigos e signos são compartilhados, estes permitem às pessoas se conectar. No circuito cultural, todos os elementos estão interconectados indicando que todos fazem parte da cultura de um povo, que tem sua identidade representada e as relações de consumo, produção e regulação tem interferência direta na construção social da sociedade.

Desta forma, compreender o papel da representação social é fundamental para se entender como se dá a construção da cultura e seus significados pela linguagem, pois, por meio dela, as histórias de vida e experiências podem ser contadas e compartilhadas.

Para autores como Woodward (2000) e Silva (2000), o conceito de representação está muito mais ligado à diferença do que à linguagem, como Hall defendia. Entender a diferença é primordial para se entender a representação da identidade, pois só se pode ser diferente, quando se tem algo para comparar e percebe-se que não é igual. Deste modo, “é por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir.

Representar significa, neste caso dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’” (SILVA, 2000, p. 91).

A representação comprehende um conjunto “arbitrário” de significação (SILVA, 2000, p. 91) diretamente ligado às relações de poder, que dão significados ao sistema cultural e linguísticos, e, desta forma, a identidade e a diferença criam uma relação de dependência com a representação, pois a identidade e a diferença podem se tornar perceptíveis.

A identidade e a diferença, embora estejam ligadas pelos sistemas de significados, se referem a dimensões diferentes de significação, uma vez que, a diferença traz à mente aquilo que não é igual, estranho e pode ser identificado como um problema, que, pedagogicamente, merece a tolerância social (WOODWARD, 2000).

O conceito de identidade, por sua vez, bem como explica Hall (2006), não é pacífico, nem simples, e está constantemente em desenvolvimento, demandando reflexões e considerações por parte dos estudiosos das ciências sociais contemporâneas, pois:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 38).

A identidade cultural dos sujeitos pode, deste modo, ser compreendida como um processo de resistência em busca de autoafirmação e reconhecimento em uma sociedade em que os que “não são iguais” são excluídos e discriminados.

2.4 A velhice

O envelhecimento é um caminho natural pelo qual todos os seres vivos irão percorrer, se não se confrontarem primeiramente com a morte. É considerado por muitos como uma etapa da vida associada à experiência, à sabedoria e ao amadurecimento da alma, embora, fisicamente, seja comumente vista como um momento de limitações e, em muitos casos, dependência de outras pessoas.

Segundo a reportagem de Rodrigo Paradella pela *Agência IBGE Notícias*, a população brasileira manteve a tendência mundial de crescimento de “idosos”, nos últimos anos, ultrapassando a marca dos 30,2 milhões em 2017, se tornando um grupo cada vez mais

representativo no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios.¹

Diante do inegável crescimento constante da população acima dos 60 anos, compreender o conceito de velhice e a sua representação na sociedade, é muito importante para se entender as mudanças no contexto socioeconômico e cultural, além de fornecer elementos de resistência contra as forças que negam e renegam o velho.

Debert (2020) em sua obra *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*, afirma que o termo velho passou, nas últimas décadas, a apresentar um sentido depreciativo e negativo sendo, então, substituído pela palavra “idoso” ou “terceira idade”, numa tendência contemporânea de trazer uma nova imagem positiva para a pessoa mais vivida.

Quando se fala no conceito de velho, é impossível não se lembrar de Simone de Beauvoir que tão intensamente tratou do tema velhice, mesmo quando as pessoas lhe diziam que a velhice não existe.

Para Beauvoir (1990, p. 08), “a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” e escrever o seu livro foi uma forma de “quebrar a conspiração do silêncio”, pois como se pode deixar de falar sobre algo natural e importante quanto o envelhecimento, e sua obra, foi uma tentativa de despertar as pessoas para um futuro inevitável e previsível a que todos, provavelmente, estarão sujeitos.

Segundo Sousa (2008), a sociedade tem apresentado o velho em um papel marginalizado em que é tolhido de suas liberdades, e sua voz silenciada, pois além de ter sua imagem associada a algo depreciativo e inferiorizado, o velho não pode pensar ou sentir-se como o jovem, não sendo permitido-lhe sequer sonhar:

Essa é a imagem da velhice, pejorativa, negativa tornada ofensiva quando dirigida para alguém. O homem que tiver sonho sobre o futuro tem de ser considerado como sujeito diferente desse estereótipo. A indignação poderia ser automática: será que não é possível ser velho e ter sonho? Não teria a velhice, como discurso, tornado-se prisioneira de uma condição marginalizada do outro? A primeira dúvida a esse respeito nos remete a entender o reducionismo. O velho tem a voz sufocada [...] (SOUZA, 2008, p. 206-207).

¹ PARADELLA, Rodrigo. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Agência IBGE Notícias, 01/10/2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em 15 abr 2021

Assim, o velho não poderia ter os mesmos desejos nem as mesmas ambições que os jovens, pois, caso contrário, causariam escândalos e pareceriam ridículos aos olhos da sociedade, pois a imagem que deveriam demonstrar é a do velho de cabelos brancos, com uma vasta sabedoria e experiência de vida, despojado de qualquer interesse pela sua felicidade (BEAUVOIR, 1990).

O conceito de velho, portanto, encontra-se revestido de um sentido pejorativo, pois não pode assumir a velhice em toda sua plenitude, sob pena de ser considerado antiquado e até mesmo indesejado pela sociedade, como se tivesse cometido algum delito. Sua pena seria poder pensar unicamente na morte, que chegaria em breve, sendo proibido sonhar com o futuro, com um novo amor, uma nova carreira ou ainda, poder viajar sozinho pelo mundo.

2.4.1 O discurso gerontológico e a nova imagem da velhice

Por muitos anos, o velho foi visto como um ator figurante, sem papel relevante nas transformações sociais e para o mercado de consumo, pois entendia-se que quem não estava trabalhando ativamente, não poderia ter uma participação na sociedade. Desta forma, o velho era considerado carente de amparo, relegado à solidão e ao abandono da família e do Estado.

Diante da preocupação com os problemas que envolviam o envelhecimento, principalmente, do ponto de vista social, surgiu um novo campo interdisciplinar de estudos e de pesquisa do envelhecimento, a gerontologia.

A gerontologia, portanto, trata da transformação do envelhecimento em objeto de conhecimento científico multidisciplinar, que em uma vertente defendida no início de seus estudos, incentiva a velhice saudável e feliz, afirmando que “o avanço da idade não traz nenhum tipo de problemas para quem tem uma atitude positiva perante a vida” (DEBERT, 2020, p. 222).

Na gerontologia, são propostas práticas e tratamentos direcionados ao “idoso” ou “terceira idade”, que promovam um envelhecimento bem-sucedido, construindo uma imagem positiva da velhice. Para a gerontologia, o “velho” era discriminado, um ser que vivia em condições miseráveis, condenado ao abandono e à solidão, devido ao desprezo da sociedade por seu envelhecimento.

A gerontologia, em contraste com a imagem do envelhecimento apresentado na mídia, algumas vezes, nega seu objeto de estudo e intervenção, por considerar inadequado falar de velhice diante da “heterogeneidade das experiências de envelhecimento”, (DEBERT, 2020, p. 203-204), ou ainda, a velhice é abordada “como uma questão de autoconvencimento e os

gerontólogos passam a ser divulgadores de um elenco de formas de manutenção corporal e terapias com a pretensão de indicar como os que não se sentem velho devem comportar-se” (DEBERT, 2020, p. 204).

Para a gerontologia uma nova imagem positiva da velhice positiva é construída e assim “[...] os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: ‘nova juventude’, ‘idade do lazer’” (DEBERT, 2020, p. 61), “íoso” ou “terceira idade”.

Segundo esta nova imagem, a velhice passa por um novo processo de ressignificação apresentando novos padrões em que a pessoa deve empregar todas as suas forças e recursos para um envelhecimento saudável, de forma de ativa e participativa.

No entanto, em uma vertente mais recente surgida com o desenvolvimento dos estudos e melhor compreensão da velhice, a gerontologia visa a promoção da saúde, a prevenção e reabilitação de problemas e doenças associadas à velhice, sem negar seu objeto de estudo e intervenção mas propondo medidas preventivas ligadas a ambientação, aos cuidados paliativos e medidas protetivas que objetivam proporcionar qualidade de vida e dignidade às pessoas mais velhas até o fim da vida.

Cumpre ressaltar que a autora deste presente trabalho não tem qualquer intenção de menosprezar ou diminuir os estudos, as ações e práticas da gerontologia que apresentam relevantes significados social e para saúde, mas busca analisar os conceitos de velhice e sua representação, especialmente, em uma revista dirigida ao público acima dos 60 anos que tem seus pilares na gerontologia.

2.5 O ser mulher e o envelhecimento

A definição de “ser mulher” não é uma tarefa fácil, pois envolve um embate entre forças que se confrontam para ratificar seu posicionamento ideológico. Durante muitos séculos, o papel da mulher, limitado pela estrutura social vigente, era relegado à reprodução ou objeto de prazer, sem que tivesse voz ou participação ativa nos âmbitos político, social e econômico.

O conceito de mulher estava ligado à submissão, servidão e inferioridade diante do sexo masculino, que conforme as palavras de Beauvoir “o mundo sempre pertenceu aos machos” (BEAUVIOR, p. 81, 1970), diante dos argumentos de superioridade da força masculina, da capacidade para a caça e trabalhos árduos, pesados, e ainda, habilidade de defesa da vida e da tribo diante dos inimigos humanos e animais selvagens.

A visão reducionista do papel feminino na sociedade permaneceu durante muito tempo até que movimentos feministas e sociais lutaram pela desconstrução de estereótipos e mitos em busca de conquistas e liberdades no âmbito da igualdade de gêneros.

O ser mulher é se sentir mulher e não viver presa a comportamentos e conservadorismos históricos e sociais. Simone de Beauvoir em sua obra: *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida* afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade [...]” (BEAUVOIR, 1967, p. 09).

Desta afirmativa pode-se concluir que embora para a sociedade o ser mulher é uma construção cultural que define pensamentos, posturas, atitudes e comportamentos destinados a este sexo específico, para Beauvoir (1967) o “ser mulher” não podem ser determinados apenas pelas características biológicas suscitadas com o nascimento. O ser mulher envolve muito mais o que se pensa e a liberdade que se tem sobre si mesmo do que as imposições e limitação morais, sociais e políticas impostas ao sexo feminino.

Na obra de Judith Butler (2003) o ser mulher é estar em constante transformação e ressignificação, conforme pode ser verificado na História ao longo dos séculos. A condição de ser mulher ainda representa o gênero com fraqueza física, cujo trabalho doméstico é tido como irrelevante e que tem a verdadeira obrigação de criar, educar os filhos, além de fazer todo o gerenciamento doméstico. A mulher continua sem liberdade de caminhar livremente nas ruas a qualquer hora sob o risco de ser agredida física ou psicologicamente. Não se pode entrar e sair livremente de um relacionamento para outro sem que lhe seja atribuída má fama e até mesmo sofra bullying pelas pessoas que lhe cercam.

A mulher compreendida como uma construção sócio-histórica-cultural tem deixado de representar apenas a dona de casa, mãe e esposa para assumir um papel mais ativo e relevante no mercado de trabalho, na economia e na política, dando um novo significado ao “ser mulher”.

Entretanto, ainda que as mulheres estejam caminhando em direção ao empoderamento, com voz política e igualdade com os homens, a velhice, como uma etapa natural da vida, não é percebida por homens e mulheres da mesma forma.

Os relatos colhidos por Debert (2020) em suas pesquisas com mulheres acima dos 60 anos, revelam que as mulheres sentem o envelhecimento de forma dolorosa. As mudanças físicas percebidas nos corpos de suas mães e avós relatam seu futuro próximo, as limitações e dependências que lhes esperam, embora saibam que nos tempos atuais é possível envelhecer com uma maior liberdade, graças às conquistas femininas:

Para todas as mulheres, a velhice de suas mães e de suas avós foi o período mais sombrio de suas vidas. Contudo, acreditam que os modelos antigos de envelhecimento não vigoram mais na atualidade. No mundo contemporâneo, a conquista da liberdade feminina é, para elas, um fato irreversível que redefine o que é envelhecer (DEBERT, 2020, p. 185).

Para aquelas mulheres, o envelhecimento pode ser mais tranquilo, pois na sociedade presente há uma maior preocupação com o bem-estar dos mais velhos e não existem os mesmos despezos, opressão e controle da sociedade na qual suas mães e avós foram vítimas no século passado.

Na velhice, além de todas as transformações físicas advindas do envelhecimento de seu corpo e da menopausa, a mulher tem que enfrentar outros desafios, pois para a sociedade, há uma ideia de perda de papéis sociais da mulher que alcança a velhice, que pode ser vítima de solidão, desdém e sofrimento, e

Para alguns autores, as mulheres na velhice experimentariam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação- como mulher e como idosa. Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associado a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas deve-se somar o subemprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade (STREIB, 1975; RODHES, 1982 apud DEBERT, 2020, p. 140).

A mulher, além de enfrentar discriminação e desafios pelo simples fato de ser mulher, na velhice se depara com problemas que torna o envelhecimento uma etapa mais sofrida e desvalorizada, pois a mulher ainda não ocupa um papel em igualdade com o homem. Sem a beleza e a juventude lhe é atribuído o único papel de avó e contadora de histórias, sem que ela pudesse ter direitos à voz, à um novo relacionamento ou mesmo ter uma vida sexual ativa.

Além disso, no contexto atual, os discursos midiáticos ainda revelam outras formas de domínio e violência contra o envelhecimento da mulher diante de um posicionamento hegemônico que nega a velhice e impõe que a mulher utilize todas as suas ferramentas físicas e econômicas disponíveis para evitar o envelhecimento. Nestes meios, a felicidade é constantemente atrelada à beleza e à juventude como se a velhice fosse despojada de qualquer tipo de virtude ou liberdade, em que

Disciplina e hedonismo se combinam na medida em que as qualidades do corpo são tidas como plásticas e os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pela sua própria aparência. A publicidade, os manuais de autoajuda e as receitas dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis e que, com esforço e trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada; as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer (DEBERT, 2020, p. 20-21).

Tal discurso nega o envelhecimento e promete um falso controle sobre a velhice corporal como se fosse possível evitar o inevitável, as doenças e as limitações que advêm com o avanço da idade com ginástica, vitaminas e adotando um meio de vida “saudável”.

A mulher na velhice, encontra-se constantemente em um espaço de lutas e disputas para garantir os seus direitos em igualdade dos homens, que ainda ocupam um lugar de supremacia nas relações de trabalho, nos esportes, nas participações política e social e, principalmente, ter a direito ao envelhecimento com liberdade, respeito e ocupando papéis de destaque na sociedade sem qualquer preconceito quanto ao gênero feminino.

2.6 Memória e História

A memória é indissociável da história de vida que só pode ser contada após uma imersão profunda nas lembranças do passado que se tornam presentes à medida que as experiências vividas são reavivadas. Lembrar é mergulhar no passado e compreender a construção do sujeito e da cultura de um povo diante da realidade experimentada e compartilhada com o círculo social do qual o sujeito faz parte.

Segundo Pollak (1992), a memória é constituída pelos acontecimentos vividos pela pessoa ou pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa tem o sentimento de pertencimento. São os acontecimentos dos quais, embora a pessoa nem sempre tenha participado, mas em seu imaginário, é impossível perceber se ela realmente participou. Além disso, são elementos integrantes da memória: as pessoas, os personagens e até mesmo os lugares.

Embora, em um primeiro momento, a memória apresenta aparentemente um aspecto íntimo, subjetivo e individual, a memória é constituída por um processo social e coletivo, pois “[...] a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelos às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referências que existam fora dele [...]” (HALBWACKS, 1990, p. 53).

A memória coletiva, assim, é uma construção das interações nos âmbitos coletivos como família, trabalho, escola e etc. e, em muitos casos, é praticamente uma memória herdada, segundo Pollak (1992) produto da socialização política ou histórica na qual sujeito se identifica e se coloca neste passado, por meio do que a psicologia chama de mecanismo de projeção. Conforme Ecléa Bosi explica em sua obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2003),

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanharam nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente (BOSI, 2003, p. 407).

Assim, as memórias coletivas dizem respeito às experiências compartilhadas, e muitas vezes contadas e reforçadas pelos grupos sociais da qual a pessoa faz parte, que se apropria das lembranças como se fossem suas, de modo e com tamanha intensidade, que a pessoa não identifica se realmente vivenciou aquela lembrança.

A memória coletiva, por si, não é capaz de recordar, é o indivíduo que recorda, visto que “ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 401). Este tesouro comum, ou seja, o passado e as lembranças podem ter um significado único para o sujeito, mas pode ser completamente ignorado pelo grupo social a qual pertence.

A memória individual, por sua vez, é aquela que guarda todas as experiências vividas pelo sujeito, mas de alguma maneira, ligada às interações sociais do grupo a que pertence. É uma lembrança particular que difere do ponto de vista dos outros membros do grupo, mesmo que todos possam ter a mesma moradia, os mesmos pais, o mesmo tipo de educação, e ainda sim, se lembrar de algo ou alguém de um modo especial.

Nos ensinamentos de Halbwachs (1990), a memória individual está dentro de uma perspectiva da memória coletiva, que só pode tornar suas experiências inteligíveis e comunicáveis, a partir das experiências adquiridas nos meios sociais na qual convive, não sendo possível ao sujeito adquirir qualquer experiência quando permanece isolado.

Por intermédio de uma máquina do tempo, chamada memória, é possível fazer uma viagem ao passado relembrando as experiências, a participação na vida pública e em família e, em alguns momentos, revivendo (ou esquecendo), ainda que sejam fatos traumáticos e

dolorosos. Isso se dá em razão da memória ser seletiva e não guardar todos os fatos (POLLAK, 1992).

A história de vida está intimamente ligada à memória, pois através do relato íntimo e pessoal das lembranças e do passado dos narradores, é possível entender toda a construção de significados, valores e experiências de vidas que dificilmente seriam conhecidas de outra forma.

Na história oral de vida percebe-se claramente quando o narrador prefere esquecer e deixar a memória em estase, pois o silêncio ou o “não dito” tem um significado mais profundo e evita emergir sentimentos e sofrimentos adormecidos, procurando fugir de mal-entendidos que podem levar ao ressentimento, investigações e contestações indesejadas (Pollak, 1989). Em diversas situações, “o silêncio no meio da narrativa expressa, muitas vezes, o fim de um mundo” (BOSI, 2003, p. 208), ou seja, significa viver ou estar imerso em um mundo sem esperança e dor.

Entretanto, apesar da memória preferir esquecer em alguns momentos, em outros, a memória se torna força e resistência para lutar contra as injustiças e opressões exercidas por um domínio hegemônico. O lembrar e contar se torna curativo e pacificador, pois permite ao narrador expressar o que lhe corrói a alma ou perturba o espírito. É compartilhar com outras pessoas em busca de outros adeptos à causa que sintam a mesma indignação, desconforto e preocupação com as problemáticas em questão.

O lembrar ganha um novo significado na velhice e se torna autoafirmação de existência, luta contra o esquecimento e desprezo da sociedade. De acordo com Bosi (1994), em uma sociedade que despreza a velhice por ser uma fase da vida considerada improdutiva, só resta uma alternativa ao velho: a função de lembrar e se tornar o arquivo vivo e porta-voz da memória da família, de um grupo, da sociedade:

Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante? (HALBWACHS, 1925, p. 142 apud BOSI, 1994, p. 63).

Na velhice, o trabalho do sujeito, portanto, é lembrar, embora no processo de reconstrução das memórias, o passado pode ser alterado por ideias, preferências e valores

individuais do velho, que remodelam o passado e compõem a biografia individual e grupal, impondo nas lembranças, padrões particulares que lhes são próprios.

O trabalho constante de construção e reconstrução das lembranças contribui para a reflexão e remodelação da própria identidade do velho, que ao buscar as lembranças do passado, reconstrói a si mesmo através das interações entre o experimentado, o aprendido e o transmitido, uma vez que, a identidade do sujeito é construída diante do grupo social da qual pertence e se identifica.

Através das memórias dos velhos, é possível perceber as mudanças ocorridas no tempo e no espaço, na história, nos papéis sociais, nas instituições e na sociedade (BOSI, 2003), fazendo com que a tensão entre as transformações dos diferentes momentos históricos seja perceptível e questionada.

A memória dos velhos é um tesouro imensurável, rico de história e cultura, passível de transmitir às próximas gerações um passado vivo, experimentado e criticado, de um tempo que não foi vivido pelas gerações do presente mas que contribuem para manutenção da identidade grupal e construção da memória coletiva.

Por fim, “a memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere” (BOSI, 2003, p. 199), e deste modo, analisar as histórias de vida dos velhos é mergulhar em sua memória, em suas lembranças e no passado fazendo com que tenham a oportunidade de se comunicar e se expressar, e que a sociedade aprenda com suas narrativas e experiências.

2.7 Entrevista, identidade e memória

O jornalismo atual teve sua origem no século XIX, quando se desenvolveu sob novos paradigmas como o de trazer a informação em detrimento da propaganda e mediante valores como “a notícia, a procura da verdade, a independência, objetividade, e uma noção de serviço ao público [...]”, impulsionado pelo capitalismo e pelas mudanças nos contextos social e político (TRAQUINA, 2005, p. 34).

Com as rápidas transformações na vida social, os jornais passaram a produzir novas representações de como as pessoas deveriam se comportar (caráter educativo), além de contar os escândalos dos ricos e poderosos da sociedade (caráter sensacionalista) para atender ao público com interesse diferenciado. O sensacionalismo impunha que as notícias trouxessem uma realidade revestidas de fascínio, como se tratasse de ficção. Daí surgiram o repórter e a reportagem (LAGE, 2001, p. 14-15).

Entre os anos de 1830-1840, surgem os *penny press*, jornais vendidos a um preço mais acessível a fim de alcançar um público mais geral, menos elitista, e apresenta “um novo jornalismo que privilegia a informação e não propaganda, distinção que era vista como pressupondo um novo conceito de notícia onde existiria a separação entre fatos e opiniões” (TRAQUINA, 2005, p. 50-51).

Com novas práticas e formatos jornalísticos surgindo, o jornalismo passa a registrar acontecimentos e fatos, concedendo-lhe uma função histórica e, ao mesmo tempo, apreensível da realidade. A utilização de testemunhas oculares e da entrevista possibilitaram que as memórias e as histórias dos sujeitos fossem registradas, ganhando um novo sentido e contribuindo para a construção da cultura.

A entrevista, utilizada por muitos veículos de comunicação, para trazer as histórias, os fatos e as opiniões de uma pessoa de destaque, deve ser mais do que uma técnica para a coleta de dados para não se tornar fria, distante do telespectador/leitor, constituindo-se em um verdadeiro diálogo,

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação—repórter—receptor) se interligam numa única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo (MEDINA, 2011, n.p).

Mas qual a função da entrevista? Para o jornalismo, a entrevista é um importante recurso para se obter informações de fontes. Além disso, a entrevista possui função social, visto que cria a possibilidade do sujeito formar a sua opinião e assumir um posicionamento crítico quanto às informações divulgadas, possibilitando a discussão e reflexão de temas na sociedade.

Segundo Lage (2001, p. 73), “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”, ou seja, é o momento em que, através de respostas, o entrevistado revela o seu olhar, seu ponto de vista, suas lembranças e o seu mundo.

As entrevistas podem ser classificadas quanto aos objetivos e quanto às circunstâncias de sua realização. Em relação aos objetivos, as entrevistas podem ser: rituais (são entrevistas curtas, focadas nas expressões corporais - na luz e voz do entrevistado); temáticas (como o próprio nome revela, trata de um tema específico, tratado por uma autoridade

ou pessoa que tenha condições de discorrer sobre o assunto); testemunhais (trata-se do relato subjetivo do entrevistado de algo que presenciou ou tomou conhecimento) e, em profundidade.

A entrevista em profundidade (permite que se conheça mais sobre a pessoa entrevistada, dando destaque a sua figura, por algum feito ou tipo de repercussão) (LAGE, 2001). Deste modo,

[...] o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões (LAGE, 2001, p. 75).

Quanto às circunstâncias de sua realização, as entrevistas podem ser divididas em: ocasionais (realizadas sem programação anterior); confrontos (o entrevistador assume uma postura mais agressiva, com acusações e contra argumentos baseados em um dossiê acusatório); coletiva (o entrevistado responde às perguntas de interesse geral e formuladas por vários repórteres, geralmente, de veículos de comunicação diferentes); e, dialogais (quando o entrevistado e o entrevistador se reúnem em ambiente controlado, a fim de que as perguntas do repórter sejam respondidas pelo entrevistado) (LAGE, 2001, p. 75-78).

A partir do momento em que as narrativas ocorrem nas entrevistas, as memórias do entrevistado podem ser analisadas, demonstrando o caminho de formação da identidade do sujeito e a realidade da qual o mesmo acredita participar, mesmo que se trate de um mundo simbólico.

Ao contar sobre a sua vida e suas histórias, o entrevistado procura em sua memória relembrar o passado para trazer à tona experiências vividas e fatos que até então estavam guardados e são capazes de trazer significado ao passado e materializar sua existência humana (PORTELLI, 1997).

Na entrevista, o sujeito mergulha em suas memórias em busca de respostas, que projetam a si mesmo e sua forma de ver o outro.

A memória é parte constituinte da identidade, visto que, a partir dela, o sujeito traz do passado “materiais” que dão estrutura à construção do ser em sua totalidade, pois “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476).

A compreensão das narrativas de uma entrevista é mais do que analisar e buscar sentido no passado e nas experiências do entrevistado. É entender a sua visão sobre determinado fato ou acontecimento, é verificar como os significados são construídos em sua trajetória. É compreender a dimensão e o posicionamento do sujeito com os seus pares e na sociedade, penetrando em uma realidade que só pode ser conhecida pelos relatos orais.

Neste trabalho propõe-se a realizar a análise das entrevistas selecionadas, a fim de verificar se a representação social da velhice defendida pela revista *Mais 60*, em seus editoriais, está em consonância com a concepção das entrevistas publicadas.

3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

3.1 Análise da concepção de velhice publicada pela *Mais 60*

O SESC/SP - Serviço Social do Comércio é uma instituição de natureza privada apoiada pelo empresariado do comércio ligado ao serviço, bens e turismo, cujo principal objetivo é proporcionar qualidade de vida e bem-estar para os trabalhadores do comércio e suas famílias.

Em seu site institucional, na aba “*Sobre o SESC*” e em “*Quem Somos*”, o SESC afirma que “conta com uma rede de 43 unidades operacionais – centros destinados à cultura, ao esporte, à saúde e à alimentação, ao desenvolvimento infantojuvenil, à *terceira idade*, ao turismo social e a demais áreas de atuação [...]”², prestando um serviço relevante pautado na educação e cultura como alicerces transformadores de toda a sociedade.

O SESC ainda promove e divulga seu patrimônio cultural e a programações dos eventos por meio do *Portal SescSP*, o *SescTV*, as *Edições Sesc*, o *Selo Sesc* e diversas revistas, como *Em Cartaz*, *Revista E* e, objeto deste trabalho, a revista *Mais 60*.

Para o SESC que desenvolve ações voltadas para a “*terceira idade*”, o “*idoso*” deve ter seu papel valorizado e reafirmado no contexto social, reconhecendo as potencialidades no envelhecer, pois para o SESC o “*idoso*” deve ser protagonista de sua maturidade conquistando mais qualidade de vida e autonomia.³

A publicação da revista *Mais 60* pelo SESC/SP teve seu início no ano de 1977 sob

² Portal SESC São Paulo: Sobre o SESC. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/>. Acesso em 01 jun 2022.

³ Portal SESC Rio: Trabalho social com Idosos. Disponível em: <https://www.sescrio.org.br/assistencia/trabalho-social-com-idosos/>. Acesso em 21 jul 2022.

a forma de *Os Cadernos da Terceira Idade* vai ao encontro de seu objetivo institucional de valorização da velhice saudável, ativa e participativa em todos os âmbitos da sociedade, promovendo ações que proporcionam, aos sujeitos “idosos”, a socialização, a valorização da autoestima, a reconstrução da autoimagem, o exercício da cidadania, o reconhecimento interpessoal, o sentimento de pertencimento, além do intercâmbio intergeracional, imprescindíveis para que as pessoas acima de 60 anos se encontrem como sujeito de direitos⁴.

Em *Os Cadernos da Terceira Idade* foram publicados “debates e reflexões e ao mesmo tempo oferecem espaços para apontamentos e relatos de práticas voltadas ao cidadão idoso”, conforme explicado na coluna *Carta ao Leitor* da edição nº 60 do ano de 2014.

Em 1988, os *Cadernos da Terceira Idade* se “transformaram” e deram lugar à publicação de uma revista denominada *A Terceira Idade* e que, conforme seu editorial, procura valorizar a velhice, desconstruindo preconceitos e estereótipos atribuídos à velhice, pois “a imagem negativa da velhice é tão forte que sem perceber, incorporamos esse preconceito com a maior naturalidade. Mas é preciso resgatar a verdade, fazer justiça e mostrar a realidade dos fatos” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 09, 1994, n.p).

Mas considerando que uma revista defenda a “velhice [...] pelo que significa e representa em termos de cultura e memória para a história da nação” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 01, 1988, p. 03) por que trouxe em seu título “*A Terceira Idade*”, uma representação social da velhice que renega o velho e que não resgata o verdadeiro valor do que é o velho?

Ora, o título de uma publicação é fundamental para que o leitor compreenda o universo ao qual será inserido e partindo desta premissa, o título transmite ideias e significados explícitos e implícitos que permite levar os leitores às suas próprias conclusões e opiniões.

Embora se entenda que a valorização da velhice tem sido um tema mais discutido nas últimas décadas, o título entra em contradição com o posicionamento de valorização da velhice pela revista quando assume o nome “*A Terceira Idade*”, pois assim está negando o velho e evitando uma discussão profunda do tema, pois de acordo com Debert (2020, p. 61) “[...] os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: ‘nova juventude’, ‘idade do lazer’, ‘idoso’ ou ‘terceira idade’”.

Segundo esta nova imagem, a velhice passa por um novo processo de ressignificação apresentando novos padrões em que é “proibido” envelhecer ou, pelo menos, a pessoa deveria empregar todas as suas energias e recursos em tentar evitar o envelhecimento,

⁴ Portal SESC Rio: Trabalho social com Idosos. Disponível em: <https://www.sescrio.org.br/assistencia/trabalho-social-com-idosos/>. Acesso em 21 jul 2022.

se comportando como se a velhice fosse apenas uma ideia, que pudesse se aceita ou não, na busca pela eterna juventude (DEBERT, 2020).

Examinando a concepção de velhice trazida pela revista *Mais 60* desde de quando era denominada *A Terceira Idade*, a partir de seus *Editoriais*, visto que os artigos submetidos e publicados pela revista não serão objetos de análise, verifica-se uma preocupação constante em atrair a atenção para o tema da velhice, como uma fase da vida merecedora de atenção, respeito e um novo olhar da sociedade.

Apesar de não trazer em seus editoriais um conceito claro e preciso sobre a velhice, entende-se que desde da edição Número 01 de setembro de 1988, a revista *Mais 60* - publicada pelo SESC, ainda chamada *A Terceira Idade* indica o interesse de resguardar a valorização a velhice, desconstruindo preconceitos e estereótipos atribuídos à velhice.

Em suas publicações, o Sesc declara seu objetivo institucional de “propor medidas concretas que possam levar ao resgate do verdadeiro sentido do envelhecimento em nossa sociedade” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 01, 1988, n.p), demonstrando sua intenção de propor um conteúdo que leve à reflexão da velhice no momento em que a humanidade não estava preparada para lidar com a população mais velha que é marginalizada por ser considerada inútil e desocupada. Mas como assumir tal posicionamento se há uma negação do velho, dando-lhes novos nomes como “terceira idade”, “idoso” ou “melhor idade”?

Nas primeiras edições datadas do final da década de 80 e início da 90, a revista *A Terceira Idade* destaca que o crescimento populacional de pessoas idosas é possível graças aos avanços tecnológicos e científicos, mas que os mais velhos “são destituídos de seus papéis e funções, pelo fato de terem sido afastadas compulsoriamente do ciclo da produção no momento da aposentadoria” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 01, 1988, n.p), sendo em muitos casos vítimas de preconceito, abandono, descaso e solidão.

Segundo a revista, como a proporção da população “idoso” era muito pequena naquela época, a velhice era uma fase da vida considerada improdutiva, pois como o indivíduo não trabalhava, ele não era valorizado. Porém, esta ideologia começou a mudar, visto que “faz parte do passado a ideia de que o idoso é aquele indivíduo que após anos e anos trabalhando está condenado a viver imobilismo e ostracismo de seu lar. Tudo em nome da falsa concepção de velhice como doença” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 10, 1995, n.p). Para a revista, a velhice passou a ganhar novos significados, uma vez que o “idoso” passou a ocupar novos lugares na sociedade transformando as relações com os mais jovens.

O editorial da revista esclarece que “resgatar o sentido da velhice em uma sociedade com tantos problemas e preconceitos não é tarefa das mais fáceis” (*A TERCEIRA IDADE*, ed.

04, 1991, n.p), sendo este um desafio vencido paulatinamente, a partir do momento que leva a população à reflexões que possam influenciar as ideias e comportamentos referentes à velhice e a convivência de todos os grupos etários para desconstruir a percepção preconceituosa que os mais jovens têm em relação aos velhos.

A revista se propôs a trazer “ao público reflexões que procuram situar a problemática do idoso dentro de um contexto histórico e cultural mais amplo” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 05, 1992, n.p), uma vez que, a beleza e a juventude são super valorizadas como ideal de felicidade e completude.

Nos anos 2000, com as transformações histórico-culturais da sociedade do novo milênio, os “idosos” começam a apresentar valores e comportamentos voltados para o mercado de consumo, havendo um crescimento na indústria de produtos voltados para este público.

Um novo mercado que incentiva o consumismo exacerbado e que proporciona o lucro fácil surgiu sob o manto do culto ao corpo e à juventude e que indicavam as rugas e flacidez como fraqueza moral em uma sociedade que obriga a todos a vencê-la (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 37, 2006, n.p). Assim, a velhice era vista como uma grande oportunidade para as grandes empresas lucrarem sob o argumento de que a felicidade e a razão de viver estavam diretamente atreladas à juventude e a um corpo físico firme, sendo os velhos vítimas e presas deste discurso.

Outra questão trazida à discussão pela revista diz respeito à autonomia física e mental e a condição financeira dos mais velhos que, muitas vezes, fragilizados são reféns e obrigados a morarem com parentes ou instituições ferindo sua dignidade e liberdade. Segundo a revista, os “idosos” deveriam ter sua voz ouvida, sempre que possível, e ter liberdade para participar das decisões que envolvem sua vida, tanto no âmbito de sua moradia como nos cuidados e tratamentos que serão aplicados em si.

No final da década de 2000, uma nova representação social da velhice toma força e os velhos passam a ocupar cada vez mais lugares na sociedade, contribuindo para as transformações e valorização do velho.

Com os avanços da era computacional e da internet, os mais velhos ainda continuam estranhos ao mundo cibernético, embora a inclusão digital possa aproximar pessoas, permitindo que os velhos tenham contato com um mundo novo, pois “a apropriação de várias linguagens de expressão permite ao idoso um considerável aumento de seu universo cultural, além de um significativo enriquecimento de suas relações sociais” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 45, 2009, n.p).

A revista *A Terceira Idade* ressalta a importância das práticas corporais na velhice que estão diretamente ligadas à melhoria da qualidade de vida, promovendo a saúde e uma integração social entre os mais velhos (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 48, 2010, n.p). Desta forma, as atividades físicas devem fazer parte da velhice como forma de prolongar a vida e manter um estilo de vida saudável.

Além disso, a revista considera a velhice como uma fase em que os cidadãos são “socialmente mais frágeis” (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 49, 2010, n.p), assim como as pessoas com deficiências e as crianças, uma vez que, a arquitetura e urbanismo das cidades não foram pensadas para receber este público “frágil” exigindo muita flexibilidade e esforço físico para se moverem nos cenários urbanos.

Na edição de novembro de 2014, surpreendentemente, a revista se refere às pessoas acima dos 60 anos como “velhos” e ainda, alerta para o fato de que, na velhice, as pessoas podem ser vítimas de violência devido às limitações físicas e o preconceito quanto à mobilidade, quanto à capacidade de aprendizagem e socialização que ainda permeia a sociedade e impedem de ver o velho como um ser contribuinte e rico de valores e experiências. Neste sentido,

Percebem-se atitudes sociais em relação à velhice predominantemente negativas, resultantes de falsas crenças a respeito da capacidade dos velhos em relação ao trabalho, ao aprendizado e adaptação a novas situações. Os estereótipos levam a discriminação e, por sua vez, afetam a qualidade de vida e o bem-estar de quem se encontra em situação de exclusão. [...] aos velhos (são conferidos) atributos como carência, fragilidade e passividade (*MAIS 60*, ed. 61, 2014, n.p).

A velhice, deste modo, ainda carrega um sentido negativo, pois “[...] o termo ‘velho’ ainda encontra resistências nos discursos e se cria uma série de eufemismos com o objetivo de afastar o ‘lado sombrio’ da velhice” (*MAIS 60*, ed. 66, 2016, n.p) como se ser velho significasse dependência financeira, física e emocional, além de limitações e o isolamento social a fim de esperar a morte:

Frequentemente, pessoas idosas são vítimas de rituais de agressões expressas em diversas manifestações no cenário social. A forma como os idosos são tratados pela sociedade reflete os mitos e os estereótipos sobre a velhice e os velhos, associados a atributos negativos e, neste sentido, uma simples piada pode vir carregada de preconceito (*A TERCEIRA IDADE*, ed. 54, 2012, n.p).

A partir da concepção da velhice apresentada no título da revista, verifica-se que a revista *Mais 60*, adotou o posicionamento do envelhecimento positivo, largamente defendido pela gerontologia, e que, de certa forma, nega a velhice ao defender que com a prática de

exercícios físicos, uma alimentação saudável e uma vida produtiva seria possível evitar os problemas físicos e mentais inerentes à velhice, como se a pessoa pudesse escolher ou não envelhecer.

Das concepções de velhice trazidas nos editoriais da revista *Mais 60*, conclui-se que a velhice é retratada como uma fase da vida que merece um novo olhar da sociedade a fim de desconstruir preconceitos e a visão negativa do envelhecimento. A revista ainda se preocupa em trazer à discussão temas importantes relativos à velhice, alertando a sociedade sobre sérios problemas como, por exemplo, o aumento das taxas de suicídio entre os mais velhos e procura diminuir as distâncias entre “o velho e o novo”, incentivando a todos terem uma velhice serena, saudável e feliz, apesar de uma representação social positiva da velhice ser empregada e defendida pela revista, como se falar “velho” ainda fosse uma ofensa.

3.2 Análise da entrevista de Lourdes Barreto

A edição n. 77 de agosto de 2020 trouxe a entrevista de Lourdes Barreto, lutadora pelo direito de se identificar como prostituta, pelos direitos da classe, por melhores condições de trabalho e contra a violência sofrida pelas mulheres. Militante a mais de 40 anos pelos direitos à autoafirmação e reconhecimento. É conhecida pelo vasto conhecimento nas questões de gênero e por sua atuação na defesa dos direitos das mulheres e no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

3.2.1 Memória

Nascida na cidade de Catolé do Rocha na Paraíba, morou em muitas cidades deste Estado e, embora sua família ainda more na Paraíba, perdeu sua referência, o mesmo que acontece a muitos nordestinos que vão para São Paulo e não voltam para o nordeste, sendo isso uma questão cultural.

A origem do sujeito é de grande pertinência para se conhecer suas raízes e a forma como adquiriu os valores, hábitos e posicionamentos ao longo de sua vida, porque permite compreender o ponto de referência, e como significados foram construídos em sua cultura.

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, e que sofreu a influência de vários povos europeus, no período colonial, tem muitas regiões que apresentam sua característica e culturas próprias. Em uma única viagem se pode conhecer vários “Brasis”, o que denota o contraste de realidades existentes dentro de uma mesma nação.

A migração da população do norte e nordeste do Brasil para as regiões ao sul são muito frequentes e são motivadas pela busca de um trabalho e uma melhor qualidade de vida para si e sua família. Esta migração, que pode ocorrer dentro de uma única nação ou mesmo ao redor do mundo, “produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares” (WOODWARD, 2000, p. 22), uma vez que, o indivíduo é inserido dentro de uma nova cultura e de uma realidade diversa da qual estava adaptado.

Nunca foi vítima da violência enquanto trabalhava nas casas de prostituição, mas Lourdes sofreu violência dentro de sua própria casa, pois seu pai era machista e sua mãe era submissa e vítima da violência. Por isso, considera que sua verdadeira família são seus filhos, seus netos, seus amigos, seus clientes, pois eles sabem quem ela é, e apesar de ter ido a Catolé várias vezes, não mantém contato com aquela família.

Em muitos casos, a violência é utilizada, nas relações de poder, como instrumento de dominação e controle sobre os mais fracos. A violência contra mulher é de longa data, sendo considerada “legítima e justa”, por aqueles que consideram que o homem superior à mulher.

A violência familiar ainda encontra-se presente em muitos lares, como ocorreu com a família de Lourdes, quando o homem assume o papel de dominador pelo uso da força física e ou econômica e as mulheres, ocupam o papel de vítimas. Este desequilíbrio da relação familiar faz com que a mulher perca sua subjetividade, liberdade e autonomia, gerando sérios danos físicos e psicológicos, uma vez que,

No exercício do poder patriarcal, amparados por normas sociais que convertem diferenças sexuais em papéis sociais masculinos e femininos, aos homens foi autorizado exercer toda forma de controle sobre as mulheres – sobre seus desejos, seus corpos e sua autonomia, definindo as condutas adequadas a serem seguidas e quais devem ser coibidas porque consideradas desviantes e ameaçadoras não apenas ao poder do indivíduo, mas à organização política sobre a qual se erguem as bases da sociedade (CERQUEIRA; MOURA; PAZINATO, 2019, p. 12).

No caso de Lourdes, a violência sofrida dentro de casa abalou sua estrutura familiar, fazendo com que saísse de casa e abandonasse aqueles que seriam suas referências, levando-a para o caminho da prostituição.

No Brasil, conforme figura abaixo, verifica-se que a mulher é vítima de violência doméstica com maior frequência do que o homem, em razão de questões históricas, culturais e sociais:

FIGURA 03 - Tabela de violência doméstica por sexo

Sexo	Sofreu violência (por parente/conhecido/cônjuge)		Total
	Sim	Não	
Masculino	0,1	47,9	48,0
Feminino	0,3	51,7	52,0
Total	0,3	99,7	100,0

Fonte: PNAD 2009/IBGE.
Elaboração dos autores.

Fonte: Cerqueira; Moura; Pazinato (2019, p. 17).

Conforme o quadro acima, o número de mulheres que sofrem violência doméstica pelo companheiro, conhecido ou cônjuge é três vezes maior do que acontece com os homens.

FIGURA 04 - Tabela do local da última agressão sofrida pelas mulheres

Local da última agressão (Em %)	
Residência própria	43,1
Residência de terceiros	6,2
Estabelecimento comercial	3,8
Via pública	36,7
Em estabelecimento de ensino	6,9
Transporte coletivo	1,2
Ginásio ou estádios esportivos	0,3
Outro	1,8
Total	100,0

Fonte: PNAD 2009/IBGE.
Elaboração dos autores.

Fonte: Cerqueira; Moura; Pazinato (2019, p. 18).

A violência contra a mulher ocorre, geralmente, conforme a figura 4, em sua residência (43,1% do total de casos), seguida por agressões nas vias públicas (36,7%).

Os dados acima comprovam que a violência contra mulher provocada pelo marido ou companheiro ainda continua em muitos lares. Seu fundamento estaria nos estereótipos da

força e poder masculino, que causam a desigualdade de gêneros, fazendo a mulher estar em situação de dominação e sujeição, principalmente, nas famílias baseadas no patriarcalismo.

O patriarcalismo, caracterizado pela autoridade imposta pelo homem sobre a sua mulher e seus filhos, com uma relação familiar baseada na violência e submissão, tem uma origem cultural e histórica. Contudo, para que o homem exerça esse poder, é preciso que o patriarcalismo seja o fundamento de toda a organização da sociedade, inclusive, da produção, do consumo, da política, da legislação e da cultura (CASTELLS, 2018).

De acordo com Castells (2018) o patriarcalismo tem-se transformado nos últimos anos, devido à inserção do trabalho feminino e à conscientização da mulher promovidas pela luta da mulher e pelo movimento feminista.

Aos 14 anos de idade, Lourdes saiu da Paraíba e foi para Belém, após ter sofrido violência familiar e ter achado melhor não continuar naquele lugar. Posteriormente, foi para Recife trabalhar em um cabaré e trabalhou em todo nordeste entre os anos de 1954 a 1957, época em que foi para Belém ser dançarina de cartão.

Lourdes escolheu Belém para residir e ter filhos, pois “é uma cidade fêmea” (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 98). Morou nas boates mais chiques durante muitos anos até a chegada do Golpe Militar, época em que foi presa várias vezes sem saber a razão e que, neste período, fecharam o chamado Quadrilátero do Amor.

O Quadrilátero eram quatro ruas no centro onde ficavam as casas de prostituição, com cerca de 3.800 prostitutas de muitos lugares do mundo. As outras prostitutas e Lourdes resistiram à Ditadura. Após o fechamento do Quadrilátero, Lourdes resolveu alugar uma casa e se mudar com seus dois primeiros filhos.

É interessante observar como a entrevistada se refere à cidade de Belém como uma “cidade fêmea”, provavelmente, destacando o significado e sentido da palavra empregada para designar as características típicas do gênero feminino aplicadas à cidade.

A construção de sentidos é um processo internalizado e projetado pelo sujeito e que leva à produção de significados que podem ser confusos e de difícil compreensão para o outro que não “imergiu” nas experiências vividas pelo sujeito. É um processo repleto de subjetividade que transmite uma visão de uma realidade, que nem sempre pode ser real, mas sim, um fruto do imaginário.

Os netos de Lourdes tiveram uma oportunidade que ela não teve: a de estudar e, embora ela não tenha estudado, Lourdes já passou a noite contando histórias para suas filhas, pois conhecia muitas histórias por ter convivido nos cabarés da vida e conhecido poetas, atores

e pessoas que sabiam as histórias da cidade. Inclusive, uma de suas histórias foi uma questão da prova do Enem.

Lourdes tem um importante envolvimento na defesa das mulheres idosas em sua região, sendo uma pioneira na luta contra a AIDS no Brasil e fundadora da Rede Brasileira de prostitutas e do grupo de mulheres prostitutas do Estado do Pará (Gempac).

O Gempac foi criado com objetivo de falar de direitos, da questão de gênero e de identidade e que vem discutindo estas questões há muito tempo, além de outros assuntos como condições de trabalho e de enfrentar a violência social, política e humana. Assim, o Gempac é um grupo, um movimento que é referência na região, e onde havia uma prostituta, as integrantes estavam.

A criação de grupos para a luta pelas minorias é de suma relevância para defesa de direitos, pois traz reflexões e questionamentos para a sociedade sobre os temas de seus interesses. Sua atuação faz com que suas vozes sejam ouvidas, pois quando um grupo se une em torno de interesses comuns, é muito mais fácil atingir seus objetivos.

Os grupos assumem as identidades de seus membros fazendo com que sua representatividade seja ativa e efetiva, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e uma vida melhor para seus membros.

Morando sozinha, Lourdes Barreto sai para qualquer lugar, embora, para viajar, tenha que levar um acompanhante, porque faz uso de remédios de uso contínuo.

Durante sua vida, Lourdes desenvolveu muitas atividades, inclusive, foi vereadora, fez um roteiro de minissérie, trabalhou em garimpo, desfilou em escola de samba, e no seu bairro, ajudou a criar associação dos moradores e a instalar a Delegacia da Mulher no Pará, o Conselho Tutelar, e trabalha na luta contra a AIDS.

Por se considerar muito ligada à família, Lourdes gosta aos finais de semana de cozinhar e de convidar toda a família, pois sempre tem tanta coisa para fazer que não tem tempo para tristeza, que sua agenda sempre tem muitos compromissos como, por exemplo, dar palestras para a população secundária, para familiares ou mulheres privadas de liberdade e, até mesmo, para mulheres da alta sociedade com temas sobre a sexualidade na velhice e violência contra mulher.

3.2.2 A Mulher

Lourdes Barreto não faz qualquer tipo de apologia prostituição e nem é a favor da mulher que se prostitui sob o argumento de que não há nada para fazer, porque todo mundo

pode fazer algo. Afirma que foi para prostituição, porque queria conhecer a fragilidade masculina e que, como mulheres, “somos fortes, temos um poder muito grande que, muitas vezes, a gente não sabe nem como conduzir isso, e eu sempre digo que sou uma mulher feliz” (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 99).

Lourdes trabalha e luta para desconstruir a frase sobre as mulheres, inclusive prostitutas, de que a mulher é o sexo frágil. Para ela, a mulher é um sexo forte, com muito talento, sendo relevante lembrar que 99% das prostitutas trabalham sem condições mínimas. Então, por que a mulher é considerada o sexo frágil?

A imagem de mulher frágil disseminada na Idade Média, e ainda presente nos dias atuais, é advinda do romantismo da cavalaria, quando a donzela, cuja única preocupação era com os bordados e bandolins, estava à espera de seu príncipe (ALVES; PITANGUY, 1985).

Esta representação simbólica da mulher é totalmente distorcida do que seria a vida concreta, atual e real da mulher em seu cotidiano, que em jornada tripla ou até mesmo quádrupla, acumula a sua profissão, o papel de esposa, o trabalho doméstico e a educação e criação dos filhos.

A mulher guerreira por natureza que batalha contra o simples fato de ser mulher, é um sexo forte e que luta para desmistificar a sua imagem e o seu papel, desconstruindo as obrigações impostas pelas regras sociais. A mulher busca quebrar as imposições sociais atribuídas ao seu sexo, como, por exemplo, a de ser mãe, além de batalhar pela igualdade com os homens e para assumir direitos e posições ocupadas geralmente pelo sexo masculino, como cargos políticos e de gestão/direção, além de provedora de seu lar.

Lourdes sente que a sua sexualidade era reprimida quando mais jovem, e acha que, ao chegar na velhice, esta parte de sua vida melhorou muito, porque ela tem mais tempo para se dedicar a si mesma. A sexualidade é mais que o ato de ter uma relação sexual, é vestir uma roupa de que gosta, é gostar da cor do cabelo, é arrumar o cabelo e é confundida, por muitas pessoas, com sensualidade, que é o saber o que você quer. Para Lourdes, a sensualidade e sexualidade estão muito mais bem definidas agora do que quando era mais jovem.

A sexualidade da mulher ainda está envolvida em uma série de preconceitos e mitos. Enquanto que, para o homem, a sexualidade está ligada ao seu desempenho sexual que é um símbolo de sua virilidade, para a mulher, a sua sexualidade está ligada ao prazer do parceiro e é cercada de regras e tabus.

À uma mulher que demonstra ter uma vida sexual mais ativa, com uma maior liberdade, lhe são conferidos nomes pejorativos e xingamentos, pois o sexo feminino não dispõe da mesma liberdade sexual que o homem, e

A segurança da paternidade depende do controle da atividade sexual da mulher. Este controle se atualiza em tabus e proibições sexuais que cercam o corpo feminino, impregnando a experiência concreta da vida da mulher. Sua referência, seu modelo, não é a liberdade, e sim a contenção. Em nome da ‘honra’ da mulher estabelece-se um duplo modelo de moral, pelo qual se define sua sexualidade através da limitação, enquanto que a do homem é definida pelo desempenho. A virgindade, a castidade, a passividade sexual, a carga de tabus e preconceitos, constituem os principais elementos sociais socializadores da sexualidade feminina (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 60).

Para a parcela da sociedade cujo posicionamento é voltado para a valorização do homem e machismo, o prazer da mulher ainda deve ser voltado para a satisfação masculina e para a procriação, assegurando a real paternidade da criança, sendo os desejos e fantasias da mulher, muitas vezes, reprimidos sob o manto uma falsa moralidade.

Para Lourdes conciliar a maternidade com a profissão “não foi um mar de rosas” (*MAIS 60*, ed. 77, p. 99). Por isso, enfrentou vários desafios e lutas, e como é uma sonhadora, sempre acreditou que podia mudar o mundo e realizar o seu sonho da maternidade.

Ao criar os seus quatro filhos sozinha, pois os pais não assumiram as crianças, Lourdes Barreto não parou de trabalhar, pois se considera uma mulher livre. Ademais, as outras mulheres do cabaré a ajudaram a cuidar de seus filhos, enquanto ela trabalhava, porque, segundo ela, “todas as putas são feministas e eu já era feminista antes mesmo de falar essa palavra desde os anos 50” (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 99).

Para a mulher, viver a maternidade não é um processo simples, especialmente, sem a família ou alguém ao seu lado que lhe dê apoio e ajuda neste momento. As transformações em seus corpos, a expectativa da nova experiência de ser mãe, a necessidade de reorganizar a sua vida, são, sem dúvidas, muito mais difíceis para uma mulher sozinha e para uma prostituta que tem que enfrentar preconceitos, discriminação por parte conservadora da sociedade e o abandono por parte do pai de seus filhos.

O fato de as prostitutas incorporarem o feminismo em sua realidade fez com que o grupo se ajudasse e se unisse na luta contra as opressões sofridas não apenas por parte dos homens. Outras mulheres também julgam e condenam sob o argumento da moralidade, em confronto com a sororidade.

A sororidade faz com que as mulheres tenham um sentimento de empatia e união por compartilharem uma identidade ou mesmo uma condição, em oposição a quaisquer formas de violências sofridas.

É desconstruir que as mulheres devem estar em constante competição e disputas pelos espaços ou qualquer outro tipo de vantagem, amplamente incentivado pelo

individualismo, patriarcalismo e por uma sociedade que leva ao consumo exacerbado de bens e serviços. Portanto, o fato das colegas de profissão se unirem para criarem seus filhos, demonstram as formas de se lutar contra a exclusão, o abandono e a discriminação contra a mulher, prostituta e mãe.

Na década de 50, antes mesmo de inventarem a palavra “feminismo”, Lourdes Barreto e outras (Gabriela Leite⁵ e outras prostitutas mais antigas) já faziam feminismo, porque fazer feminismo é lutar por direitos, identidade, acreditar nas suas referências e batalhar pelo que acredita, então, Lourdes considera a todas como feministas.

A luta pelo direito das mulheres não surgiu em um momento único da história, mas foi o resultado da opressão e silenciamento sofridos pelo sexo feminino ao longo da existência humana, visto que, “de fato, a mulher tem sido uma parte silenciosa da memória social, ausente dos manuais escolares e dos registros históricos” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 10).

Assim, na construção da história, a existência do sexo feminino simplesmente foi por muito tempo negligenciada como se a mulher não tivesse contribuído para as transformações em todas as áreas do sociedade. Na Grécia antiga, a mulher tinha como obrigação os trabalhos desprezados pelos homens e a procriação e criação dos filhos, não tendo qualquer participação nas áreas política, intelectual e etc.

Na civilização romana, devido à lei do poder pátrio, as mulheres e filhos pertenciam aos homens como se fossem uma propriedade. Porém, neste período, os primeiros movimentos feministas de resistência e que buscavam a igualdade de alguns direitos surgiram. Na Idade Média, a mulher começou a ocupar espaços nas oficinas de artesãos, algumas vezes como mestre, mas ainda eram relegadas as profissões típicas do sexo feminino, conforme as regras sociais vigentes. Neste período, alguns artigos mencionando o trabalho da mulher passaram a ser publicados em um tímido movimento de resistência (ALVES; PITANGUY, 1985).

No século passado, a luta se deu pelos direitos à igualdade de sexo e pela oportunidade de se poder estudar e trabalhar (ALVES; PITANGUY, 1985). Porém, nos dias atuais, a luta é no sentido de igualdade de direitos e salários, pela divisão justa do trabalho doméstico e ocupação de cargos políticos, de gestão e de direção preenchidos na sociedade contemporânea por homens, em sua grande maioria⁶.

⁵ Gabriela Leite Silva foi uma prostituta brasileira da boca do lixo em São Paulo, da zona boêmia em Belo Horizonte, e da Vila Mimosa no Rio de Janeiro. Estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, mas não chegou a concluir. Fundou a ONG Davida, que defende os direitos das prostitutas. Foi também a idealizadora da grife Daspu. Morreu no Rio de Janeiro aos 62 anos, vítima de câncer (ed. 77, 2020, p. 99).

⁶ APENAS 3% das mulheres no Brasil ocupam cargos de liderança. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, postado em 12/07/2019 atualizado em 12/07/2019. Caderno de Economia. Disponível em:

Lourdes ressalta que o movimento (feminista) contribuiu para o coletivo, para que as prostitutas se unissem, criassem os filhos, e se defendessem. Lourdes afirma que não pode estudar, ao contrário de seus irmãos, apesar de seu maior interesse, consideração e cuidado sempre foram com a educação, que, para ela, é um dos fundamentos que permite que a pessoa tenha condições de realizar conquistas em quaisquer espaços.

O feminismo, sem sombra de dúvidas, fez com que as mulheres, prostitutas se unissem e resistissem contra a opressão e violência da sociedade machista e em busca de melhores condições de vida para eles e seus filhos.

O fato de Lourdes não poder ter estudado e sim seus irmãos, que eram homens, é um demonstrativo da sociedade patriarcal e machista que incentivava a educação masculina e desprezava a da mulher que devia se concentrar nos trabalhos domésticos. O homem era considerado naturalmente superior à mulher e devia ser o provedor e autoridade de seu lar. Desta forma, verifica-se que o acesso da mulher à educação era muito limitado, pois historicamente,

[...] ao mesmo tempo em que se desenvolve a instrução masculina em vários níveis, a educação da mulher sofre reveses, tanto no campo do preparo profissional, quanto no campo da formação intelectual, não se tem registro de mulheres frequentando universidades até meados do século XIX. Desaparecem as mulheres médicas, cirurgiãs, advogadas. A obstetrícia, como ramo do conhecimento científico ao qual só os homens tinham acesso, vem retirar das mulheres o monopólio da profissão de parteira, secularmente seu. [...] Não é de se estranhar, portanto, que as primeiras vozes de contestação feminina que a história moderna registra se dirigiam justamente contra a desigualdade sexual no acesso à educação e ao trabalho (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 28).

Aos 77 anos, Lourdes contou que resolveu parar de trabalhar aos 62, 63 anos quando sofreu uma queda e teve que fazer uma cirurgia mas que também já estava cansada.

Porém, Lourdes ainda participa do Conselho dos Direitos da Mulher, em relação ao gênero, e do conselho estadual no Conselho de Saúde, então trabalha em várias instâncias. Lourdes Barreto já foi candidata a vereadora em Belém do Pará e depois percebeu que não era isso que queria, pois embora seja importante a mulher estar no parlamento, o seu papel é estar na base da sociedade conversando com as pessoas.

Lourdes ressalta que as mulheres estão com uma participação maior na política no espaço público e interagindo com questões de identidade e há uma mudança na violência contra prostitutas.

A violência contra mulher está mais evidente agora, porque na sua época, as mulheres ficavam confinadas ao lugar em que trabalhavam, sem poder falar nem denunciar. Atualmente, existem várias associações em todo Brasil e que neste momento, a luta é pela identidade, e portanto, a associação é ativa e participativa, pois sabem que quando é necessário, vão denunciar na Delegacia da Mulher.

Para Lourdes é muito importante trabalhar a questão da mulher de uma forma “carinhosa”, “bonita” (*MAIS 60*, ed. 77, p. 102), porque muitas mulheres enfrentam dificuldades, independentemente de serem prostitutas. Lourdes desenvolve um trabalho entre as mulheres privadas de liberdade e que estas estão em situação de vulnerabilidade social e, como agravante, estão encarceradas e os filhos se encontram abandonados.

A condição de mulher impõe uma série de regras sociais e tabus que devem ser observados para atender os critérios da moralidade. Estes fazem com que a mulher esteja sempre em condição de desigualdade com o homem causando um desequilíbrio na igualdade entre os sexos.

Deste modo, o simples fato de ser mulher constitui uma condição de luta para as mulheres, visto que não possuem as mesmas liberdades e oportunidades que os homens e geralmente encontram-se cercadas por limitações e preconceitos diante de uma sociedade fundamentada nos princípios do patriarcalismo, fazendo com que as mulheres tenham que batalhar pela igualdade de gênero e em buscar o reconhecimento de sua identidade.

3.2.3 Identidade e representação

Com 77 anos de idade, Lourdes frisa que é mãe de 4 filhos sendo dois homens e duas mulheres, avó de quatro netas e seis netos e bisavó de 3 meninas e 4 meninos. Mas a identidade do sujeito é definida pelos papéis sociais que ocupa?

Para uma sociedade preconceituosa e conservadora, os papéis de prostituta, de mãe e de avó não podem se conciliar devido à incompatibilidade de valores sustentados por uma maioria e ausência de padrões morais que justificariam uma exclusão e dominação.

Embora o papel social desempenhado pelo sujeito faça parte da constituição total do eu, não corresponde à totalidade de sua identidade, visto que o mesmo sujeito pode desempenhar vários papéis sociais, em uma combinação, de uma identidade, acordo com Hall (2006) múltipla, desconcertante, mutante e temporária. Neste sentido,

A identidade é totalidade, e uma de suas características é a multiplicidade. Os papéis sociais são impostos ao indivíduo, desde o seu nascimento e assumidos pelo mesmo na medida em que se comporta de acordo com a expectativa da sociedade. Por exemplo: na presença do filho, o homem se relaciona como pai; na presença de seu pai, comporta-se como filho. Se for também professor do filho, o pai será pai/professor e aquele será filho/aluno. O papel de pai, bem como o de filho, materializa a identidade como totalidade/parcialidade, pois sendo expressão de uma parte, não revela a identidade por inteiro. A cada personagem materializado, a identidade tem assegurada sua manifestação enquanto totalidade, mas uma totalidade que não se esgota nem tampouco se resume à concretização de personagens. As personagens são partes constitutivas da identidade e, ao mesmo tempo, configura-se como um todo que se cria a si mesmo, enquanto fenômeno de uma totalidade concreta. A identidade é ainda um universo de personagens já existentes e de outros ainda possíveis (LAURENTI; BARROS, 2000, n.p.).

Lourdes Barreto sempre esteve presente em todos os espaços se apresentando como puta e “não tinha isso de ser prostituta”. Lourdes afirma que participava como puta mesmo e “essa palavra que é a palavra” (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 103).

Por assumir esta identidade, chamou a atenção de várias pessoas e passou a dar palestras até os dias atuais. Por isso, é uma mulher revolucionária, feliz, que se orgulha de quem é e que sempre cuidou de seus filhos sem negar a sua identidade. Por isso, fez a tatuagem “eu sou puta”. Mas qual o sentido da tatuagem de Lourdes Barreto?

Sua tatuagem é um símbolo de resistência e de afirmação de sua identidade. Lourdes foi a pioneira no mundo a ser tatuada com esta frase e que, por causa dela, ganhou grande visibilidade na sua história, na sua vida e nas suas lutas e conquistas, ministrando vários congressos.

A origem da tatuagem é tão antiga quanto a própria existência da humanidade, e inicialmente, era usada pelos povos primitivos para registrar a história do indivíduo em seu próprio corpo. Posteriormente, a tatuagem encontrou novas formas de ser utilizada como símbolos de identificação, em ritos de passagem de um grupo ou, ainda, como sinal de pertença de um sujeito a um sistema social ou religioso (LE BRETON, 2004).

Ao longo da história, a tatuagem passou por momentos de proibição, como ocorreu durante a propagação do cristianismo, visto que a marcação na pele era proibida no Livro Sagrado. A proibição da tatuagem permaneceu por muito tempo, até a expedição à Polinésia de 1796 do navegador inglês James Cook, cujos marinheiros tiveram seus corpos tatuados e que, ao retornarem, contaram como os povos daquele lugar tinham seus corpos cobertos de imagens.

No século XIX, as sociedades ocidentais ainda consideravam a tatuagem como um costume primitivo, e segundo alguns estudiosos, como Lombroso e Lacassagne, os tatuados eram pessoas "selvagens, quer dizer homens menores, pouco civilizados, e inclinados a todas

as formas de delinquência" (LE BRETON, 2004, p. 35), pois os estudiosos desconheciam outras formas de concepção para o sentido da tatuagem.

Por volta de 1891, com a invenção da máquina elétrica de tatuar, o número de jovens tatuados cresceu bastante, principalmente, na Europa e nos Estados Unidos, e nas décadas seguintes, a tatuagem tornou-se um símbolo das "culturas marginais".

Embora, nos dias atuais, muitas pessoas vejam a tatuagem como uma expressão artística, uma manifestação da liberdade sobre o próprio corpo e como uma representação de sua identidade, ainda persiste, aqueles que associam uma imagem negativa e estigmatizada da identidade dos indivíduos tatuados, motivadas por preconceito e questões histórico-culturais que associavam a tatuagem aos criminosos, marinheiros e indivíduos marginais.

A tatuagem do antebraço de Lourdes Barreto não foi feita para si, como um simples objeto de adorno, mas foi feita para os outros, uma vez que, sua posição no antebraço é para ser vista por outros olhos. É uma mensagem para os outros, um processo dialético carregado de sentimentos e motivação, com a intenção de provocar, de causar curiosidade e confronto de opiniões. É levar o outro a refletir sobre o seu posicionamento na sociedade, levando a contradições e contraposições de ideias, fomentando novas mudanças sociais.

FIGURA 05 - Fotografia de Lourdes Barreto com destaque em sua tatuagem



Fonte: *Mais 60* (ed. 77, 2020, p. 101).

Para Lourdes, sua marca corporal é o sinal de afirmação de sua existência para os olhos dos outros, e que construiu uma mensagem simbólica de resistência contra a situação de exclusão e estigmatização das prostitutas.

A tatuagem foi o caminho encontrado por Lourdes para chamar a atenção da sociedade para os problemas enfrentados pelas prostitutas, e que, ao mesmo tempo, demarca a sua identidade e pode ser considerada ousada para alguns. Entretanto, sua tatuagem pode ser vista como ofensiva para outros, diante dos padrões sociais de moralidade. Deste modo,

As modificações corporais afirmam uma singularidade individual no anonimato democrático das nossas sociedades, permitem que uma pessoa se julgue única e válida num mundo onde os limites se perdem e em que abunda a iniciativa pessoal. Provocam o olhar, agarram-se a um look e atraem as atenções. São uma forma radical de comunicação, de se dar valor e evidência para escapar à indiferença (LE BRETON, 2004, p. 24).

Ao se tatuar “Eu sou puta”, Lourdes Barreto reivindicou essa identidade que tem um significado subjetivo íntimo. Ao contar a sua história de vida e de pertencimento, evocou lembranças, despertou curiosidade, e principalmente, criou oportunidades para que Lourdes lutasse em prol de melhores condições para ela e seu grupo de profissão em um mundo marcado pelas disputas e confrontos das relações de poder.

Quando uma mulher, prostituta e tatuada resolve lutar por justiça, quebra todos os paradigmas da sociedade tradicional chamando a atenção para a sua causa, fazendo o seu nome ganhar destaque nos espaços em que atua. Ao dizer em sua tatuagem “eu sou puta”, Lourdes trouxe visibilidade para o seu nome que passou a ser associado à sua identidade e à causa pela qual luta, pois um nome ou uma frase podem estar carregados de simbolismo e significados para o sujeito.

O nome, mais do que uma etiqueta com uma informação a respeito do sujeito, representa uma das matérias constituintes identitárias e que traz informações sobre origem, parentesco e até mesmo a posição social assumida ou referenciada diante dos outros.

Ao dizer “meu nome é Lourdes Barreto” de forma tão enfática na reportagem, Lourdes defende o seu nome, como um elemento de identificação e individualização. Conforme o exemplo de Brandão,

Pedro é um nome. Nomeia um indivíduo, uma individualidade, uma identidade de pessoas. Muitos Pedros são, cada um, um Pedro. [...] A identidade pessoal reveste-se de posições familiares, ordens na escala dos nascimentos, relações entre parentes. [...] Outros nomes, títulos, diferenciadores de crença, posição social, ‘raça’. Indicadores sociais de status e papéis, uns atribuídos a ele por ‘berço’, ‘cor de pele’, ‘posição social’; outros adquiridos por eleição ou vocação. Na verdade uma trama complicada

de relações de direitos e deveres socialmente codificados e escritos nas regras de trocas entre os atores sociais de seu mundo: Pedro Garcia de Oliveira. Escritos – às vezes com maiores poderes de orientação da conduta – nas normas sociais que o uso faz e a reprodução do uso consagra (BRANDÃO, 1990, p. 22).

Lourdes Barreto, ao pronunciar o seu nome, faz questão de se auto afirmar como sujeito em uma história de lutas, ciente de quem é e do que quer. Mas por que a afirmação da identidade é tão importante? A afirmação de identidade permite que o sujeito represente o sentido que dá a si mesmo e a sua relação com os outros, diferenciando-se por aquilo que lhe caracteriza.

Para as mulheres, discutir a questão da identidade é muito mais do que falar sobre o papel do gênero feminino. Falar de identidade é lutar por uma condição de igualdade, é chamar atenção para os problemas existentes em toda relação de poder e que são frequentemente ocultados por um discurso dominante e que sempre apresenta uma resposta aparentemente satisfatória para justificar a dominação.

Nas últimas décadas temos visto uma forte onda de movimentos sociais (negros, indígenas, feministas, homossexuais, e entre outros) que partem das questões identitárias para afirmação de suas singularidades e reivindicação de direitos sociais e políticos historicamente negados. Do mesmo modo, fenômenos que pareciam estar superados, como nacionalismos, regionalismos, fundamentalismos, racismos, chauvinismos, entre outros discursos que fundamentam as identidades culturais, vêm se tornando não muito raros. Todos esses movimentos sociais das chamadas minorias culturais e étnicas e de outros fenômenos sociais aparentemente superados têm levado a problemática das identidades culturais ao centro das discussões acadêmicas [...] buscando compreender como se processa a formação e transformação das identidades culturais. Tudo isso faz do conceito de identidade um dos mais importantes para pensar e analisar os fenômenos socioculturais da contemporaneidade [...] (SANTOS, 2011, p. 142).

Mas por que falar da identidade é tão importante? Tratar da questão da identidade hoje é fazer com que o sujeito ou grupos minoritários antes silenciados e desprezados tenham suas existências percebidas, ocupando um lugar ao sol.

É trazer à luz aquilo que estava escondido ou omitido sobre justificativas infundadas, como a religião, por exemplo, e que são homogeneizadoras dos sujeitos e que tentam impedir o processo de formação da identidade por poderes ou forças que tentam padronizar uma realidade.

Discutir a identidade é ver sobre a perspectiva dos outros, é verificar como as identidades são construídas e formadas, e desta forma, poder assegurar aos sujeitos, direitos e oportunidades e que se não tivessem os elementos de sua identidade trazidos à reflexão social, continuariam à margem, vivendo no anonimato.

A imagem da fotografia destaca a personalidade de Lourdes Barreto e que não tem medo de dizer quem ela é, e pelas causas que luta.

Desta forma, a identidade se constitui dialeticamente entre o sujeito e a sociedade em um processo contínuo e infundável, visto que, conforme Hall (2006) a identidade não é fixa e está em constante construção, devido às transformações sociais, globalização e fragmentação do sujeito na modernidade. Portanto,

[...] entre Psicólogos clínicos e Psicanalistas, identidade pode ser um conceito que explique, por exemplo, o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu, de uma realidade individual que a cada um de nós nos torna, diante de outros eus, um sujeito único e que é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade. A consciência de minha continuidade em mim mesmo (BRANDÃO, 1990, p. 23).

A identidade, mais do que dizer quem a pessoa é, envolve todo o processo e movimento de construção do eu e sua relação com os outros, ressaltando as diferenças, para se auto afirmar como único, diante de um discurso dominante e homogeneizador dos indivíduos. Mas o que acontece com a construção identitária de mulheres que sofrem violência sexual e doméstica?

A construção da identidade é um processo dinâmico e ativo que não se restringe a uma fase ou a um momento único da vida e consiste em um verbo de ação. Mulheres vítimas de violência doméstica e sexual podem aceitar se manter no relacionamento violento, por questões financeiras ou sociais, tendo suas vozes silenciadas, assim como ocorreu com a mãe de Lourdes.

Outras, aproveitam a oportunidade para reescreverem suas histórias, resistindo e lutando contra a opressão e força silenciadora existentes em todo o confronto que envolve relações de poder. Ao terem suas identidades forjadas no contexto que poderia ser devastador, surpreendentemente, os sujeitos criam “novas” identidades, marcadas pela resistência.

Segundo Castells (2018), a “identidade de resistência” é formada naqueles sujeitos que são estigmatizados e excluídos, as ditas minorias, e que lutam por sua sobrevivência e seus direitos com base em seus princípios, em confronto com o posicionamento elitista e dominador presente nas instituições que permeiam a sociedade.

A história de vida de Lourdes Barreto produz reflexões sobre as violências sofridas contra mulher e suas consequências, além de fazer repensar como a partir das violências sofridas, a entrevistada teve sua identidade forjada no fogo da resiliência, aplicando toda a sua

energia para transformar a sua vida e de outros indivíduos, além de garantir condições de trabalho melhores para outras prostitutas.

O processo de construção da identidade, muitas vezes, busca a sua justificativa no imaginário, pois o sujeito acredita que a sua identidade é constituída em uma totalidade, todavia, ela é formada por processos inconscientes e inacabados, existindo sempre uma parte imaginária ou fantasiada de sua identidade (HALL, 2006) e,

[...] embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e ‘resolvida’, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma ‘pessoa’ unificada que ele formou na fase do espelho. Essa, de acordo com esse tipo de pensamento psicanalítico, é a origem contraditória da ‘identidade’. Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 38).

Pensar que a prostituição teve início em “querer se conhecer a fragilidade masculina” é ignorar os processos inconscientes e imaginários de formação da identidade e menosprezar todas as forças que levam as minorias às situações de abandono e exclusão.

O fato de ser mulher e vítima de violência sexual intrafamiliar, além de não poder permanecer em seu lar junto de sua família, aliado à falta de recursos econômicos e apoio familiar/social, certamente contribuíram para que a entrevistada fosse levada para o caminho da prostituição.

Concluir de forma contrária, poderia ser ingênuo e até mesmo negligenciador de situações que levam à marginalização e violência contra uma minoria (mulheres e prostitutas) que tenta fazer sua voz ser ouvida diante forças hegemônicas e que tentam sufocar qualquer reação de luta e resistência contra o jogo de opressão elitista e machista.

3.2.4 A Velhice

Lourdes está bem tranquila com seu envelhecimento, e que o envelhecimento “que tudo é cabeça. Não é outra coisa. O corpo também, mas a cabeça tá junto” (ed. 77, 2020, p. 101). Lourdes luta pelos direitos das mulheres acima dos 60 anos, “porque há uma exclusão social muito grande ainda, um preconceito e uma discriminação, no sentido de achar que as pessoas que viveram mais não significam mais nada, não tem prazer, não querem mais viver” (MAIS 60, ed. 77, 2020, p. 100).

Os velhos continuam lutando para desconstruir os mitos de que, na velhice, não é possível ter prazer, paixão, sonhos ou vontade de viver, pois todos os velhos estariam fadados a um momento reservado para aguardar a morte.

O sexo na velhice ainda é cercado de tabus e permeado por frases como: “nessa idade não tem vergonha de falar disso”, “é velho e ainda quer fazer sexo” e “velho desse jeito e ainda pensa naquilo”, como se a satisfação física e sexual fosse um objeto desejável apenas durante a juventude.

Lutar para que os velhos tenham direitos e que tenham liberdade sobre sua vida e seus corpos, demonstra como Lourdes Barreto incorporou uma identidade de resistência, visto que, com sua participação ativa em várias organizações, sempre busca uma transformação social fazendo com que os excluídos sejam incorporados à sociedade como resultado de um movimento de resistência e libertação contra um discurso repressor dos direitos a uma vida plena e feliz em todos os sentidos,

Assim, a identidade de resistência-libertação funciona como uma espécie de resistência à dominação e uma busca de transformação da realidade, na construção de outra realidade ainda não existente, mas desejável pelos excluídos explorados. De tal modo que afirmá-la significa uma busca por libertação e resistência à condição de dominação/exclusão. Discursivamente cria-se um projeto de resistência/libertação que dá unidade ao grupo e ao movimento para lutar contra opressor (SANTOS, 2011, p. 152).

Lourdes Barreto acredita que nunca vai envelhecer, em contradição com sua fala que diz que está tranquila com seu envelhecimento, porque é uma pessoa madura e amadureceu de uma forma muito “gostosa” e “dinâmica”, aproveitando “vários sabores na vida”. É uma mulher generosa, companheira, que gosta do que faz e sempre se orgulhou da sua profissão, embora ressalte que não faz apologia à prostituição (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 100).

Ela faz questão de frisar que se sente mais feliz agora do que quando era mais jovem, porque ela não sabia como viver a vida tranquilamente, mas alcançou “uma sexualidade muito bem resolvida e se sentia mais feliz...” (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 98).

A velhice pode trazer um sentimento de libertação e de autocontrole que permite que o velho viva sem se preocupar com os limites e restrições impostos pela sociedade que tenta-lhe privar de uma vida tranquila e uma sexualidade bem resolvida. Porém, o pensamento preconceituoso de que o velho não pode ter diversão nem ambições ainda persiste naqueles que não compreendem a velhice como uma fase natural da vida.

O envelhecimento, para Lourdes, está muito mais ligado aos processos mentais e psicológicos do que com o próprio envelhecimento do corpo físico, pois quando a pessoa

envelhece estando bem consigo mesma, acaba compreendendo o envelhecimento de forma natural, e que deve ser vivido com prazer.

3.2.5 Identidade e representação nas imagens

Ao longo da reportagem, a revista *Mais 60* trouxe dois olhos⁷ e oito imagens de Lourdes Barreto, porquanto, as fotografias possibilitam uma forma de leitura sobre o outro, a partir da imagem.

A primeira fotografia tirada bem próximo à face de Lourdes Barreto destaca os sinais da idade de seu rosto. Lourdes aparece com um leve sorriso no rosto, e como possui o cabelo curto, o brinco grande se destaca em sua orelha, demonstrando sua vaidade.

Em um box posicionado à direita acima da fotografia foi colocado “O Raio X” citando o nome de Lourdes Barreto, 77 anos, prostituta, mãe, avó e bisavó, defensora dos direitos das mulheres prostitutas no Brasil e no Estado do Pará. As fotografias da entrevista são produções de Alexandre Nunes e todas as fotografias estão em escalas de cor bege.

Abaixo do olho da reportagem foram posicionadas lateralmente, três pequenas fotografias dando *close* ao tórax com as mãos à frente de Lourdes Barreto e, em cada fotografia, as mãos estão em uma posição diversa, em um movimento narrativo.

Cada fotografia do *close* das mãos demonstra o percurso da entrevista e projetam na imagem, as indagações, as preocupações e os dilemas de Lourdes Barreto, ao falar de suas memórias, sua identidade e da velhice, refletindo o seu estado de espírito em cada resposta dada.

Em outra sequência fotográfica, Lourdes se mostra com a mão com as mãos erguidas como se oferecesse resistência ou fosse rendida. A segunda, mostra a entrevistada como se estivesse estabelecendo um diálogo e se utilizasse das posições das mãos para dar ênfase a sua fala, e a terceira, destaca o rosto de Lourdes Barreto, mais sóbrio, com a testa levemente franzida como se estivesse se concentrando ou prestando atenção na fala do outro.

A reportagem também traz uma fotografia de tamanho mediano da face até os ombros, braço levemente erguido com os dedos da mão encostando no queixo de Lourdes com

⁷ “Olho - Recurso de edição mais usado na Folha para anunciar os melhores trechos de textos longos e arejar sua leitura. Em geral tem apenas três linhas de texto centralizadas, nas quais se destacam frases relevantes e sugestivas do artigo, entrevista ou transcrição. Para ganhar espaço, admitem-se alterações pequenas e supressão de palavras.” FOLHA DE SÃO PAULO. Novo Manual da redação da Folha de São Paulo. São Paulo: Folha Online 1996. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_o.ht. Acesso em 15 abr 2022.

um sorriso leve e ar descontraído, dando destaque à sua tatuagem no braço com a frase “Eu sou Puta”.

Nesta imagem, constata-se uma postura orgulhosa de Lourdes, em relação à sua tatuagem, como se reforçasse a sua identidade e, desta forma, dizendo quem ela é e como quer ser vista pelo outro.

A entrevista de Lourdes Barreto, que ocupa um total de oito páginas da revista, traz um olho de reportagem com os dizeres “eu convivi nos cabarés da vida com poetas, com ator, com pessoas que conheciam as histórias da cidade...” (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 98), destacando suas memórias.

No final da entrevista, há outro olho: “as pessoas confundem sexualidade com sensualidade, é você estar bem, é você estar bem com você mesma, sua cabeça ter um direcionamento, e saber o que você quer. Para mim está muito bem definido isso. Eu acho que bem mais do que quando era nova” (*MAIS 60*, ed. 77, 2020, p. 103).

O olho da reportagem é um recurso jornalístico em que são escolhidas as falas mais importantes ou polêmicas da notícia para lhe dar destaque, dando a entender ao leitor do que a reportagem trata.

Na entrevista de Lourdes Barreto, em dois olhos da reportagem apresentados, trouxeram frases que destacam a velhice. O primeiro se referem à luta de Lourdes pelas mulheres mais velhas e o outro, que diz respeito à sexualidade na velhice, ao final da entrevista. No terceiro olho, *Mais 60* optou em trazer uma frase que trata da memória de Lourdes, em referência aos lugares e pessoas que conheceu.

Da análise da entrevista de Lourdes Barreto, conclui-se que a revista *Mais 60* trouxe poucas perguntas sobre o tema da velhice, em contradição aos objetivos da revista de valorização da velhice. Mas não deveria ser a velhice o assunto de maior destaque da reportagem, visto se tratar de uma revista dirigida às pessoas acima de 60 anos?

Ao fazer poucas perguntas sobre a velhice para Lourdes Barreto, *Mais 60* não apresentou novos dilemas e nem reflexões importantes que pudessem contribuir para diminuir o preconceito, além de desconstruir mitos e estereótipos sobre a velhice, conforme defendido nos editoriais da revista.

A revista *Mais 60*, entretanto, trouxe informações importantes e perguntas pertinentes que possibilitaram compreender parcialmente o processo de construção da identidade da entrevistada, que certamente não pode ser contado em poucas páginas, pois como se pode contar uma vida em algumas linhas?

Mais 60 demonstrou que a história de Lourdes Barreto é uma história de resistência e de luta, de mulher que busca por transformações sociais e que, mesmo na velhice, ainda continua ativa em seus projetos voltados para a mulher, para as profissionais do sexo e contra a AIDS.

Lourdes Barreto se mostrou uma mulher forte, batalhadora, envolvida nas soluções de problemas sociais, mas que também valoriza a família e que sabe que para se ter mudanças sociais é preciso provocar.

3.3 Análise da entrevista de Marta Gil

A edição nº 73 de abril de 2019 da revista *Mais 60* trouxe a entrevista Marta Gil. O repórter da entrevista não é identificado, sendo as perguntas feitas pela *Mais 60*.

Marta Gil, com 69 anos na época da entrevista, é socióloga, especialista em comunicação e disseminação da informação na área da deficiência. Paulistana, formou-se em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e em Letras e Ciências Humanas na USP. Publicou vários livros, artigos e trabalhos na área. Desenvolveu vários trabalhos sobre a deficiência no Brasil, inclusive, na organização da Rede de Informações Integradas sobre Deficiência, que teve como fruto a Rede Saci (projeto que coordenou na USP).

Aparentemente, Marta Gil não teve qualquer dificuldade em responder às perguntas formuladas pela revista *Mais 60* e apresentou muita desenvoltura nas suas falas e trouxe como destaques, em sua entrevista, a deficiência e a Educação Especial.

3.3.1 Memória e trabalho

Nascida em São Paulo, na Rua Frei Caneca próximo à Avenida Paulista, Marta Gil afirma que sua família tanto do lado materno como paterno “são de uma origem muito brasileira”. Seu tio-avô que gostava muito de genealogia conseguiu traçar a árvore genealógica da família em Minas Gerais até 1700, apesar dos registros não identificarem a presença de negros e índios como ocorria na época (que Marta chamou de “limpeza étnica”) (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.102).

Contudo, Marta percebeu que havia traços físicos de índios e negros em alguns parentes, como no caso de sua avó materna, que aparentemente tinha origem indígena, porque tinha os ossos do rosto mais definidos e o cabelo preto. Pelo lado paterno, não há qualquer registro da origem da família, mas é “uma origem bem portuguesa, bem brasileira” e ajudaram

a fundar uma cidade chamada Jambeiro, então Marta se considera “bem brasileira mesmo” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.102).

Mas será que realmente existe uma “origem bem brasileira”? Sabe-se que a identidade é construída a partir de processos históricos (HALL, 2003), e estes processos não são tão simples nos países considerados de “terceiro mundo” e que sofreram fortes impactos dos países colonizadores. Ser de origem brasileira, de acordo com as palavras de Marta, se “confunde” com ser de origem portuguesa, porque a origem histórica e política do Brasil é inquietante, miscigenada e pluricultural.

Nas palavras de Stuart Hall fazendo referência ao povo caribenho, mas que bem se aplica a qualquer país colonizado, como no caso do Brasil, que recebeu vários povos no seu território, “a distinção de nossa cultura é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (HALL, 2003, p. 31).

Portanto, conhecendo que os povos de países colonizados são frutos da mistura de várias etnias/nacionalidades, é praticamente impossível afirmar que uma família teve uma única origem, pois alguma etnia ou nacionalidade poderia ter sido simplesmente esquecida ou intencionalmente ocultada, como ocorreu nos registros genealógicos da família da mãe ou desconhecida como no caso da família do pai de Marta Gil. A identidade do sujeito é constituída, na verdade, conforme o sujeito se vê, associado a um sentimento de pertencimento e autoidentificação com o posicionamento que assume.

A trajetória de Marta na área da deficiência, acessibilidade e inclusão, teve sua origem na convivência familiar, visto que seu pai tinha uma deficiência física, assim como sua irmã mais nova, além de uma tia que tinha Síndrome de Down. Então, Marta se sente confortável com este tema, pois convive com a deficiência desde quando nasceu.

Compreender as histórias de Marta e de como começou sua trajetória com a deficiência, é entender como os seus significados e valores foram construídos. Sua história com a deficiência possibilita uma compreensão de sua relação com “o outro” e o quanto a vida é complexa, desafiadora e cheia de experiências.

Marta Gil sempre fica emocionada e orgulhosa da postura de seus avós, que tinham uma visão à frente de seu tempo, e quando sua filha caçula com deficiência nasceu, resolveram tomar uma atitude. Chegando a fundadora da Pestalozzi no Brasil, Helena Antipoff em Minas Gerais, sua avó decidiu ir para Minas estudar e seu avô ficou em casa com ajuda das filhas. Marta conta que sua tia tinha uma professora particular, porque a professora e a sua avó achavam que isso a ajudaria, e Marta fazia aula junto. Marta considerou isso como um

“comecinho de inclusão” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.102) e como resultado, ela aprendeu muito rapidamente.

Na sua história, Marta relembra as dificuldades pelas quais sua família passou para garantir a educação e uma melhor qualidade de vida para sua tia, que era deficiente. Ao aprofundar nas memórias, é possível constatar as transformações ocorridas no tempo, nas famílias, na história, nas instituições, na sociedade (BOSI, 2012), e no tratamento dispensado à pessoa com deficiência, provocando o confronto entre as transformações dos diferentes momentos históricos seja perceptível e questionada.

Relembra o passado, a coragem e o pioneirismo de seus avós que lutaram contra o esquecimento, desprezo, as injustiças e opressões exercidas por um domínio hegemônico que negava e escondia as pessoas com deficiência, sem se preocupar com o seu futuro, certamente foi um incentivo para a entrevistada se interessar pelo campo da deficiência.

A deficiência física do pai de Marta era uma diferença no tamanho das pernas. Então quando ele andava, balançava o corpo, mas isso não o impediu de viver bem. Ele foi um homem trabalhador, sendo organizador da Associação dos Funcionários e das festas de Natal, pois era festeiro, e foi um dos fundadores da cooperativa de consumo dos Funcionários. Para Marta, conviver com a deficiência é natural, uma coisa que faz parte do seu dia a dia.

Marta fez Ciências Sociais na USP e, como tinha uma bolsa de estudos, fez o intercâmbio para estudar nos Estados Unidos e quando voltou, deu aulas de inglês para ter uma renda. Marta Gil “se via lutando por uma sociedade mais justa, uma coisa assim” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.102) e recém-formada resolveu fazer uma pesquisa, um levantamento bibliográfico sobre pessoas cegas.

Ao descobrir que tinham poucas pesquisas realizadas sobre o assunto e que, no geral, as pessoas trabalhavam com as estimativas da Organização Mundial de Saúde, que dizia que 10% da população tinha deficiência e estes 10% eram divididos em 50% de deficiência intelectual e os outros 50%, em outras deficiências e, Marta decidiu pesquisar.

Marta Gil fez parte do projeto Rondon, uma pesquisa de cunho voluntário, e que capacitou estudantes para irem a campo realizarem diversas tarefas. Sua pesquisa estudou os municípios mais carentes de nove estados brasileiros e que tiveram mais de seis mil questionários preenchidos e que representavam uma população desamparada.

A maioria das pessoas entrevistadas pelo projeto não tinha qualquer noção sobre o que é o Braille, e no geral, ficavam em casa ouvindo rádio, pois era uma população de municípios pobres e carentes. As pessoas entrevistadas, em muitos casos, não conheciam as causas de sua deficiência visual, porque o médico frequentava esses lugares apenas uma vez

por semana ou por mês. Posteriormente, o projeto Rondon foi interrompido, e diante disso, Marta resolveu publicar um livro com os dados coletados e o enviou para a biblioteca do Congresso Nacional, nos Estados Unidos.

No Brasil, a situação de exclusão social e econômica proporcionada pelo descaso do poder público e pela desinformação por grande parte da população, faz com que as pessoas com deficiência fiquem à margem da sociedade, sofrendo preconceito e discriminação. Além disso, as pessoas com deficiência não tem acesso aos bens e serviços públicos que, de forma geral, são acessíveis a todo o restante da população.

Após um período sem trabalhar com a deficiência visual e ao verificar que neste período o conhecimento não tinha avançado, Marta resolveu apresentar à USP uma proposta para pessoas com deficiência que foi aceita. Recebeu uma bolsa por 4 anos e quando retornou para a USP estava com um dilema: tinha uma ideia e uma bolsa de estudos, mas não tinha certeza se daria certo. Então, montou o primeiro sistema de informações sobre pessoas com deficiência e ao mesmo tempo implementou uma nova área temática na USP.

O sistema de informação sobre pessoas com deficiência tinha um formato assistencialista, pois existiam poucas associações, como AACD, APAE, o Lar São Francisco, o Instituto Padre Chico e a Fundação para o Livro do Cego. As informações entre as instituições eram muito precárias e aconteciam via caderneta de telefones, em que as assistentes sociais se conheciam e se comunicavam em busca de vagas para os atendimentos.

Para Marta, a evolução dos trabalhos com a pessoa com deficiência, que era totalmente assistencialista foi ótima e que aconteceu rapidamente. E que o começo foi difícil e desafiador. A situação foi mudando gradativamente e hoje em dia, todo mundo deseja participar. Inicialmente, pediam para as pessoas participarem e elas diziam: “mas eu vou escrever, eu sou dona de casa, no site da USP? Não, não vou, não sei escrever”. E com o passar do tempo, isso foi mudando, e as pessoas foram publicando cada vez mais, pois as pessoas estão mais cientes e dizem: “eu tenho direitos” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.104).

Ser cidadão é ser consciente de seus direitos e deveres, lutando por uma sociedade mais justa, e se reconhecer como parte de um Estado com participação ativa, exercendo seus direitos sociais, políticos e civis, e

Assim, cidadania é uma noção construída socialmente e ganha sentido nas experiências sociais e individuais. Por isso, será aqui compreendida com uma identidade social política. Ora, se identidade pessoal/individual é o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo, a identidade social são as características que o identificam perante as demais comunidades. E, em certa medida, a consciência de pertencer a algo maior, a um coletivo, a uma sociedade. Os traços de uma identidade social e política caracterizam uma dada coletividade perante as

demais. É o conjunto dessas características sociais que orienta a interação dos membros dessa sociedade com relação às demais sociedades, bem como a diferencia das outras: são as características culturais, linguísticas, religiosas, musicais, culinárias, dentre outras, que representam os hábitos de uma comunidade (COSTA; IANNI, 2018, p. 48).

A cidadania instaura-se a partir dos processos de lutas que buscam a efetividade dos direitos, mas que também respeitam as diferenças, pois não se pode tratar igualmente a todos, na medida que se ignora que cada sujeito exige seus cuidados, direitos e tratamentos específicos à sua diferença, e assim

[...] reivindicações em relação aos direitos não se restringem às representações hegemônicas do que se pensa ser uma humanidade constituída e natural, pois as diferenças, assim como a identidade, mesmo num contexto de dissolução do sujeito, são atravessadas por subjetividades diversas, não são totalidades fixas e estáticas passíveis de atribuição sem conflitos sobre a legitimidade dos modos de ser (SILVA, 2006, p. 128).

Marta entende que a educação pública e da iniciativa privada para as pessoas com deficiências, no Brasil, não é suficiente e precisa evoluir, mas acha que há ótimas iniciativas em muitos lugares do Brasil. Às vezes, em cidades pequenas existe algo bom acontecendo e produzindo resultados, e nas escolas, a ideia da inclusão está se consolidando está cada vez mais.

Ao falar na segregação da pessoa com deficiência, Marta acredita que há uma tendência de se voltar a segregar, por parte da maioria das escolas particulares, que têm uma resistência à inclusão devido às exigências dos pais, à falta de preparo dos professores e às cobranças de resultados dos alunos. Os professores não recebem formação adequada, na faculdade, para ensinar um aluno com deficiência, recebendo apenas o conhecimento teórico e, na prática, quando se tem um aluno com deficiência à sua frente, e em algum momento ele se descontrola, “não tem Vygotsky que de conta” (MAIS 60, ed. 73, 2019, p.104).

A segregação sempre esteve presente na história das pessoas com deficiência. Na Antiguidade, pessoas com deficiências, doentes e pessoas velhas que não podiam acompanhar o grupo eram abandonadas. Na Idade Média, na Grécia, se sabe que o corpo sadio e forte era valorizado por ser útil para os soldados durante a guerra, mas as crianças com deficiência eram abandonadas para morrer, pois “[...] aquele que não correspondesse a esse ideal era marginalizado e até mesmo eliminado, entretanto guerreiros mutilados em batalhas eram protegidos pelo Estado” (SCHEWINSKY, 2004, p. 05).

Nos dias atuais, aceitar a segregação e a marginalização da pessoa com deficiência é uma forma de agressão e violência, pois não permite que tenha acesso às mesmas oportunidades e convivência com a comunidade.

Marta Gil acredita que a hora de trabalhar de forma inclusiva e exclusiva com o aluno com deficiência depende de pesquisa, visto que, se precisa do conhecimento do professor e da própria lei. A lei da Educação Especial é única, porque diz que durante um período, o aluno precisa estar na escola regular junto com os outros coleguinhas e, no contraturno, no Atendimento Educacional Especializado para, conforme sua deficiência, aprender Braile, Libras e, se tiver dificuldades no aprendizado do ensino regular, por exemplo, em frações, a professora do AEE vai tentar a utilizar outra metodologia para ajudar a professora da sala de aula.

O Atendimento Educacional Especializado permite que o professor respeite a individualidade e a identidade do aluno, focando em suas necessidades e potencialidades para um maior aproveitamento e desenvolvimento das habilidades individuais do aluno com deficiência.

Esta forma de aprendizado seria um aprimoramento, mas nem todas as escolas utilizam esta metodologia, visto que muitos professores não têm formação e muitos pais ficam com medo do aluno com deficiência abaixar o nível de ensino na sala de aula. Para Marta, porém, é exatamente ao contrário, pois a Educação Especial inclusiva bem planejada e realizada, gera bons resultados, sendo bom para todos.

A Educação Especial inclusiva é um elemento essencial para a desconstrução de preconceitos e mitos contra a pessoa com deficiência. Ao se acreditar nas potencialidades e habilidades do aluno, é possível quebrar os estereótipos da intelectualidade presentes em nossa sociedade, de que o aluno capaz de aprender seria aquele com padrões de beleza e desenvolvimento considerados “normais”, impostos por discursos hegemônicos dominadores e discriminadores,

Por tudo isso, a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais. O direito à diferença nas escolas desconstrói, portanto, o sistema atual de significação escolar excludente, normativo, elitista, com suas medidas e seus mecanismos de produção da identidade e da diferença (MANTOAN, 2003, p. 32).

A igualdade não pode ser utilizada como norma para agrupar os alunos da educação especial, simplesmente rotulando-os como deficientes por não serem “normais”. Se pautar na

igualdade é manter um padrão de hierarquia entre as pessoas. A educação especial tem fundamentado o seu poder, sem perceber, na normalização que defende a igualdade entre as pessoas, e de forma sutil, elege uma identidade como “normal”. Pela perspectiva da diferença como parâmetro para identificar os alunos, desconstrói-se a hierarquização entre os sujeitos, e cria-se uma escola que valoriza e reconhece a diferença dos sujeitos (MANTOAN, 2003).

Acreditar na capacidade cognitiva da pessoa com deficiência é um deve do professor, e frases como "ah, esse aluno com deficiência vai abaixar o nível e eu não quero tirar ele da sala do meu filho!" (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.105), como cita Marta na entrevista, demonstram desinformação, preconceito e uma visão totalmente equivocada da pessoa com deficiência.

Marta conta que a Rede Saci foi uma segunda rede, fruto do Reintegra - Rede de Informações Integradas sobre Deficiência, de quando foi para USP nos anos 90.

O nome Saci se deu por duas razões: a primeira, é um acrônimo de solidariedade, apoio, que foram assumidos como seus valores, e comunicação, informação que era a forma como trabalhavam. Marta destaca que o trabalho nesta época era precário, porque “a gente não tinha atendimento, não tinha fono, não tinha nada, a gente passava, gerava ou simplesmente passava a informação e comunicação” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.105).

Outra razão pelo qual escolheram o nome Saci, é porque ele é um personagem interessante, brasileiro, de origem indígena, que tem uma deficiência física, mas que ficou negro devido à sua apropriação pelos escravos. Marta ainda disse que a Rede Saci nasceu forte e existiu durante muitos anos. Quando a Universidade o desativou, Marta ficou triste, mas que percebeu que tinha cumprido sua missão, porque as informações já tinham sido colhidas e que todas as coisas na vida tem um ciclo.

Ao comentar sobre a sua frase dita em uma outra entrevista, para Marta Gil, quando se é professor, deve-se acreditar na inclusão, pois se receber um aluno com deficiência e não acreditar no potencial dele e investir, não será possível ter resultados, porque,

A inclusão é um processo que começa dentro de cada um de nós. Envolve valores, sentimentos, noções apreendidas. Não se trata de apontar o dedo no nariz dessa entidade abstrata chamada sociedade e esbravejar: a sociedade não é inclusiva! É hora de nós fazermos a pergunta baixinho para nós mesmos, somos inclusivos? (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p. 106).

Não adianta colocar a culpa só no outro, ou na sociedade, pois esta é feita por pessoas e tudo começa com a gente. Marta já ouviu diversos depoimentos de professores que quando receberam um aluno com deficiência ficaram, no primeiro momento, apavorados mas,

que depois, com um novo olhar, e de forma aberta, perceberam que poderiam ajudar o aluno de alguma forma.

A inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, para Marta, é um desafio que, por se tratar de uma lei de cotas, chegou de uma forma antipática, porque ninguém gosta de ser obrigado a fazer algo. Enquanto algumas empresas se recusaram a receber as pessoas com deficiência, inclusive se utilizando do Judiciário, outras receberam bem a experiência para ver como seria, e os resultados foram muito bons.

A convivência é uma arma útil na desconstrução de preconceitos, porque o permite que a pessoa tenha uma nova visão da realidade, mostrando-lhe que ideias e conclusões que imaginava estarem corretas estão equivocadas, conscientizando-a de que as diferenças existem e fazem com que a humanidade seja interessante e diversificada. As diferenças criam um movimento dialético de tensão, fazendo com que posturas e posicionamentos estagnados entrem em conflito em busca de transformações sociais evitadas por grupos majoritários.

A acessibilidade, aspecto essencial para pessoas com deficiência, contribui para toda a população. Marta sempre gosta de dar um exemplo, de quando a Folha de São Paulo fez uma pesquisa em uma alameda paralela à Avenida Paulista e havia uma grande quantidade de moças que tinham caído, partido o salto do sapato, e quebrado a perna por conta de defeitos do calçamento que é uma armadilha. A acessibilidade é para todas as pessoas e não apenas para um grupo específico.

Como estratégias necessárias para desconstruir os preconceitos e estereótipos para todos (velhos e pessoas com deficiência), Marta destaca a informação e a convivência, que são importantes, porque a população brasileira tem vivido cada vez mais.

O perfil das pessoas com a sua idade tem-se transformado, com o passar dos tempos, e cita o caso de sua avó, que ficava em casa arrumando, cozinhando e fazendo crochê. Marta também afirma que “[...] a gente acha que é muito importante que a sociedade tenha essa informação e essa convivência, porque é na convivência que se vai desconstruindo” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.106).

3.3.2 A Velhice

O envelhecimento lhe trouxe uma tranquilidade, pois ela não precisa se preocupar com que as pessoas acham e se sente com maior liberdade “é um empoderamento mesmo, porque o que eu acho que precisa ser feito está muito claro para mim, e uma tranquilidade, não preciso provar, não preciso agradar, fico mais solta” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.108).

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, a velhice pode trazer uma liberdade e novos sentimentos em relação a si mesmo e a forma como os outros o veem. Viver sem se preocupar com o que os outros acham, é um processo de autoconstrução, e que proporciona tranquilidade, visto que devido aos posicionamentos e imposições sociais, sempre se é levado a pensar sobre o que o outro acha

No que diz respeito ao envelhecimento, embora se tenha avançado bastante, para Marta existe muito ainda a ser conquistado, pois o Estatuto do Idoso não é um privilégio é um direito, e as duas são coisas têm significados bem distintos.

Uma coisa que tem visto e a deixado encantada foi ver e assumir os cabelos brancos, pois tinha cabelo branco na faculdade, mas utilizava henna, luzes e mechas até que resolveu assumir. E fica impressionada com a quantidade de pessoas que, com delicadeza, vem oferecer auxílio, perguntando se ela precisa de alguma ajuda.

Quando passeia na rua, em São Paulo, acha incrível ser cumprimentada, pois todo mundo anda sério. Em relação ao tratamento recebido no banco, Marta comprehende que ainda é complicado, pois sempre que chega a um caixa eletrônico vem um atendente perguntando se precisa de ajuda. Marta, gentilmente dispensa, pois ressalta que não precisa: “é uma atenção, mas também é uma infantilização nossa” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.109).

Apesar de muitas pessoas acima dos 60 anos precisarem de atenção em ajuda em razão de alguma debilidade física ou do baixo grau de instrução, tratar a todos de forma homogênea é também uma forma de desrespeito. Muitas pessoas não gostam de ser tratadas como criança, nem receber atenção especial em razão de sua idade, porque consideram isso o mesmo que serem chamados de inúteis, ignorantes ou incapazes.

3.3.3 Identidade e representação nas imagens

Uma fotografia da socióloga, em posição sentada, fotografada até a cintura, com o rosto sorridente e descontraído, com as mãos cruzadas sobre o colo, compõe a segunda página da entrevista. As fotografias da entrevista são produções de Alexandre Nunes, realizadas em escalas em tons de cinza.

Mais 60 traz como olho da reportagem os dizeres de Marta se referindo a seus avós que tinham uma visão à frente de seu tempo sobre a deficiência e que não pouparam esforços para que sua tia tivesse uma vida melhor, dando destaque à deficiência:

[...] em certo sentido, eu nasci nessa temática, eu convivo com isso desde que nasci e com uma sorte incrível, porque meus avós tinham uma postura que, até hoje, quando eu lembro, fico emocionada e orgulhosa, porque eles tinham uma visão muito para frente (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.102).

Posicionados ao lado do texto encontram-se duas pequenas fotos de Marta. A primeira fotografia mostra Marta sentada com olhar centrado e um sorriso levemente descontraído como se estivesse ouvindo e, na segunda, Marta parece gesticular com a mão como se estivesse explicando algo ao repórter, com um olhar concentrado.

Abaixo das fotografias, foram colocados dois olhos: “a gente tem ótimas iniciativas, ótimos resultados em muitos lugares do Brasil. Às vezes, em cidades pequenas, você tem coisas muito exitosas acontecendo, por outro lado, ainda falta muito” e “você não vai fazer uma rampa para cadeirante, não é o custo-benefício, quantos cadeirantes têm aqui? Não é isso, é para todo mundo” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.105)”, destacando o tema deficiência na reportagem.

Um outro olho foi posicionando na entrevista com os dizeres “[...] se não acredito na inclusão e recebo um aluno com deficiência, se não acredita no potencial dessa criança, se não invisto no potencial dessa criança, ela não vai, não tem jeito” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.106), tratando da educação especial.

Na entrevista foram colocadas três fotografias posicionadas lateralmente, com *close* nas mãos de Marta Gil, como se constituíssem um diálogo das mãos. As fotos representam os momentos da entrevista e Marta expressa com as mão, os momentos em que responde às perguntas.

A reportagem ainda traz mais dois olhos, um em referência à educação especial e outro, em relação aos direitos das pessoas acima dos 60 anos: “[...] quando eu recebi um aluno com deficiência, fiquei apavorada. Depois você diz, não, vamos lá, vou observar, vou olhar, mas não vou olhar com desprezo, vou olhar no sentido do que posso fazer, de forma aberta” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p.107) e “avançamos bastante, ainda temos coisas para conquistar, mas temos direitos, nós temos o Estatuto do Idoso, não são privilégios, são direitos, é uma coisa bem diferente” (*MAIS 60*, ed. 73, 2019, p. 108).

Uma outra fotografia mostra Marta com rosto levemente virado de lado e queixo erguido, com o olhar atento, como se estivesse ouvindo com atenção.

Da análise da entrevista de Marta Gil, conclui-se que o foco principal da revista *Mais 60* foi a Educação Especial e a inclusão, dando ênfase ao vasto conhecimento e

experiência profissional de Marta Gil nesta área, embora algumas perguntas sobre a sua família e o tema da velhice tenham sido realizadas.

Entende-se que as pessoas com deficiência sofrem preconceito, discriminação e estereotipização, assim como as pessoas mais velhas. Em muitos casos, sofrem uma marginalização sem ter seus direitos observados e suas vozes ouvidas, devido aos padrões dominantes de estética, comportamentos e níveis de cognoscência impostos por um discurso que nega a diferença e tenta homogeneizar as identidades. Tratar de temas como a Educação Especial e a deficiência é sempre importante, porque leva à reflexão quanto à necessidade de transformações sociais e respeito às diferenças.

Perguntas como “quais são os seus projetos de vida”, “o que o envelhecimento trouxe para você” e “você consegue ver uma evolução na sociedade, aqui no Brasil, ou ainda há muito por fazer, o que você acha desse caminho da longevidade” explicam que a velhice não é o momento de espera da morte, mas é um momento da vida em que ainda é possível ter sonhos, realizar projetos e que permite uma “reconstrução do eu”, com uma maior liberdade.

A pergunta “quais seriam as estratégias necessárias para desconstruir esses preconceitos e estereótipos para todos” (deficientes e velhos) é de suma relevância, porque permite compreender a visão da pessoa que sofre esse tipo de preconceito, cria e sugere estratégias para vencer a discriminação, possibilitando a desmistificação da velhice e desconstrói a marginalização da pessoa velha.

Todavia, no que diz respeito à identidade da entrevistada, poucas informações de sua vida pessoal (gostos, valores, significados e sentimentos) e de sua família foram fornecidas. Um destaque muito maior foi dado à sua experiência profissional com a deficiência, e ao trabalho de Marta Gil, o que demonstra que a *Mais 60* valoriza o trabalho na velhice.

3.4 Análise da entrevista de Ume Shimada

A edição n. 76 de Abril 2020 da revista *Mais 60* traz a entrevista de Ume Shimada. O repórter que realizou a entrevista não é identificado no texto, se tratando de uma matéria de responsabilidade da revista.

A entrevista de Ume Shimada é constituída de respostas curtas e simples, quase em um som tímido e reservado como se desejasse não incomodar o repórter com suas respostas. Seria esta postura resultado de suas origens, visto que o povo de origem japonesa, é culturalmente conhecido como discreto, de poucas palavras? Sabe-se que a origem de um povo

é determinante na construção de referências, influências e valores adquiridos ou adotados durante a vida.

Ume trabalhou como professora de corte e costura, e chegou a produzir treze produtos diversos que eram vendidos na Baixada Santista. Também comprou uma barraca de feira e um caminhão trabalhando como feirante durante seis anos na grande São Paulo e uma ótica no bairro Aclimação. Como uma verdadeira empreendedora, foi a primeira mulher na produção de moti⁸ artesanal em São Paulo, processando cerca de 30 sacas de arroz aos finais de ano e de lichia em Registro.

Reassumiu a administração do sítio Shimada em 2004 e continuou com a produção de lichia e de chás, inaugurando a fábrica de chá preto artesanal no ano de 2014, com a intenção de não deixar a produção acabar. Por conta deste feito, recebeu diversas homenagens e participou de três festivais do chá preto no Japão, fazendo sucesso na mídia nacional e internacional.

3.4.1 Memória e história

Filha caçula de imigrantes japoneses: Katsumi Sugano e Kikuno Sugano que chegaram ao Brasil em 1913, nascida em Registro no ano de 1927, Ume Shimada casou-se com um imigrante japonês Akira Shimada, aos 25 anos, falecido há 10 anos, com quem teve seis filhos, sendo 3 homens e 3 mulheres.

Um dos filhos de Ume mora no Rio Grande do Sul, o Roberto mora em São José e o Wilson que mora na estação Vergueiro. A filha Terezinha mora com ela, a Bernadete tem uma ótica e a caçula se chama Emi e Ume sempre frequenta sua casa, pois ela também gosta de jogar. Os seus netos dificilmente se reúnem no sítio, pois cada um tem o seu trabalho “e a vida também está muito corrida, muito difícil” (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 86).

Diante das mudanças sociais do contexto contemporâneo, principalmente com a globalização, os relacionamentos interpessoais têm-se mantido mais distantes e “as relações familiares também têm mudado, especialmente com o impacto das mudanças na estrutura do emprego. Tem havido mudanças também nas práticas de trabalho e na produção e consumo de bens e serviços” [...] (WOODWARD, 2000, p. 31).

⁸ “Arroz utilizado na feitura do moti (também conhecido como bolinho de arroz). É diferente do arroz comum usado na culinária japonesa. O moti tsuki é feito num ussu (pilão japonês), com a ajuda de um tsushi (lê-se tsuti) que é uma espécie de uma grande marreta de madeira. O processo é repetido até o arroz ficar no ponto certo do moti: uma massa lisa e firme” (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 84).

Deste modo, as extensões familiares estão se reunindo cada vez menos, pois as pessoas estão trabalhando cada vez mais, a fim de atender às novas demandas do mercado de trabalho e para saciar os seus novos desejos de consumos que surgem a cada novidade lançada no comércio capitalista.

Nascida no Brasil, Ume se considera uma “brasileira purinha” (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 84). Esta fala demonstra que Ume se identifica com a nacionalidade brasileira e que um sentimento de pertencimento ao Brasil é muito forte, mesmo tendo descendência nipônica e tendo sido casada com um imigrante japonês.

Ume visitou o Japão sete vezes. Seu pai era de Fukushima, mas ela não tem vontade de morar lá, porque “é perigoso, lá tem terremotos, tem maremotos”. Ume considera que o Brasil “é uma terra santa. O que tem no Brasil? Só tem ladrão” (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 87). Tal resposta demonstra o senso de humor de Ume, tão típico do povo brasileiro.

Ao analisar o conjunto de significados construídos pelos sujeitos, verifica-se que a subjetividade é um elemento importante na construção do ser, visto que permite enxergar, de forma consciente e inconsciente, sobre a construção de quem o sujeito é, aos seus próprios olhos, pois

[...] O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nos apegamos a identidades particulares (WOODWARD, 2000, p. 55-56).

Quando o sujeito defende ser de uma nacionalidade, ele está se referindo mais do que a uma questão política que envolve o cidadão e o Estado.

Assumir uma nacionalidade é dizer que o sujeito se sente parte daquela comunidade, de algo maior que lhe dá segurança e um sentimento de pertencimento, e assim, “os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (WOODWARD, 2000, p. 55).

A nacionalidade é um fator constitutivo e construtor da identidade do sujeito, e quando se diz sou “brasileira purinha”, como Ume afirma na entrevista, é contar que a identidade está ligada a diferença, pois o que ela está querendo dizer, na verdade, é que apesar de sua aparência física e ascendência ocidental, não é japonesa. Ora, para Tomaz Tadeu da Silva (2000), a identidade e a diferença estão intrinsecamente ligadas, de forma dependente e indissociáveis e:

A afirmação ‘sou brasileiro’, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de negações, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação ‘sou brasileiro’ deve-se ler: ‘não sou argentino’, ‘não sou chinês’, ‘não sou japonês’ e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável (SILVA, 2000, p. 75).

Ser identificada como brasileira, para Ume, é parte importante de sua existência, pois revela como ela se vê, é parte de sua identidade e demonstra como ela se sente em relação à cultura brasileira. Deste modo, “as identidades nacionais representam [...] tanto a condição de membro do estado-nação político quanto uma identificação com a cultura nacional [...]” (HALL, 2006, p. 58) faz com que o cidadão se sinta membro de uma comunidade ou de um grupo, e dê significados aos diversos signos e ao seu mundo social.

Quanto à rotina diária, Ume Shimada acorda às 4:30 da manhã e costuma lavar o rosto e, logo depois, faz uma oração que é extensa, pois ela tem que se lembrar de muita gente para abençoar, porém, ela se lembra de todo mundo. Depois, Ume toma o seu café com dois biscoitinhos, que para ela são suficientes, e gosta de ficar sentada contemplando a natureza e alguns animais até começar a fazer o seu artesanato. Trabalha até às 9 horas da noite, mas gosta de jogar paciência no computador por cerca de 2 horas e que sequer percebe o tempo passar.

Faz ginástica e exercícios duas vezes por semana. Ume tem um professor que também é cantor e que canta muito bem, mas que ela também gosta muito de cantar. A revista *Mais 60*, ao questionar se Ume faz ginástica, exercício, seria esta pergunta formulada para incentivar a prática de exercícios na velhice?

A prática de ginástica e de exercícios é um requisito essencial para a longevidade e qualidade de vida, segundo a corrente do envelhecimento positivo defendido pela gerontologia e que está presente em várias publicações da revista *Mais 60*. Mas como uma revista que defende a velhice e tem a intenção de quebrar de estereótipos ligados a ela, adota um posicionamento positivo do envelhecimento, que incentiva a prática do exercício físico para evitar a velhice? Não seria esta uma posição contraditória?

Durante a tarde, Ume gosta de dormir por uma hora com um ventiladorzinho ligado, mas que não pode dormir muito, porque senão o tempo passa e ela não consegue seus trabalhos de artesanato.

Ume Shimada via seus pais como guerreiros, trabalhadores que se esforçaram em busca de uma vida melhor mesmo em um país estrangeiro, com outra língua e com uma cultura totalmente distinta da oriental em que estavam habituados.

Seus pais vieram para o Brasil trabalhar com o café, mas nunca o tivessem visto e contou algumas dificuldades pelas quais eles passaram. Como a vez que foram repreendidos por seu patrão por colherem todas as folhas de dois pés de café acreditando que se fazia o chá daquelas folhas ao invés de colher os frutos. E na ocasião que fugiram de uma fazenda por trabalhar muito, mas não ganhar dinheiro.

Seu pai trouxe a semente de chá de um lugar que ela desconhecia e a plantou na areia. Depois de alguns dias, seu pai trouxe uma latinha, que Ume se lembra muito bem, para que ela escolhesse um brotinho da semente de chá. Após a escolha, ela o levou para o seu pai. Ume descreve este momento com detalhes e afeto como se revivesse aquele momento em um ar nostálgico trazido das profundezas da sua memória, mas que se torna vivo e presente ao narrá-lo, quando disse a frase: "Isso eu lembro muito bem" (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 85).

No Japão, o pai de Ume trabalhava com casulos e tirava o fio para fazer tecidos. Ele veio com esta intenção, pois a propaganda do Brasil no exterior era muito boa. Porém, ao chegar no Brasil, seu pai trabalhou e sofreu muito.

No sítio da família, seu pai plantou café, mas a plantação não deu certo devido à uma praga que assolou todo o cafezal, sendo necessário cortar todos os pés de café. Então, seu pai abandonou o cafezal, ficando preocupado como iriam sobreviver.

Lembrar e contar as histórias de seu pai é reviver o passado. A memória é sempre ativada após uma imersão profunda nas lembranças do passado que se tornam presentes à medida que as experiências vividas são reavivadas. Lembrar é mergulhar no passado e compreender a construção do sujeito e da cultura de um povo diante da realidade experimentada e compartilhada com o círculo social do qual o sujeito faz parte.

O pai de Ume trabalhou muito até que lhe veio a ideia de inventar uma fábrica de fazer chá. Ela se lembra que estudava no 5º ano do grupo e, embora fosse a pé para escola, ainda tinha que ajudar no trabalho da fábrica de chás que era grande e funcionava a vapor. O trabalho na agricultura familiar era muito comum na época, visto que as famílias eram extensas por possuírem muitos filhos e cada membro da família deveria ter uma função para que o andamento das atividades fossem realizadas sem sobrecarregar ninguém, garantido a sobrevivência/renda da família.

Posteriormente, seu pai comprou mais duas máquinas de metal e assim foi formada a fábrica de chás do seu pai, cujo serviço de Ume era beneficiar o chá, deixando histórias marcadas na vida de Ume.

A história de vida é o trajeto de nossa existência humana marcado por experiências e vivências, ao longo do tempo, e que são guardadas em nossa memória.

As memórias são capazes de explicar quem a pessoa é e são essenciais para a construção de muitos significados na vida do sujeito. Neste sentido, Portelli (1997) explica que a memória humana é muito mais carregada de significados e não, simplesmente informações sobre eventos, uma vez que:

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Essas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em um contexto histórico (PORTELLI, 1997, p. 33).

A história de vida, muito mais do que uma narrativa biográfica, é um momento de compartilhamento de experiências, vivências e momentos marcantes, que nem sempre são felizes e tranquilos, e estão ressignificados em nossa memória. Através da história oral de vida é possível dar voz ao que seria indizível e até mesmo ao silêncio, pois

A história oral de vida, por sua vez, se define como um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, da sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar (QUEIROZ, 1988, p. 20).

Compreender as histórias de vida é muito mais do que relembrar o passado. É compreender como os significados são construídos, é entender a dimensão e o posicionamento do sujeito com os seus pares e na sociedade, penetrando em um mundo único e exclusivo, e que se não fossem os relatos orais, nunca seria possível conhecê-lo.

Ume Shimada, aos 87 anos, e depois de trabalhar em outras áreas, reinaugurou a fábrica de chá depois de visitar um ferro-velho com seu filho. Lá encontrou algumas máquinas que pareciam velhas, podres. O dono do ferro velho, que era japonês, disse que como as máquinas eram de bronze, ao limpá-las ficariam da cor de ouro. Ume, então, limpou as máquinas e trabalhou bastante, sendo preciso até se arrastar no chão para limpar os pés de chá, tendo inclusive encontrado duas cobras venenosas que ela mesmo as matou. Ume se sentiu realizada e feliz com os pés de chá e as máquinas limpos como se comprova na sua frase: “Puxa vida, que coisa boa!” (MAIS 60, ed. 76, 2020, p. 85).

Ao se lembrar de quando colhia chá, Ume conta uma história de como gostava de ir para o chazal bem cedo, antes de amanhecer e que levava seu cachorro chamado Bob. Para

acompanhá-la, Ume dizia a Bob: “vamos colher chá?” O cachorro Bob ia à sua frente pelo caminho. Para saber onde Bob estava, ela perguntava a Bob onde ele estava e seu companheiro levantava a cabeça. Porém, depois que clareava, Bob ia embora.

Depois da máquina de cobre ficar pronta para o trabalho, logo colheram o broto para o chá que foi colocado na máquina para prepará-lo. Após o preparo, o chá ficou bonito e cheiroso, além de gostoso. Então todos que tomaram o chá elogiaram dizendo que o chá tinha ficado muito gostoso. Ume ao tomar o chá o achou gostoso e disse que o chá ficou bom. E que por causa do chá que “caiu do céu” (*MAIS 60*, ed. 76, p. 85) ela sempre recebe visitas boas como a da equipe de reportagem da revista *Mais 60*.

3.4.2 Velhice e Trabalho

A pergunta “como é envelhecer?” não tem uma resposta tão simples e direta quanto se pensa. Compreender o processo de envelhecimento, mesmo que seja um momento natural da vida, demanda escolhas pessoais e um senso de autocrítica em relação ao momento vivido.

Ao responder como é envelhecer e o que ela gosta de fazer, Ume faz outras três perguntas: “De vida? A gente que escolhe, né? A gente que faz a vida, né?” (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 86). Tais respostas levam a refletir que o envelhecimento, para Ume, está ligado muito mais às escolhas pessoais e de como o sujeito decide viver a sua vida.

Ume, com certa dose de humor, conta que foi à consulta com o médico de rotina e que, após examiná-la, perguntou sua idade. Então, Ume respondeu: “Ah, eu tenho vinte anos”, (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 86) pois ela não queria falar a sua idade. Então, o médico insistiu e ela respondeu 93 anos e que gostava muito de dançar, que gostava de música e gostava de tudo.

Em muitos casos, evitar contar a idade é uma forma de defesa e proteção contra o preconceito e discriminação que os mais velhos sofrem, para não serem considerados inválidos, nem serem desvalorizados, diante de uma sociedade que preza a beleza e juventude de um corpo elástico, sensual e firme. Escutar comentários como “já está fazendo hora extra” ou “já passou da hora de morrer” é doloroso e as pessoas mais velhas que tentam não serem vítimas deste tipo de agressão e violência.

Ume acredita que pelo trabalho está “tão bem assim para a sua idade” e que não dá para viver sem o trabalho e que o trabalho é fundamental para o dia passar, porque, “sem trabalho não tem graça e o trabalho ajuda muito” (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 86).

O trabalho é considerado, como uma ação humana, transformadora da natureza e utilizado, conforme Marx, para satisfazer as necessidades do estômago ou da imaginação

(Marx, 1983). Pelo trabalho, o sujeito ao ter contato com a realidade, a transforma, e ao mesmo tempo se transforma, adquirindo consciência da realidade da qual é sujeito, podendo provocar mudanças na sua realidade.

De acordo com Saviani (1994), para o homem garantir a sua existência é necessário que esteja constantemente trabalhando e produzindo, e desta forma, mantendo relações interpessoais e com outras instituições, construindo o mundo social:

[...] A medida em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida é que ele se constitui propriamente enquanto homem. Em outros termos, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm que fazer o contrário: eles adaptam a natureza a si. O ato de agir sobre a natureza, adaptando-a às necessidades humanas, é o que conhecemos pelo nome de trabalho. Por isto podemos dizer que o trabalho define a essência humana. Portanto, o homem, para continuar existindo, precisa estar continuamente produzindo sua própria existência através do trabalho. Isto faz com que a vida do homem seja determinada pelo modo como ele produz sua existência (SAVIANI, 1994, p. 148).

O trabalho possui aspectos importantes na construção e referencial da identidade do sujeito, porquanto implica em saberes e conhecimentos próprios da área de atuação, sendo o trabalho também um espaço de produção e expressão humana de quem o sujeito é. Ser identificado pela profissão ou pela área de trabalho é, portanto, dizer como a pessoa se localiza na sociedade e como vê a sua interação com o mundo.

3.4.3 Identidade e representação nas imagens

A entrevista traz com uma fotografia de rosto até o ombro de Ume com a mão próxima à boca e com um olhar contemplativo, em escala de tons de bege, e que ocupa a página completamente, uma produção fotográfica de Matheus José Maria.

Na fotografia de um rosto sem maquiagem são destacadas as linhas do tempo presentes no rosto de Ume e que demonstram uma vida rica de vivências e experiências ao longo do tempo. Sua imagem transmite um ar de serenidade e meditação. Um box à direita apresenta Ume Shimada, 93 anos, empreendedora.

A fotografia muito mais que um sentido artístico possui uma construção de sentidos que descreve uma narrativa fotográfica. Esta pode ser realizada por várias perspectivas e difere-se da representação do real, porque toda fotografia é impregnada de sentidos e interpretações, conforme o contexto e o olhar pelo qual é analisada.

Em uma sequência de três pequenas fotografias posicionadas lateralmente ao texto, demonstram momentos distintos da entrevista. A primeira fotografia mostra o rosto de Ume até

os ombros, com a expressão de como se ela estivesse contando algo, com as mãos juntas encolhidas próximo ao queixo como se esforçasse para recordar e contar algo.

A segunda fotografia traz a impressão de que a entrevistada estaria rindo de algo ou mesmo se sentindo envergonhada com a mão aberta sobre a face escondendo-a.

Já a terceira fotografia traz apenas a mão de Ume parcialmente aparente, próxima a uma xícara de chá sob o pires em uma mesa fazendo referência, muito provavelmente, ao empreendimento de produção de chá da entrevistada.

Abaixo das três fotografias foram colocados dois olhos com as seguintes falas de Ume: "...eu lembro muito bem, porque meu pai plantou... não sei de onde ele trouxe a semente do chá, plantou na areia, esse chá brotou...", frase que narrou sobre a origem da produção de chá. E "por causa do chá, a gente tem visitas boas mesmo, ele caiu do céu" (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 84), destacando a relevância do chá para receber boas visitas. Nenhum dos dois olhos trazem textos em referência à velhice, demonstrando que o destaque da entrevista está no trabalho de Ume.

Há outra fotografia de Ume de corpo inteiro debaixo da sombra de uma árvore próximo à frente da casa, porém tirada de ângulo distante, quase em um tom de despedida.

Conclui-se da análise da entrevista de Ume Shimada que a revista *Mais 60* apresenta perguntas cujas respostas fornecem alguns elementos importantes que permitem entender a identidade da mulher entrevistada, uma guerreira de origem japonesa, mas que faz questão de dizer que é uma "brasileira purinha", que valoriza a sua brasiliidade, a família e tem no trabalho um de seus pilares para continuar a viver. Ume Shimada tem uma alma empreendedora, que não tem medo do trabalho e de novos desafios.

Para uma revista que busca a valorização do velhice e compartilhar experiências de vida das pessoas mais velhas, as perguntas formuladas na entrevista não oferecerem informações para que a discriminação e estereótipos contra a velhice fossem desconstruídos e um novo significado de velhice fosse amplamente divulgado, conforme a proposta da revista. Como a revista *Mais 60* pode valorizar a velhice, na seção *Entrevista*, se a única pergunta feita em referência direta à velhice foi "Como é envelhecer?"

Em relação ao destaque dado pela revista para o trabalho na velhice, uma ressalva deve ser feita, pois não se pode compreender que todo velho deve trabalhar até os 93 anos para não ser considerado inútil e improdutivo. Supervalorizar o trabalho da velhice, como se verifica pelo título e olhos da reportagem de Ume Shimada pode provocar um sentimento de incapacidade naqueles que não conseguem trabalhar na velhice, diminuindo sua autoestima e privando-os de um momento que poderia ser de descanso e liberdade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o discurso positivo do envelhecimento tem ocupado cada vez mais lugar na mídia, sob o discurso que afirma que não é mais possível ser velho: se é “idoso”, da “terceira idade” ou “melhor idade”. Deste modo, as pessoas devem empregar todas as suas forças físicas e recursos econômicos para evitar se tornar velho.

O “velho” se tornou pejorativo, ofensivo e até mesmo desprezível. O envelhecer deixou de ser um momento natural da vida para se tornar algo simplesmente evitável. O discurso de envelhecimento positivo nega o velho diante do argumento de que estes eram menosprezados e discriminados, e faz com que uma nova imagem da velhice surja em oposição ao abandono e à inutilidade associados ao velho que não são mais economicamente ativos.

Apesar de nas últimas décadas, o número de veículos comunicativos voltados para o público acima de 60 anos terem aumentado, devido ao novo mercado surgido pelo crescente envelhecimento da população, o discurso do envelhecimento positivo, de forma sutil, impõe uma nova forma de envelhecer que implica no envelhecimento associado ao trabalho, à prática de exercícios e alimentação saudável, “a fórmula perfeita para ser feliz”.

Esta normatividade provoca novos sentidos associados à velhice e ao envelhecimento, resultando na exclusão daqueles que não seguem este padrão e no silenciamento das experiências vividas pelos sujeitos, pois os responsabiliza acerca de sua própria saúde e de sua felicidade.

A princípio, o discurso positivo do envelhecimento divulgado na mídia apresenta a representação da velhice com uma face gentil e humanizadora e que tenta proporcionar o envelhecimento mais saudável e feliz.

Todavia, por trás deste discurso de cunho político de ressignificação e positivação do envelhecimento, existe uma intenção de direcionar a responsabilização de uma velhice ativa e participativa na sociedade para o sujeito, retirando de Estado qualquer responsabilidade quanto aos cuidados dos velhos que se encontram em situação de vulnerabilidade, e que exigem maiores proteções e atenção, e que, conforme Debert (2020) se trata do processo de “reprivatização da velhice”.

Os meios de comunicação, importantes na construção da realidade na sociedade, ao assumir a representação da velhice que emprega o discurso positivo do envelhecimento, contribuem com o pensamento social que nega a experiência do passado, desvalorizando o tempo vivido que está guardado na memória dos velhos.

A memória como elemento fundamental constituinte da identidade do sujeito, permite que as lembranças e experiências vividas e que constroem a sua história, sejam compartilhadas no presente. Pelas memórias, os velhos ensinam, aconselham, orientam e se lembram do passado.

Na sociedade capitalista atual, os fundamentos e marcos da memória são destruídos e substituídos pela história oficial que firmam os estereótipos hegemônicos, silenciando os detentores das lembranças e roubando-lhes “o sentido, a transparência e a verdade” (CHAUÍ, 1994, p.19).

No presente trabalho, ao analisar as entrevistas de mulheres publicadas na revista *Mais 60*, buscamos nas suas memórias, em suas falas, o sentido e sentimento de ser velho. Além disso, procuramos compreender se a representação social da velhice defendida pela revista *Mais 60*, em seus editoriais, está em consonância com a concepção das entrevistas publicadas.

Nas entrevistas de mulheres acima de 60 anos publicadas na seção *Entrevista* da revista *Mais 60*, verificamos que em todas as entrevistas selecionadas, as mulheres são identificadas por sua profissão e a reportagem pautada, em sua maior parte, em perguntas relacionadas à experiência profissional ou ao trabalho.

O sentido dado ao trabalho, por Ume Shimada, é repleto de subjetividade, e faz com que o trabalho seja o ponto de destaque em sua vida, sendo inclusive conhecida e reconhecida por suas várias atividades econômicas, principalmente, a sua produção de chá.

Ao atribuir ao trabalho a “graça de sua vida” compreendemos que, para Ume, o trabalho é mais do que um instrumento para a sobrevivência. É um pilar de sua vida, é parte de sua identificação e um dos motivos pela qual vive.

Entendemos que o continuar trabalhando aos 93 anos é motivado para que o sujeito não se sinta inútil e desvalorizado, diante de um discurso hegemônico que proíbe o envelhecer a qualquer custo. Desta forma, ao continuar trabalhando se estaria adiando o envelhecimento e todas as consequências advindas do processo.

Aos velhos que não podem mais trabalhar é imposto um julgamento que permite a sua culpabilização, pois estes seriam responsáveis por terem um envelhecimento bem-sucedido, se mantendo ativos e participativos, tanto dos pontos de vista, econômico e social, quanto aos fatores ligados à sua saúde.

Tal culpabilização faz com que muitos sujeitos lidem com as questões ligadas ao envelhecimento, de modo a não serem condenados à inutilidade e ao desprezo de uma sociedade que preza mais o capital do que o ser humano, mesmo que estes velhos desejem viver uma velhice tranquila.

Quando Ume Shimada ou Marta Gil trazem a sua vida profissional como aspecto nuclear da construção de suas histórias, a velhice deixa de ser um momento de memória, que no incentivo desenfreado pelo trabalho se perde como identidade.

Os velhos deixam de ser guardiões do passado e das lembranças, para em um contexto de produtividade, de consumo, o trabalho assumir um lugar central na organização social e na vida dos sujeitos. Porquanto, as identidades estão sendo construídas em torno de nosso trabalho e o emprego, não só como fonte para a sobrevivência, passa a determinar classes e hierarquias sociais. Assim, os sujeitos são identificados por sua profissão se tornando “indigentes” quando não estão ativamente no mercado de trabalho.

Na entrevista de Marta Gil também constatamos a importância dada pela revista *Mais 60* ao trabalho e experiência profissional da socióloga com Educação Especial, uma vez que, a reportagem trouxe poucos elementos para que pudéssemos conhecer a identidade de Marta, não se tratando de uma verdadeira entrevista em profundidade.

A entrevista em profundidade, como o próprio nome sugere, nos permite conhecer sobre a figura do entrevistado de forma mais profunda, sendo o objetivo deste tipo de entrevista a forma como o entrevistado vê a construção de sua realidade associada aos aspectos particulares de sua vida.

Nas entrevistas analisadas de Ume Shimada e Marta Gil, que abordaram como temas centrais a experiência profissional/trabalho, não trazem muitos outros elementos sobre as identidades das entrevistadas. Ademais, nas reportagens poucas perguntas sobre temas ligados à velhice foram tratadas, como se dissesse respeito a um assunto de pouco interesse da revista. Ora, não se trata de uma revista direcionada para o público acima dos 60 anos?

Para uma revista que defende em seus tutoriais a intenção e proposta de valorização da velhice e a quebra de estereótipos e discriminação ligados à velhice, a revista *Mais 60*, apresentou, em suas entrevistas, a valorização do trabalho como elemento imprescindível à velhice e que, pelo discurso hegemônico, posiciona o sujeito no sistema de relações econômicas e sociais.

Mais 60 pouco utiliza o termo “velho” em seus editoriais para designar as pessoas acima dos 60 anos, utilizando-se de termos do discurso do envelhecimento positivo que proíbe e discrimina o velho impondo uma nova normalização que obriga o sujeito a se responsabilizar pelo seu envelhecimento, fazendo com os velhos das classes mais pobres e menos favorecidas sejam marginalizados por não disporem de recursos econômicos para evitar a velhice, em contradição com suas propostas editoriais.

O discurso do envelhecimento positivo empregado pela *Mais 60*, deixa, muitas vezes, de valorizar “o velho” para defender o estereótipo da velhice ativa e participativa, um lugar em que o sujeito não tem o direito de parar, nem de se lembrar. Sua memória é apagada, pois não tem tempo para ela. O tempo do velho deve ser utilizado para trabalhar, praticar exercícios, se alimentar saudavelmente, para continuar contribuindo com a vida social e material.

O velho deixa o papel de guardião do passado para ser mais um consumidor no desenfreado mercado capitalista em busca da eterna juventude. E para *Mais 60*, o trabalho ainda pode trazer benefícios como o rejuvenescimento e a longevidade, o que se conclui das perguntas feitas à Ume: “Mas por que a senhora acha que está bem assim [apesar da idade?]? Pelo trabalho, por exemplo?” (*MAIS 60*, ed. 76, 2020, p. 86).

Ao contrário do ocorre nas entrevistas de Ume Shimada e Marta Gil, a entrevista de Lourdes Barreto trouxe o maior número de elementos identitários, possibilitando uma maior compreensão sobre quem é Lourdes Barreto. Constatamos um novo posicionamento da revista *Mais 60* que se preocupou em trazer diversos elementos identitários da entrevistada e embora o tema trabalho estivesse presente na reportagem, não foi o assunto principal da entrevista, constituindo em uma verdadeira entrevista em profundidade, porque trouxe várias informações que nos permitiriam compreender a construção de significados e da representação da realidade vivida por Lourdes Barreto.

Ao publicar uma entrevista de uma mulher, velha, que se reconhece como “puta” e que traz no braço a tatuagem: “Eu sou puta”, *Mais 60* quebra vários paradigmas determinados por imposições sociais moralistas e conservadoras e traz reflexões profundas à sociedade de como uma mulher, com uma identidade resistente, contribui para mudanças e melhorias sociais.

Ao descrever na reportagem os papéis sociais desempenhados por Lourdes Barreto, *Mais 60* contribui para a desconstrução do posicionamento preconceituoso de que a prostituta não pode ser mãe, avó ou ter família, devendo viver à margem da sociedade sem direitos e dignidade.

A revista *Mais 60*, desde a época ainda denominada *A Terceira Idade*, trouxe em seus editoriais propostas como: valorizar a velhice, desconstruindo preconceitos e estereótipos atribuídos à velhice, além de em seus editoriais defender a velhice pelo seu significado e importância, o que pode ser constatado apenas na entrevista de Lourdes Barreto.

Porém, a velhice e temas ligados ao tema não foram muito explorados nas entrevistas de Ume Shimada e Marta Gil, porquanto houve uma valorização no trabalho da pessoa mais velha como se o trabalho as definissem, portanto, a representação social da velhice

defendida pela revista *Mais 60*, em seus editoriais, não está em consonância com a concepção das entrevistas publicadas.

REFERÊNCIAS

- A TERCEIRA IDADE: Estudos sobre envelhecimento. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 01, set. 1988. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/523_ASSEMBLEIA+NACIONAL+DE+IDOSOS+1988. Acesso em 20 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 04, jul. 1991. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/534_MORRER+E+UMA+POSSIBILIDA+DE+VIVER+E+UM+RISCO+E+ENVELHECER+E+UM+PRIVILEGIO. Acesso em 20 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 05, jun. 1992. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/535_A+MULHER+DE+MEIAIDADE+PERDAS+SOLIDAO+E+CORPO. Acesso em 21 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 09, jun. 1994. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/539_A+PRESENCA+DO+IDOSO+NA+MIDIA. Acesso em 21 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 10, jul. 1995. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/540_O+DESENVOLVIMENTO+INTEGRAL+DO+HOMEM. Acesso em 21 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 37, set. 2006. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/580_A+VELHICE+E+SEUS+DESTINOS. Acesso em 23 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 45, jun. 2009. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/586_O+IDOSO+NA+ERA+DA+VIRTUA+LIDADES. Acesso em 23 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 48, jun. 2010. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/419_EMPOWERMENT+E+IDOSOS+UMA+REFLEXAO+SOBRE+PROGRAMAS+DE+EDUCACAO+FISICA. Acesso em 26 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 49, nov. 2010. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/421_MUDANCAS+ADEQUADAS+AOS+USUARIOS+IDOSOS. Acesso em 26 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- _____. São Paulo: Sesc São Paulo, ed. 54, jul. 2012. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/460_PIADAS+DE+MAU+GOSTO+SOBRE+PESSOAS+IDOSAS. Acesso em 26 ago 2020. ISSN 1676-0336.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Abril cultural: Brasiliense, 1985. ISBN 9788511010442.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. IN: *Carnets: Revue électronique d'études françaises de l'APEF*. [on-line]. Edição especial. Editora APEF. [S.I]: 2009, pp. 451-461. Disponível em: <http://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em 11 mai 2021. ISSN: 1646-7698

BARKER, Martin e BEEZER, Anne. *Qué hay em um texto?* In Martin Barker e Anne Beezer (orgs.). *Introducción a los estúdios culturales*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1994. ISBN 84-7676-263-1

BARTHES, Roland. **Aula: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França**. Pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. Editora Cultrix: São Paulo, 1980.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 2^a ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**, vol. 2. 3^a ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3^a ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1994. ISBN 85-7164-393-8

_____. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 47, p. 198-211, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9910>. Acesso em: 29 mai 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. ISBN 85-200-0611-6

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** [recurso eletrônico]. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2018. ISBN 978-85-7753-385-5 (recurso eletrônico).

CERQUEIRA, Daniel; MOURA, Rodrigo; PASINATO, Wânia. Participação no Mercado de Trabalho e Violência Doméstica contra as Mulheres no Brasil. IN: **Texto para discussão**. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990. ISSN 1415-4765. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34971&Itemid=444. Acesso em 09 abr 2022.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003. ISBN: 8575590146 (ISBN-10)

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória [Apresentação]. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. ISBN 85-7164-393-8

COSTA, Maria Izabel Sanches, e IANNI, Aurea Maria Zöllner. **O conceito de cidadania. In: Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica** [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2018, pp. 43-73. ISBN: 978-85-68576-95-3. <https://doi.org/10.7476/9788568576953.0003>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/sysng/pdf/costa-9788568576953-03.pdf>. Acesso em 05 mar 2022.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre: Artmed, 2007. p.161-210. ISBN 978-85-363-0892-0

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento.** 1^a ed, 3^a reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (FAPESP), 2020. ISBN 978-85-314-0499-3

FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE. Novo Manual da redação da Folha de São Paulo. São Paulo: Folha Online 1996. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_o.ht. Acesso em 15 abr 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6^a. ed. São Paulo: Atlas, 2008. ISBN 978-85-224-5142-5

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. ISBN 85-7115-038-9

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Tradução de Adelaine La Guardia Resende ... et al. Belo Horizonte, Editora UFMG Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. ISBN: 85-7041-356-4.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. ISBN 85-7490-402-3

_____. **Cultura e representação.** Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. ISBN (PUC-Rio) 978-85-8006-195-6 ISBN (Apicuri) 978-85-8317-048-8

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In SILVA, Tomas Tadeu da (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3^a ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006. ISBN 85-86583-56-1

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2001. ISBN 9788501060907.

LAURENTI, Carolina e BARROS, Mari Nilza Ferrari de. Identidade: Questões Conceituais e Contextuais. **Revista de Psicologia Social e Institucional.** v. 2 - n. 1 -jun./2000. Disponível em: <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>. Acesso em 19 mar 2022. ISSN: 1516-4888.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais.** Lisboa: Miosótis, 2004. ISBN 972-8779-17-8. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5584377/mod_resource/content/0/LE%20BRETON%2C%20D.%20Sinais%20de%20identidade.pdf. Acesso em 02 abr 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. ISBN 85-268-0180-5 20.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira e MACHADO, Alissom. Comunicação e Cultura: reflexões sobre a análise cultural como método de pesquisa. In: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 16, 2015, Joinville. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0602 -1.pdf>. Acesso em: 11 mai 2015.

MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO. São Paulo: Sesc São Paulo, v. 25, n. 60, jul. 2014. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAIS+60. Acesso em 20 ago 2020. ISSN 2358-6362.

_____. São Paulo: Sesc São Paulo, v. 25, n. 61, nov. 2014. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/594_O+ENVELHECIMENTO+E+A+MODA+TECENDO+REFLEXOES. Acesso em 01 mai 2022. ISSN 2358-6362

_____. São Paulo: Sesc São Paulo, v. 27, n. 66, dezembro. 2016. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAIS+60. Acesso em 20 ago 2020. ISSN 2358-6362.

_____. São Paulo: Sesc São Paulo, v. 29, n. 73, abril. 2019. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAIS+60. Acesso em 20 ago 2020. ISSN 2358-6362.

_____. São Paulo: Sesc São Paulo, v. 30, n. 76, abril 2020. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAIS+60. Acesso em 20 ago 2020. ISSN 2358-6362.

_____. São Paulo: Sesc São Paulo, v. 31, n. 77, agosto 2020. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAIS+60. Acesso em 20 ago 2020. ISSN 2358-6362.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. ISBN 85-16-03903-X.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v.1, livro 1, p. 149-163.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2011. 1ª Edição - Arquivo criado em 12/07/2011. e-ISBN 9788508148455.

MINAYO, Maria Cecília Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 09-29. ISBN 85. 326.1145-1

MORAES, Ana Luiza Coiro. Análise cultural: um método de procedimentos em pesquisa. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**. Vol. 4 número 7. São Leopoldo: Editora Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Janeiro-julho de 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490/PDF>. Acesso em: 22 mai 2021. ISSN 2318-6372

POLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 05 mai. 2021.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em 05 mai 2021.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo: 1997. Disponível em: file:///C:/Users/Educa%C3%A7%C3%A3o/Downloads/11233-27359-1-SM%20(1).PDF. Acesso em 28 abr. 2021. ISSN 2176-2767

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xe0xx0>. Acesso em: 19 mai 2021. p. 24-73. ISBN 978-85-7717-158-3

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível”. IN: SIMSON, Olga de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p.14-43. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/81361735/323344237-relatos-orais-do-indizivel-ao-dizivel>. Acesso em 28 abr 2021.

SANTOS, Luciano dos. As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. **Revista Rascunhos Culturais**. Editora UFMS: Coxim: jul/dez. 2011. p 141-157. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17282337-As-identidades-culturais-proposicoes-conceituais-e-teoricas.html>. Acesso em 28 mar 2022. ISSN 2177-3424.

SAVIANI, Demerval. O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias. In: FERRETTI, Celso João et al. **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994. ISBN 978-8532611758

SCHEWINSKY, S. R. **A barbárie do preconceito contra o deficiente - todos somos vítimas**. ACTA FISIÁTRICA. 2004; 11(1): 7-11. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatica/article/view/102465>. Acesso em 12 mar 2022. ISSN 0104-7795 e-ISSN 2317-0190

SCHULMAN, Norma. *Center for Contemporary Cultural Studies de Birmingham: Uma história intelectual*. In SILVA, Tomas Tadeu da (org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte, Autêntica, 1999. ISBN 85-86583-56-1

SILVA, Luciene Maria da. A deficiência como expressão da diferença. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 44, p. 111-133, dez. 2006. ISSN: 1982-6621. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/MdZKQkP6rry4RnMMcbCPYkB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 mar 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade. In SILVA, Tomas Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. ISBN 85.326.2413-8

SOUZA, Gérson de. **Memória e velhice: entre a imaginação na arte de contar e a emoção ao narrar o vivido**. Tese de doutorado do Departamento de Comunicação/Escola de Comunicações e Artes USP. São Paulo: 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30042009-101336/pt-br.php>. Acesso em: 01/04/2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. ISBN 85-7474-204- X.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Resources of hope**. London; New York: Verso, 1989. p. 3-18. ISBN 0-86091-229-9.

_____. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. ISBN 978-85-393-0178-2

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomas Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. ISBN 85.326.2413-8

ANEXO A – Entrevista de Lourdes Barreto publicada na *Mais 60*

96

mais60 – Estudos sobre Envelhecimento
Volume 31 | Número 77 | Agosto de 2020**ENTREVISTA
LOURDES BARRETO**

"Eu tenho lutado pela questão das mulheres da terceira idade, porque há uma exclusão social muito grande ainda, um preconceito e uma discriminação, no sentido de achar que as pessoas que viveram mais não significam mais nada, não têm prazer, não querem mais viver"



Sempre lutou pelo direito de afirmar-se como prostituta, e é por entender que combater o estigma dessa palavra que Lourdes, hoje aposentada, continua militando há mais de 40 anos por identidade, melhores condições de trabalho e contra as violências sofridas pelas mulheres. Reconhecida por notório saber nas questões de gênero e por sua atuação na luta em defesa dos direitos das mulheres, ocupa hoje cadeira no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.



RAIO-X
Lourdes Barreto
77 anos, prostituta,
mãe, avó e bisavó,
defensora dos
direitos das mulheres
prostitutas no Brasil e
no estado do Pará.



FOTOS: ALEXA HERRERA HU HU

“Eu convivi nos cabarés da vida com poetas, com ator, com pessoas que conheciam as histórias da cidade...



MAIS 60 Lourdes, para começar nossa conversa, conte-nos um pouco da sua história, de onde você veio...

LOURDES Meu nome é Lourdes Barreto, sou natural do estado da Paraíba, nasci na cidade de Catolé do Rocha, morei em várias cidades da Paraíba, tenho 77 anos, sou mãe de quatro filhos, duas filhas e dois filhos, avó de dez netos, quatro mulheres e seis homens e bisavó de sete bisnetos, três meninas e quatro meninos. Eu, hoje, digo que sou mais feliz de que quando era mais jovem, porque eu não sabia muito conduzir o processo da minha vida para viver uma vida mais tranquila... E agora, eu tenho uma sexualidade muito bem resolvida, eu me sinto muito feliz...

MAIS 60 Fale sobre sua família.

LOURDES Minha família mora na Paraíba, inclusive, eu perdi referência da família, porque o nordestino é assim, aqui em São Paulo deve

ter muita gente que nunca mais voltou para o nordeste. Isso é uma cultura, né? Eu, altás, nunca sofri violência na zona... Nunca de nenhum cliente, impressionante, sofri violência dentro de casa. Meu pai era machista, minha mãe era vítima de violência, também passei na família por violência sexual, então, eu passei por várias histórias na vida, a minha família são meus filhos, os netos, os amigos, as amigas, os clientes... Eles sabem quem sou eu. Fui a Catolé várias vezes, mas perdi a referência com essa família.

MAIS 60 E como você começou na prostituição?

LOURDES Eu não saí de casa porque não tinha o que comer, mas vivia num círculo de violência. Meu pai era muito machista, minha mãe era uma mulher submissa, e eu disse, "eu não vou ser assim". Ai, aconteceu essa questão de eu ser vítima de violência sexual. Não faço apologia à prostituição, não sou a favor da mulher que val-

para a prostituição porque não tem outra coisa para fazer, que isso eu não acredito, porque todo mundo tem alguma coisa para fazer. Eu fui para a prostituição porque eu queria conhecer os dois lados da moeda, queria lidar com a fragilidade masculina. Sei que nós, mulheres, somos fortes, temos um poder muito grande que, muitas vezes, a gente não sabe nem como conduzir isso, e eu sempre digo que sou uma mulher feliz. Sou uma mulher que trabalhou dentro do garimpo, trabalhou em barragem, fui dançarina de cartão, enfim, eu fiz muitas coisas na vida, mas sempre tendo momentos de limite.

MAIS 60 Quantos anos você tinha? E em que momento você saiu da Paraíba e veio para Belém?

LOURDES Aos 14 anos sofri uma violência dentro de casa e acho melhor não ficar mais ali, naquele ambiente. Fui para Recife em um Cabaré, na época chamado Dejanira, e trabalhei por todo o Nordeste entre os anos de 1954 a 1957. Em 57, fui para Belém onde era dançarina de cartão. Escolhi morar em Belém, ter filhos lá. É uma cidade fêmea. Morei nas boates mais chiques da cidade por muitos anos, até chegar o Golpe Militar. Fui presa várias vezes sem saber o motivo e, nesse momento, fecharam o chamado Quadrilátero do Amor, que eram quatro ruas, no centro, onde ficavam os bordéis. Tinha cerca de 3.800 putas, de vários lugares do mundo, e eu, ali, no meio delas, resistindo. Assim que o Quadrilátero fechou, aluguei uma casa e saí de lá, já com meus dois primeiros filhos.

MAIS 60 E como foi conciliar a maternidade com a profissão? Você comentou dos seus filhos e de continuar trabalhando...

LOURDES Não posso dizer que tudo foi um mar de rosas. Foram muitos desafios, muita luta, mas

eu sou sonhadora e sempre acreditei em revolucionar o mundo e a maternidade, para mim, sempre foi um sonho. Criei meus quatro filhos sozinha, porque os pais não assumiram. Eu sou uma mulher livre e não parei de trabalhar para não perder o trajejo! (risos). Além disso, no cabaré, as mulheres se ajudam, minhas amigas cuidavam dos meus filhos enquanto eu trabalhava. Todas as putas são feministas e eu já era feminista antes mesmo de falarem essa palavra, desde os anos 50.

MAIS 60 Lourdes, você hoje se apresenta como feminista e na época que começou, principalmente aqui no Brasil, não se falava em feminismo. Como acontecia?

LOURDES A gente já fazia feminismo há muitos anos. Bom, fazer feminismo era lutar por direitos, identidade, quer dizer, naquela época, na década de cinqüenta, eu já fazia feminismo sem saber essa palavra. Hoje a gente já fala, tem pessoas escrevendo sobre feminismo, mas eu sempre falei. Gabriela Leite¹ também, e outras prostitutas mais antigas, que eu encontrei. Feminismo é lutar pelo que você acredita, tu ir para frente com suas referências, ir lutando... Então é isso. Nós todos aqui somos feministas. É isso aí.

¹ Gabriela Silva Leite foi uma prostituta brasileira da Boca do Lixo em São Paulo, da zona bôma em Belo Horizonte, e da Vila Mimosa no Rio de Janeiro. Estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, mas não chegou a concluir. Fundou a ONG Davida, que defende os direitos das prostitutas. Foi também a idealizadora da grife Daspu. Morreu no Rio de Janeiro aos 62 anos, vítima de câncer.

100

maisé
Estudos sobre Envelhecimento
 Volume 31 | Número 77
 Agosto de 2020

Entrevista
 Lourdes Barreto

MAIS 60 Você acha que esse movimento contribuiu para o coletivo, para vocês se unirem, criarem os filhos, se defenderem?

LOURDES Sim...o que eu não tive, é que eu não estudei, né? Só quem estudou foram meus irmãos. Meu maior foco, meu maior respeito e minha maior preocupação sempre foi a educação, porque para mim é um dos pilares que dá o direcionamento para qualquer espaço que a pessoa possa conquistar. E todos meus netos fizeram vestibular, todos eles, e as minhas filhas, todos eles, eu passei a noite inteira contando histórias. Eu convivi nos cabarés da vida com poetas, com ator, com pessoas que conheciam as histórias da cidade, então, eu me lembro que a Julliana (neta) foi fazer a prova dela de vestibular, fui para a casa dela na véspera, ficamos até a noite, fumando cigarro, tomando café, e ela fazendo pergunta, e o outro queria saber sobre a migração, o que aconteceu no Acre, na questão com a Venezuela, contei tudinho e calu... Como é que charma? Enem... Calu sobre isso.

MAIS 60 Você tem um envolvimento importante em defesa das mulheres idosas na sua região. Fale sobre isso.

LOURDES A gente tem que ter limite de algumas coisas, ter cuidado, sou ploneira na luta contra a AIDS no Brasil, sou fundadora, junto com Gabriela da Silva Leite, sou fundadora da Rede Brasileira de Prostitutas, e, também, fundadora do Grupo de Mulheres Prostitutas do estado do Pará. É que eu fiquei olhando para a Zona das mulheres, mulheres antigas com a minha idade, tem umas mais pobres e outras melhores, de setenta e poucos anos, e percebi que estava faltando alguma coisa. Eu tenho lutado pela questão das mulheres da terceira idade, porque há uma exclusão social muito grande ainda, um preconceito e uma discriminação,

no sentido de achar que as pessoas que viveram mais não significam mais nada, não têm prazer, não querem mais viver. Eu sempre penso que eu nunca vou ficar velha, eu sou uma pessoa madura, que amadureci de uma forma bem gostosa, bem dinâmica, e com muitos sabores da vida, sou uma mulher generosa, companheira, gosto do que faço e me orgulho também da minha profissão, não faço apologia...

MAIS 60 Em que momento você resolveu parar de trabalhar?

LOURDES Eu estou com 77 anos. Trabalhei, até os 62, 63 anos. Parei de trabalhar quando eu tive uma queda, tive que fazer uma cirurgia, e também já estou um pouco cansada, porque o trabalhador, você tem um tempo que cansa. Eu sempre trabalhei e tentei desconstruir essa frase colocada sobre as mulheres, inclusive as prostitutas. Falar que a mulher é sexo frágil, que não é. Mulher é muito talento, é muito forte. É importante dizer, porque 99% das prostitutas trabalham sem a mínima condição.

MAIS 60 Lourdes, você falou que mantém a sexualidade normal, nada mudou com a idade. A minha pergunta é: porque tem pessoas que passam dos 60 anos, e dizem que a sexualidade acabou? Você sentiu alguma mudança?

LOURDES Não, eu não senti. Eu acho que a minha sexualidade era muito reprimida e, na terceira idade, eu acho que ela melhorou mais, porque também eu tive mais tempo de me preocupar com isso, de estar me arrumando, porque sexualidade não é só ir para cama e fazer sexo. É você gostar da roupa que você veste, é você gostar de uma cor do cabelo, arrumar o cabelo... Sexualidade é isso. As pessoas confundem sexualidade com sensualidade, é você estar bem, é você estar bem com você mesma, sua cabeça ter um dire-



cionamento, é você saber o que você quer. Para mim está muito bem definido isso. Eu acho que bem mais do que quando era nova.

MAIS 60 Você está bem resolvida com seu envelhecimento?

LOURDES Estou, tudo é cabeça. Não é outra coisa. O corpo também, mas a cabeça tá junto.

MAIS 60 Fale sobre a potência do Gempac. Como esse grupo foi criado e qual é o objetivo?

LOURDES O Gempac é Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará. Nos anos de 87, quando nós fundamos a Rede Brasileira, com a Cabriela Leite, no Rio de Janeiro, no circo Voador², nós tínhamos o objetivo de chegar em

² Circo Voador: Espaço Cultural localizado no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, inaugurado em 1982, foi fechado em 1996, ganhando, na Justiça, para retomar suas atividades em 2002, sendo atualmente administrado pela ONG "Associação Circo Voador" de forma independente, com recursos próprios.

nosso município e organizar grupos, né? E nós, lá em Belém, nós começamos. Eu comecei lá, realmente, com as mulheres para falar sobre direitos, questão de identidade, de gênero. A gente vem discutindo a questão de gênero já faz muito tempo, a questão de direitos, de condições de trabalho, de enfrentar a questão da violência social, política e humana e a gente fundou o Gempac. O Gempac é um grupo que é referência na região toda, é um grupo grande. Onde tinha puta, nós estávamos, no garimpo, nas cidades, nos municípios dos estados, então, a gente fazia esse movimento.

MAIS 60 E continua até hoje?

LOURDES Continua, é um movimento que tem uma parceria muito grande com a academia, nós temos convênio com a Universidade Federal do Pará, com outras universidades privadas, importante também a parte da academia, de pesquisas também...

102

mais60
Estudos sobre Envelhecimento
 Volume 31 | Número 77
 Agosto de 2020

Entrevista
 Lourdes Barreto

MAIS 60 É em defesa dos direitos...

LOURDES Na formação de estudantes, que vai da academia até estes que estão começando, para saber da nossa história. Trabalha muito com a questão dos direitos humanos, a questão da cidadania... A questão da mulher mesmo, que precisa trabalhar a questão da mulher de uma forma carinhosa, de uma forma bonita, porque muitas mulheres têm dificuldade, e não é só prostituta, porque nós abrimos um leque. Por exemplo, eu tenho um trabalho sobre sistema penal, entre as mulheres privadas de liberdade. São mulheres em vulnerabilidade social... E ainda tem outro agravante muito grande, elas vão presas e os filhos ficam abandonados.

MAIS 60 Hoje você observa mudanças nos lugares que frequentava?

LOURDES Eu não posso falar muito bem de Belém, que é onde eu vivo, né? Primeiro aconteceu o seguinte, a questão de 90, é a participação da gente dentro dos Conselhos. Por exemplo, eu sou conselheira nacional, do Conselho dos Direitos da Mulher, em relação de gênero. Sou também conselheira estadual, então, estou também no Conselho de Saúde, em várias instâncias. Então, isso faz com que a própria polícia respeite, alguns donos de casas veem que essas mulheres têm importância e têm, por trás delas, um movimento que defende seus direitos. As mulheres também estão participando politicamente, num espaço público, interagindo com a questão de identidade, então, há uma mudança muito grande hoje sobre a violência contra as prostitutas, sobre isso. Isso no Brasil todo.

MAIS 60 A violência contra a mulher está mais evidente agora...

LOURDES Está mais claro, porque, na nossa época, a gente ficava confinada sem poder falar,

denunciar... Tem associação no Brasil todo... Agora, temos uma questão que é de identidade, tem as que estão lá na capital, que estão no movimento, participando, sabem como dizer a eles. Eles sabem que é uma associação que é ativa, sabem que vamos a uma Assessoria Pública, denunciar na Delegacia da Mulher, enfim, a gente está fazendo...

MAIS 60 E como é a Lourdes hoje? Como é o seu dia a dia?

Eu sou muito família também. Eu gosto, no final de semana... Eu cozinho muito bem, de fazer comida, chamar os filhos, netos, bisnetos, têm dois que moram mais próximos... É cuidar da família e eu tenho tanta coisa para fazer, que não tenho nem tempo de pensar em tristeza, quando eu vejo "olha, a senhora pode vir conversar com a gente?". Eu vou chegar em Belém e, no outro dia, eu tenho que estar na Defensoria Pública para dar uma palestra para a população secundária, os familiares das mulheres privadas de liberdade. Depois, vou dar uma palestra para as mulheres da alta sociedade, falando sobre sexualidade na Terceira Idade, violência contra a mulher, falando dessas coisas todas que eu falo... então eu faço muitas palestras agora.

MAIS 60 Você mora sozinha?

Eu moro sozinha, sou sozinha para qualquer lugar, agora, para viajar tem que ter acompanhante, porque eu tomo remédio para diabetes, para pressão, essas coisas todas.

MAIS 60 Que mais você fez e faz, Lourdes? Conta pra gente.

LOURDES Eu fiz tanta coisa, fui vereadora, fiz roteiro de uma minissérie, trabalhei em gabinete, desfilei em escola de samba. Lá no bairro onde eu moro, eu ajudei a criar a Associação dos

Moradores, eu ajudei a instalar a Delegacia da Mulher lá no Pará, Conselho Tutelar, Estatuto do Idoso, Estatuto da Criança e do Adolescente, a luta contra a AIDS no Brasil, eu estava em todos esses espaços. E estava lá como puta mesmo, não tinha isso de ah...eu sou puta, "sou prostituta". Essa palavra que é a palavra. Chamou a atenção e todo mundo passou a me chamar para palestras até hoje. Também gosto do bar, gosto da noite, gosto da boemia...

Eu trabalho muito com a questão do prazer. Aquela vontade de revolucionar, então, eu sou uma mulher feliz, me orgulho da mulher que eu sou, cuido dos filhos sem negar essa identidade, resolvi fazer uma tatuagem - Eu sou puta, eu falei que vou fazer dessa frase um símbolo de resistência e de identidade. Isso para mim é fantástico, eu fui a primeira puta do mundo tatuada, isso eu fiz em João Pessoa, no congresso brasileiro, e essa palavra dava uma visibilidade na minha vida, na minha história, nas minhas conquistas de lutas, já fui candidata a vereadora em Belém do Pará. Depois, eu disse: "eu não quero isso". É importante a mulher estar no parlamento, mas eu não quero, porque meu papel é estar na base, é estar conversando com as pessoas.



As pessoas confundem sexualidade com sensualidade, é você estar bem, é você estar bem com você mesma, sua cabeça ter um direcionamento, é você saber o que você quer. Para mim está muito bem definido isso. Eu acho que bem mais do que quando era nova.

ANEXO B – Entrevista de Marta Gil publicada na *Mais 60*

100

mais60 - Estudos sobre Envelhecimento
Volume 29 | Número 73 | Abril de 2019

“Quando você tem a educação inclusiva bem-feita, é claro, o ensino fica muito concreto e quando fica muito concreto é bom para todo mundo”



Paulistana, 69 anos, formada em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, é especialista em comunicação e disseminação da informação na área da deficiência, especialmente em temas como educação e trabalho. Marta desenvolve um trabalho relevante sobre os diversos tipos de deficiência no Brasil. Possui livros, artigos e vários trabalhos publicados na área e contou, entre outros destaques da sua carreira, sobre a organização da Rede de Informações Integradas sobre Deficiência, que teve como desdobramento a Rede Saci – Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação – projeto que coordenou na USP e contribuiu para o início das ações na área da deficiência.



RAIO-X

Marta Gil
Socióloga, paulistana,
69 anos,
formada em Ciências
Sociais na Faculdade
de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
USP (FFLCH/USP).



FOTO: ALEXANDRE MUNIZ

102

mais@
Estudos sobre Envelhecimento
 Volume 29 | Número 73
 Abril de 2019

Entrevista:
 Marta Gil

MAIS *60* Marta, para começar, gostaríamos de saber um pouco sobre sua história, suas origens, infância, onde você nasceu...

MARTA GIL Eu sou paulistana, nasci perto da avenida Paulista, na rua Frei Caneca, e os dois lados, tanto da minha mãe como de meu pai, são de uma origem muito brasileira. Do lado da minha mãe eu tenho um tio-avô que gostava muito de genealogia e ele conseguiu traçar a nossa árvore até 1700 em Minas [Gerais]. Claro que os registros têm certa limpeza étnica, então a gente não identifica a presença de negros e índios, que, obviamente, tem. Você vê pelas feições. Minha avô materna tinha uma aparência muito indígena, com os ossos malares salientes, cabelo bem preto e, do lado do meu pai, a gente não tem tantos registros, mas também é uma origem bem portuguesa, bem brasileira, eles são fundadores de uma cidade chamada Jambeiro, que fica na via Dutra, então eu sou bem brasileira mesmo.

MAIS *60* Quando você começou sua trajetória nessa área da deficiência, acessibilidade, inclusão? Estudar sobre isso, como foi?

MARTA GIL Eu tenho duas respostas. A primeira, eu nasci dentro disso, dessa temática. Por quê? Meu pai tinha uma deficiência física, que a minha irmã, um pouco mais nova do que eu, também tem. Não exatamente a mesma, mas também tem. Minha mãe tinha cinco irmãos, a última tinha síndrome de Down. Assim, em certo sentido, eu nasci nessa temática, eu convivo com isso desde que nasci e com uma sorte incrível, porque meus

avôs tinham uma postura que, até hoje, quando eu lembro, fico emocionada e orgulhosa, porque eles tinham uma visão muito para frente, muito mesmo. Essa minha tia foi superestimulada, minha avô tinha feito a Escola Normal, na Caetano de Campos, ela era uma mulher que tinha estudado, talvez até um pouco mais do que as mulheres da época, e ela tinha informações sobre a síndrome de Down. Quando nasceu essa filha, foi feito o diagnóstico, era a caçulinha, dai ela disse: "A gente tem que fazer alguma coisa". Nessa época, a Helena Antipoff, a fundadora da Pestalozzi, estava chegando ao Brasil, em Minas Gerais. Minha avô não teve dúvidas, chamou o marido e disse: "Você fica com as meninas, elas já podem ajudar, e eu vou para Minas, vou estudar". A essas alturas, minha tia [com Down] tinha uma professora particular e eu fazia as aulas junto com ela. Era um "começinho de inclusão", porque a professora e a minha avô achavam que isso a estimularia. O resultado foi que eu aprendi muito rapidamente.

MAIS *60* Fale mais sobre o seu pai.

MARTA GIL Ele tinha uma diferença de tamanho das pernas, então ele balançava um pouco, mas ele andava... enfim, ele foi tocando a vida. Foi um dos fundadores da Cooperativa de Consumo dos Funcionários. Ele era da organização da associação dos funcionários, organizava festas de Natal, porque era festeiro. Então, sempre conviveu com muita naturalidade. Para mim era uma coisa que fazia parte do meu dia a dia.

“
 [...] em certo sentido, eu nasci nessa temática, eu convivo com isso desde que nasci e com uma sorte incrível, porque meus avôs tinham uma postura que, até hoje, quando eu lembro, fico emocionada e orgulhosa, porque eles tinham uma visão muito para frente.

MAIS &O Daí você decidiu estudar sobre isso, você fez Ciências Sociais...

MARTA GIL Fiz Ciências Sociais na USP [Universidade de São Paulo] e como eu tinha uma bolsa de estudos, fiz intercâmbio nos Estados Unidos. Sempre gostei de ter meu dinheirinho e quando voltei, passei a dar aulas de inglês. Eu me via lutando por uma sociedade mais justa, uma coisa assim. Nessa época eu já era recém-formada, eu disse "está legal, vou ver como é isso". Fui fazer uma pesquisa, um levantamento bibliográfico rápido, não tinha nada de informação sobre pessoas cegas. Você tinha alguns estudos muito pontuais, principalmente na África. A aldeia X que tinha muita incidência de tracoma. Então, tinha um estudo sobre tracoma, enfim... As pessoas só trabalhavam com estimativas da Organização Mundial da Saúde [OMS].

MAIS &O Nessa época havia mais informações a partir da saúde biológica e da medicina, correto?

MARTA GIL Você nem tinha informação, você tinha estimativa e pronto. Quando tinha esses estudos eram coisas médicas e mesmo assim muito pequenas, muito restritas. A Organização Mundial da Saúde dizia que em tempos de paz, nos países de terceiro mundo, a gente usava ainda essa nomenclatura, 10% da população tinha deficiência. Desses 10% eles iam dividindo as fatias. Cinquenta por cento com deficiência intelectual e os outros. Não tinha mais nada, então tinha uma coisa para estudar.

MAIS &O Você fez parte do Projeto Rondon?

MARTA GIL Sim. Eu organizei uma pesquisa, foi um trabalho totalmente voluntário e, no Rondon, eu capacitava os estudantes, eles iam a campo, eles tinham várias tarefas e uma delas era essa. Essa pesquisa foi avançando, essa parceria

com o Rondon foi muito bacana, a gente estudou os municípios mais carentes de nove estados brasileiros, tivemos pouco mais de seis mil questionários preenchidos, e era um retrato de total desamparo. A maior parte das pessoas não tinha noção do que era Braille, nunca tinham ouvido falar, em geral ficavam em casa ouvindo rádio, porque o Rondon ia aos municípios mais pobres, mais carentes. Também não sabiam como haviam adquirido uma deficiência visual, porque tem muitos lugares em que o oculista vai uma vez por semana, uma vez por mês, até hoje. Depois de todo esse tempo eu tinha mudado totalmente a minha visão, o Projeto Rondon foi interrompido naquele momento, eu escrevi um livro, a gente o publicou com os dados e o mandou para a Biblioteca do Congresso Nacional, lá nos Estados Unidos.

MAIS &O Nesse período você continuou com os estudos sobre deficiência na USP?

MARTA GIL Eu fui dar uma olhada para ver se o conhecimento tinha avançado, nesse período que eu não tinha trabalhado. Não, o conhecimento não tinha avançado. Eu pensei, já que eu vou apresentar uma proposta para deficientes visuais, por que não todas [as deficiências], já que estou na chuva, vamos ver. Ai, eu fiz uma proposta e foi aceita. Tive uma bolsa por quatro anos. Voltei na USP e disse "tenho uma ideia, não sei se vai funcionar, e tenho uma bolsa". Ai eu fui para a USP, montei o primeiro sistema de informações sobre pessoas com deficiência e, ao mesmo tempo, eu trouxe uma área temática para a USP.

MAIS &O Tinha um formato mais assistencialista?

MARTA GIL Totalmente. Você tinha poucas associações. Você tinha a AACD [Associação de Assistência à Criança Deficiente], a Apae

104	mais&oo Estudos sobre Envelhecimento Volume 19 Número 33 Abril de 2019	Entrevista Marta Gil
	<p>[Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais], o Lar Escola São Francisco, que agora não tem mais, tinha o Instituto Padre Chico, que é muito antigo, e a Dorina Nowill, que se chamava Fundação para o Livro do Cego. E o que acontecia de informação era muito precário, eram caderinetas de telefone. As assistentes sociais se conheciam, porque eram poucas associações. Então chegavam casos, se elas não tivessem vagas ou não fossem exatamente o perfil, elas pegavam o caderinho e ligavam – "você tem vaga?" –, era assim o sistema. Era pelas assistentes sociais.</p> <p>MAIS &OO Como você vê essa evolução até os dias de hoje?</p> <p>MARTA GIL Ah, é uma maravilha. Foi muito rápida. No começo foi muito difícil, como todo começo. Foi muito desafiador quando a gente fez o primeiro site, a gente pedia para que as pessoas escrevessem, mas as pessoas diziam: "Mas eu vou escrever, sou uma dona de casa, num site da USP? Não, não vou, não sei escrever". Isso foi mudando, mudando, mudando e, hoje em dia, todo mundo publica, escreve e tal. E a ideia de direitos – "eu tenho direitos" – está muito consolidada. Então, muitos avanços.</p> <p>MAIS &OO O que você acha da educação pública e da iniciativa privada para as pessoas com deficiência no Brasil? Você acha que ainda tem muito para evoluir ou é suficiente?</p> <p>MARTA GIL Não é suficiente, precisa evoluir muito, mas o que eu acho é que o copo está meio cheio. A gente tem ótimas iniciativas, ótimos resultados em muitos lugares do Brasil. Às vezes, em cidades pequenas, você tem coisas muito exitosas acontecendo, por outro lado, ainda falta muito. A gente está em um momento em que essa ideia de inclusão na escola está se afirmado.</p>	<p>MAIS &OO Você acha que tem uma tendência de voltar a segregar?</p> <p>MARTA GIL Principalmente as escolas particulares, sim, elas têm muita resistência, com honrosas exceções. Não são todas, mas elas têm muita resistência. Acho que, basicamente, por pressão dos pais e falta de conhecimento dos professores e dos pais, porque todo professor quer ter bons resultados. Ele quer que o aluno aprenda e, nas faculdades, eles não recebem essa capacitação. Eles têm teoria, Piaget, Vygotsky, enfim, só que na hora que você tem um aluno com autismo na sua frente e em algum momento ele se descompensa não tem Vygotsky que dê conta.</p> <p>MAIS &OO A gente ouve muitos educadores comentarem quando é a hora de trabalhar de forma exclusiva e inclusiva, porque, realmente, não é tão simples. Depende de pesquisa, né?</p> <p>MARTA GIL Depende, depende de conhecimento e a lei... acho que a nossa lei é muito interessante, porque ela diz o seguinte: um período, não para todos, mas para quem precisa, um período na escola regular, na sala comum, junto com os coleguinhas. Outro período, no contraturno, no atendimento educacional especializado. Se ele é surdo, vai aprender Libras, se ele é cego, pode aprender Braille, enfim. Então a professora da classe regular conversa com a professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado) e fala, por exemplo, "não estou conseguindo ensinar frases para ele", dai a professora do atendimento especializado vai procurar uma metodologia, um jeito, uma estratégia, e vai passar para a professora da sala.</p> <p>MAIS &OO Seria um aprimoramento?</p> <p>MARTA GIL Exatamente. Agora, nem todas as escolas fazem isso, nem todos os professores conhecem e muitas vezes os pais ficam temerosos.</p>



Entrevista
Marta Gil

maisce
Estudos sobre Envelhecimento
Volume 10 | Número 73
Abril de 2019

105

"Ah, esse aluno com deficiência vai abaixar o nível e eu não quero, tira ele da sala do meu filho!", sem ter a noção de que é o contrário. Quando você tem a educação inclusiva bem-feita, é claro, o ensino fica muito concreto e quando fica muito concreto é bom para todo mundo. Não é que a professora vai preparar uma aula para o Joãozinho e uma aula para o resto da classe, não. Você tem muitas estratégias.

MAIS 40 Você pode falar sobre a Rede Saci? Teve uma época que você a coordenou. Como foi? Como começou?

MARTA GIL A Rede Saci foi a segunda rede, foi um desdobramento do primeiro projeto, quando eu fui para a USP, nos anos [19]90. O primeiro projeto chamava-se Reintegra - Rede de Informações Integradas sobre Deficiências. At, a Reintegra cresceu, cresceu, ela era uma novidade e nós resolvemos ampliar. A essa altura a informática, a internet estava muito mais acessível, porque quando a internet chegou aqui no Brasil, era acadêmica. Era uma utilização muito restrita. E mesmo o pessoal da academia resistia. Era um deserto, não tinha tráfego, era uma estrada deserta. Então, foi assim, a Reintegra foi crescendo, a gente usava ainda muita carta, a gente imprimia o material em rímas, aquelas impressoras desse tamanho! E a Reintegra foi crescendo e deu origem à Rede Saci.

MAIS 40 E qual a razão para o nome Saci?

MARTA GIL Primeiro, a gente usou a palavra como um acrônimo, "solidariedade", "apoio", que eram nossos valores, "comunicação" e "informação", que era nossa forma de agir. A gente não tinha atendimento, não tinha fono, não tinha nada, a gente passava, gerava ou simplesmente passava a informação e comunicação. Também escolhemos o saci-pereré porque ele é muito



"A gente tem ótimas iniciativas, ótimos resultados em muitos lugares do Brasil. Às vezes, em cidades pequenas, você tem coisas muito exitosas acontecendo, por outro lado, ainda falta muito."

"Você não vai fazer uma rampa para cadeirante, não é o custo-benefício, quantos cadeirantes têm aqui? Não é isso, é para todo mundo."

106

maisce
Estudos sobre Envelhecimento
Volume 29 | Número 73
Abril de 2009

Entrevista
Marta Gil

“ [...] se não acredito na inclusão e recebo um aluno com deficiência, se não acredito no potencial dessa criança, se não invisto no potencial dessa criança ela não vai, não tem jeito.



interessante. Ele é um duende, especificamente brasileiro, em Portugal não tem, ele é nosso, né? E assim, saci-pererê são palavras de origem indígena, o saci nasceu indígena. Ele ficou negro porque os escravos negros se apropriaram, mas ele é indígena. Ele tem aquele barrete vermelho, que é dos duendes portugueses, e ele tem uma deficiência, porque tem uma perna só. Segundo a lenda, o saci viaja no redemoinho, e quando você tem um redemoinho, sai tudo do lugar, fica uma bagunça. Agente brincava que o nosso saci viajava na internet, porque quando a internet chega, muda a vida de todo mundo. Então, por isso que a gente usou o saci. Então, a Rede Saci nasceu mais robusta, ela existiu durante muitos anos. Em 2006, eu saí da universidade, fui trabalhar como consultora, a Rede Saci ainda continuou um pouquinho, depois a universidade desativou. Ai, teve uma época que eu fiquei bem triste, mas, enfim, eu fui percebendo que ela já

tinha feito o papel dela, porque a informação já estava aí. As coisas todas têm um ciclo na vida e tudo bem, a Saci teve um ciclo também.

MAISCE *co* Marta, em uma de suas entrevistas, você disse: “A inclusão é um processo que começa dentro de cada um de nós. Envolve valores, sentimentos, noções apercebidas. Não se trata de apontar o dedo no nariz dessa entidade abstrata chamada sociedade e esbravejar: a sociedade não é inclusiva! É hora de nós fazermos a pergunta batidinha para nós mesmos, somos inclusivos?”. Fale um pouco sobre isso.

MARTA GIL Pois é, o que eu acho... não tem jeito, se sou uma professora, se estou em uma sala, se não acredito na inclusão e recebo um aluno com deficiência, se não acredito no potencial dessa criança, se não invisto no potencial dessa criança ela não vai, não tem jeito.

MAIS & CO Não adianta colocar a culpa só no outro, na sociedade, somos nós, correto?

MARTA GIL Não sou eu, a sociedade é feita pela gente. É você que começa, é você que acredita, porque é um desafio, não é fácil. Na hora que você vê o depoimento dos professores, 99% é assim: "Quando eu recebi um aluno com deficiência, fiquei apavorada". Depois você diz, não, vamos lá, vou observar, vou olhar, mas eu não vou olhar com desprezo, vou olhar no sentido do que posso fazer, de forma aberta. Como ele se senta, como ele pode, ele segura a caneta de que jeito, o que eu posso melhorar? Eu posso conversar com ele também. Isso é da pessoa e quanto mais você convive mais fica fácil.

MAIS & CO Marta, como você vê a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho atualmente?

MARTA GIL É um desafio que está indo. Eu escrevi um texto para a *Folha de S. Paulo* recentemente tratando sobre a lei de cotas. Ela chega de uma forma muito antipática, porque ninguém gosta. Se alguém diz "você tem que fazer isso", você não vai querer. O que vou fazer para escapar disso? Como as empresas podem escapar disso? Agente vem dessa "ideia" de que as pessoas com deficiência não têm capacidade, que vai ter um monte de peso morto, é isso que as empresas muitas vezes pensam. A lei de cotas chega como um remédio amargo e ninguém gosta. O que acontece é que muitas empresas esperneiam e vão recorrendo

ao Judiciário até onde dá, impetrando recursos, tal. Outras empresas começaram a dizer "vamos ver como é" e os resultados são ótimos. Agora, nós temos os dados de 2016, não temos os dados mais recentes da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), que é a fonte oficial do ministério, e nós temos um pouco mais de 400 mil pessoas com deficiência no mercado formal, o que, de novo, é o cheio e o vazio. De um lado é um número expressivo, de outro lado falta muito ainda. E a gente vai aos poucos produzindo conhecimento.

MAIS & CO Fazendo um paralelo com o nosso trabalho sobre a velhice, nós temos no Sesc, no trabalho com idosos, uma diretriz que aponta que de alguma maneira temos que trabalhar para a desconstrução de preconceitos e estereótipos, porque o velho sofre com essa questão. As pessoas com deficiência também podem passar por essas situações. Na sua opinião, quais são as estratégias que temos que ter para desconstruir esses preconceitos e estereótipos para todos?

MARTA GIL Tem duas coisas, informação e convivência, e o Sesc foi pioneiríssimo, vocês trouxeram essa questão da terceira idade quando ninguém discutia isso aqui no Brasil. Eu acrescentaria aí, também, acessibilidade. Na hora que você tem informação e que você convive, vai desconstruindo isso, e é importante, porque a longevidade do povo brasileiro está aumentando. Então, você tem pessoas... com a minha idade,



[...] "Quando eu recebi um aluno com deficiência, fiquei apavorada". Depois você diz, não, vamos lá, vou observar, vou olhar, mas eu não vou olhar com desprezo, vou olhar no sentido do que posso fazer, de forma aberta.

108

mais&os
Estudos sobre Envelhecimento
 Volume 29 | Número 73
 Abril de 2019

Entrevista:
 Maria Gil

“Avançamos bastante, ainda temos coisas para conquistar, mas temos direitos, nós temos o Estatuto do Idoso, não são privilégios, são direitos, é uma coisa bem diferente.”



minha avó era uma senhorinha que estava em casa, fazia tricô, crochê, muito lúdica, mas tinha encerrado a carreira. Cuidava da casa, fazia um bolo quando os netos iam visitar, enfim, essa classe de vovó que hoje em dia não existe, está mudando. Então, a gente acha que é muito importante que a sociedade tenha essa informação e essa convivência, porque é na convivência que você vai desconstruindo. E que tenha acessibilidade, porque mesmo que uma pessoa com mais idade não tenha uma deficiência, ela, muito provavelmente, pode ter uma dificuldade de locomoção. É bacana para todo mundo. Você não vai fazer uma rampa para cadeirante, não é o custo-benefício, quantos cadeirantes têm aqui? Não é isso, é para todo mundo.

mais&os Maria, quais são seus projetos de vida?

MARIA GIL Por enquanto ainda tem muita coisa nessa área de inclusão. Estou fazendo várias coisas, estou com vários projetos, vários sonhos, eu preciso de um dia mais comprido ((risos)).

mais&os O que o envelhecimento trouxe para você?

MARIA GIL Eu acho que é uma coisa, assim, uma tranquilidade. Não preciso me preocupar tanto com o que as pessoas acham, me autorizo mais. É um empoderamento mesmo, porque o que eu acho que precisa ser feito está muito claro para mim, e uma tranquilidade, não preciso provar, não preciso agradar, fico mais solta.

MAIS 60 Você consegue ver uma evolução na sociedade, aqui no Brasil, ou ainda há muito por fazer, o que você acha desse caminho da longevidade?

MARTA GIL Eu acho que sim, que avançamos bastante, ainda temos coisas para conquistar, mas temos direitos, nós temos o Estatuto do Idoso, não são privilégios, são direitos, é uma coisa bem diferente. Uma coisa que eu tenho visto e fico muito encantada, não sei se outras pessoas... Eu preciso até conversar, mas comigo, não sei se o fato de ter deixado o cabelo branco, enfim, sei lá...

MAIS 60 Está super na moda...

MARTA GIL Pois é, teve uma hora que resolvi. Eu tinha cabelo branco na faculdade, então passei por todas aquelas coisas, por hena, luzes, mechas, enfim, fiz tudo até que disse agora chega, assumi. E uma coisa com que fico impressionada é a quantidade de gente com delicadeza, que oferece alguma ajuda, "você quer não sei o quê?", e tal, sabendo perguntar. Não é aquela coisa de pegar pelo braço, mas perguntando, quer alguma coisa, quer alguma ajuda?

MAIS 60 Fale mais sobre isso.

MARTA GIL É. Tem gente por quem eu passo na rua e tem gente que me cumprimenta, aqui em São Paulo, eu acho inédito, porque é uma cidade em que todo mundo está sempre sério, no celular, e é muito comum. Eu acho o máximo. Banco ainda é complicado. Eu chego em um caixa eletrônico e é um imã. Vem um atendente

lá da frente. Eu lido com caixa eletrônico, têm coisas que são mais sofisticadas, daí eu tenho mais dificuldade, mas caixa eletrônico tudo bem, eu tiro de letra, então vem e eu digo, "não, obrigada". "Não quer que eu faça?" "Não, não precisa." É uma atenção, mas também é uma infantilização nossa. Não careço.

MAIS 60 Na sua perspectiva a acessibilidade, aspecto essencial para pessoas com deficiência, contribui para a cidadania de toda população?

MARTA GIL Certamente. Tem um exemplo que sempre gosto de dar. Alguns anos atrás, a *Folha de S. Paulo* fez uma pesquisa, não na avenida Paulista, mas nas alamedas paralelas. A Paulista tem um pavimento maravilhoso, mas você sai dali para a alameda Santos e todas as outras ruas e havia uma quantidade de moças executivas que tinham caído, quebrado o salto do sapato alto, quebrado a perna por conta de calçamento. Sem nenhuma deficiência, quem usa salto seis, sete, não tem nenhuma deficiência, mas essas calçadas são uma armadilha. Esse exemplo, para mim, foi muito forte. Não é que a pessoa é distraída, não, é para todo mundo. Alguém com carrinho de bebê, obesos, a gente está com uma população acima do peso, é mais difícil você ter agilidade, é mais fácil torcer o pé, se desequilibrar.

MAIS 60 Marta, quero te agradecer, foi ótimo.

MARTA GIL Falei demais...

MAIS 60 Imagina, ficaria aqui horas...

ANEXO C – Entrevista de Ume Shimada publicada na *Mais 60*

82

mais60 – Estudos sobre Envelhecimento

Volume 30 | Número 76 | Abril de 2020

**ENTREVISTA
UME SHIMADA**

"A gente tem que trabalhar para ganhar o dia. Sem trabalho não tem graça. O trabalho ajuda muito."



Ume Shimada é filha caçula de um casal de imigrantes japoneses - Katsume Sugano e Kikuno Sugano, que chegaram ao Brasil em 1913. Nasceu em Registro em 1927. Casou-se aos 25 anos com o imigrante Akira Shimada, falecido há 10 anos. Teve seis filhos, três homens e três mulheres.

Em toda sua vida, Ume foi empreendedora. Foi professora de corte e costura, ganhou o sítio Shimada de sua mãe, no qual chegou a produzir treze produtos, vendidos na Baixada Santista. Comprou uma barraca de feira e um caminhão, tornando-se feirante durante seis anos na Grande São Paulo. Comprou uma ótica no bairro da Aclimação, onde ficou residente. Hoje, três de seus filhos estão no ramo de ótica.



maisce
Estudos sobre Envelhecimento
Volume 30 | Número 76
Abril de 2020

83

RAIO-X
Ume Shimada
93 anos,
empreendedora.



POTO: MATHIEU DIÉMAIS

84

mais60
Estudos sobre Envelhecimento
Volume 30 | Número 76
Abril de 2020

Entrevista
Ume Shimada

Foi pioneira na produção de motil¹ artesanal em São Paulo, chegando a processar 30 sacos de arroz motil aos finais de ano. Foi também pioneira na plantação de lichia em Registro, há 25 anos.

Em 2004, reassumiu o Sítio Shimada, que estava arrendado, e continuou com a produção de brotos de chá e lichia.

Em novembro de 2014, inaugurou sua pequena fábrica de chá preto artesanal com a intenção de não deixar a produção do chá morrer, estimulando outros produtores. Por conta disso, recebeu homenagens, participou de três festivais de chá preto no Japão e faz grande sucesso na mídia nacional e internacional com seu chá.

A Revista Mais 60 conversou com Ume Shimada para saber mais sobre sua rotina, família e histórias de vida.

MAIS 60 Ume, começamos as entrevistas com pessoas especiais, como a senhora, pedindo para contar um pouco da história de vida, onde a senhora nasceu...

UME Eu nasci aqui, sou brasileira purinha.

MAIS 60 E seus pais vieram para cá... Como foi?

UME Meus pais vieram do Japão, para colher café. O chá eles conjectaram, mas o café não. Então foram para o cafezal, colher café. Aí em vez de colher a fruta, eles colheram a folha e deixaram a fruta. Deixaram dois pés de café peladinhos [risos] depois, o patrão veio e ficou bravo com eles. Depois, meu pai conta que trabalhou, mas nunca ganhou dinheiro. Meu pai dizia "puxa a vida,

¹ Arroz utilizado na fatura do motil (também conhecido como bolinho de arroz). É diferente do arroz comumente usado na culinária japonesa. O motil tsutti é feito num usu (pílão japonês), com a ajuda de um ushi (k-sa tsutti), que é uma espécie de grande marmeta de madeira. O processo é repetido até o arroz ficar no ponto certo do motil: uma massa lisa e firme.



“... eu lembro muito bem, porque meu pai plantou...
Não sei de onde ele trouxe a semente do chá, plantou na areia, esse chá brotou...”

“Por causa do chá, a gente tem visitas boas mesmo, ele caiu do céu.”

a gente trabalha, trabalha, trabalha bastante e não ganha dinheiro, vamos fugir", diz que pegou uma carroça com cavalos e fugiu.

MAIS 60 E como o chá entrou na sua vida?

UME O chá foi assim: eu lembro muito bem, porque meu pai plantou... Não sei de onde ele trouxe a semente do chá, plantou na areia, esse chá brotou, então, meu pai trouxe uma latinha, eu me lembro muito dessa latinha, e meu pai disse: você pega essa latinha, escolhe o brotinho que está aqui nascido e dat colhi e levei para o meu pai. Isso eu lembro muito bem.

MAIS 60 E a senhora nunca mais deixou de trabalhar com o chá...

UME Não, antes tenho uma história para contar. Meu pai, no Japão, trabalhava com casulo. Ele tirava o fio do casulo para fazer tecido. Então, meu pai veio com essa intenção de chegar no Brasil para criar esse casulo, pensando que o Brasil era muito bom, porque a propaganda foi muito boa. Que nada! Depois da guerra mundial, que meu pai voltou para o Japão. Até aí, meu pai sofreu muito, muito mesmo. Depois, ele veio para esse sítio aqui, e plantou café. Daí o café não deu certo, porque entrou bichinho, e ele teve que cortar todos os pés de café. Daí o cafezal ficou abandonado. E meu pai falou "o que nós vamos fazer?"

MAIS 60 E então veio a ideia do chá?

UME Meu pai trabalhou muito, até que enfim ele inventou de fazer uma fábrica de chá. Nessa fábrica de chá, eu ajudei muito meu pai. Eu estava no grupo, até o quinto ano, tinha que ir a pé na escola, mas eu lembro muito bem que eu tinha que ajudar meu pai. Ele tinha uma fábrica grande, tocada a vapor, era uma máquina enorme. Depois, ele comprou mais duas máquinas de metal. Assim aconteceu com a vida de meu

pai, ele teve essa fábrica, eu ajudei nessa fábrica, eu trabalhei muito nessa fábrica, meu serviço era beneficiar o chá.

MAIS 60 E então a senhora com 87 anos, depois de trabalhar com diversas áreas em São Paulo, reinaugurou a fábrica de chá?

UME Pois é, no ferro velho tinha duas máquinas, e eu fui ver com o meu filho. Mas as máquinas pareciam que estavam podres. E o japonês do ferro velho disse, "Então, parece que está tudo podre, mas essa (máquina) dat é de bronze, se limpar ela fica da cor de ouro. Tinha que me arrastar que nem jacaré para limpar o pé de chá. Sabe por que? No pé de chá tem bastante mato que fica enrolando que nem cipó. Tinha que limpar, amarrar, fazer uma tosa, e deixar para levar no carrinho, porque se deixar perto do chão vai brotar de novo. Assim foi meu serviço. Eu matei duas cobras venenosas, mas eu limpei. Assim como o chão ficou limpo, a máquina também ficou boa. Puxa vida, que coisa boa!

MAIS 60 A máquina ficou pronta para o trabalho?

UME Sim. Aí, colhemos o chá bem colhido, no capricho, o broto ficou pronto, e coloquei na máquina. Depois, fiz esse chá, mas que chá bonito! Um chá cheiroso... Que chá gostoso! Então, nós temos que tomar. Então, faça logo para a gente tomar! Aí fizeram esse chá e a gente tomou. E fizeram "hummm... que chá gostoso." Eu também tomei e falei hummm... que chá gostoso [risos] e assim que aconteceu, o chá ficou bom. Por causa do chá, nós temos visitas boas, olha, não é por causa do chá que você está aqui? Por causa do chá, a gente tem visitas boas mesmo, ele catu do céu. Por isso eu agradeço, por causa do chá eu tenho visitas boas.

86

mais60
Estudos sobre Envelhecimento
 Volume 30 | Número 76
 Abril de 2020

Entrevista
 Ume Shimada

MAIS 60 Sim, o chá e a senhora são muito conhecidos! E ai, queremos saber o seguinte: como é o dia a dia da senhora? Quais são seus hábitos diártios?

UME Eu trabalho até às nove horas da noite, é meu costume, mas eu gosto de jogar paciência...

MAIS 60 Jogar?

UME Paciência, no computador. Eu coloco meu relógio na frente – são só duas horas, viu? Eu falo para mim, [risos] puxa a vida, duas horas, já passou o tempo. Ah, agora que já passou, que passe mais, né? [risos].

MAIS 60 Mas que horas a senhora acorda?

UME Meu horário é quatro e meia da manhã.

MAIS 60 Quatro e meia... e a senhora faz o quê?

UME Acordo, lavo a minha cara, e depois vou fazer a minha oração. A minha oração é um pouquinho comprida, porque eu lembro de muita gente, para Deus abençoar, né? Lembro de todo mundo, viu? [risos].

MAIS 60 Ah, depois?

UME Depois eu tomo meu café. Meu café é fácil, não tem muita coisa. Dois biscoitinhos já está bom para mim. Eu gosto de ficar aqui, sentar aqui, eu fico vendo o passarinho voar, a borboleta voar. Eu fico sentada aqui. Na hora que acaba, eu digo, o que eu vou fazer? Ai eu falo para mim mesma: não adianta ficar sentada, tem que trabalhar mesmo. Já levanto e vou fazer meu serviço. O meu serviço está no quarto, faço artesanato.

MAIS 60 E faz ginástica? Exercício?

UME Duas vezes por semana. É bom fazer ginástica... porque tem um professor, sabe? Ele é cantor também... Eu gosto muito de cantar. O Cesar (professor) canta muito bem.

MAIS 60 E o que a senhora costuma fazer durante à tarde?

UME A tarde... com esse calor, eu vou dormir. Eu tenho meu ventiladorzinho, e eu falo que é só uma hora para dormir. Não posso dormir mais senão a hora passa e não fiz nada. Faço meu serviço de artesanato... Essa flor não é fácil não. Eu faço dentro da cestinha. Já tem umas vinte cestinhas dessas. Desde a argola de arame, eu faço tudo.

MAIS 60 Ume, e como é envelhecer? O que a senhora gosta de fazer?

UME De vida? A gente que escolhe, né? A gente que faz a vida, né? Eu fui no médico, de costume, ele me examinou e disse assim: "Escuta, quantos anos você tem?" Ah, eu tenho vinte anos. "Vinte anos, é?" Claro, eu não quero falar a minha idade. "Não, mas fala aí a idade certa." Então, eu falei, a minha idade certa, eu tenho 93. Ai eu falei: eu gosto muito de dançar. "Que música a senhora gosta?" Eu gosto de música, eu gosto de tudo.

MAIS 60 Mas por que a senhora acha que está bem assim? Pelo trabalho, por exemplo?

UME Ah, se eu não trabalho, não da para viver não. A gente tem que trabalhar para passar o dia. Sem trabalho não tem graça. O trabalho ajuda muito.

MAIS 60 Fale sobre seus filhos, Ume?

UME Começando por meu filho que mora no Rio Grande do Sul, depois tem Roberto, que mora em São José, depois tem o Wilson, que mora lá na estação Vergueiro. Agora de mulher, tem a Terezinha, que moro com ela, depois tem a Bernadete, que tem ótica, depois tem a caçula que se chama Emi. Na casa dela que vou sempre, ela tem uma casa grande, a gente joga. Ela também gosta de jogar.



MAIS 60 E seus netos? Vocês se reúnem aqui? Eles vêm pra cá?

UME Vem. Agora está difícil, cada um tem seu serviço, né? É difícil de reunir. A vida também está corrida, está muito difícil.

MAIS 60 Que lugares a senhora já conheceu? Foi para o Japão?

UME Ah, no Japão eu fui sete vezes. Meu pai é de Fukushima...

MAIS 60 Ea senhora não tem vontade de morar lá?

UME Morar no Japão? Deus que me livre. Lá é perigoso, lá tem terremoto, tem maremoto, aqui no Brasil não. Nós moramos em uma terra santa. O que tem no Brasil? Só tem ladrão.

MAIS 60 E lá para o chazal, quando a senhora vai?

UME Ah... quando eu colhia chá, eu gostava de ir ainda no escuro. Levava meu cachorro.

MAIS 60 No escuro? Antes de amanhecer?

UME Ah, eu gosto de ir na roça no escuro. Eu tinha um cachorro muito bom, eu falava, Bob, vamos colher chá? Ele ia na frente. Depois de clarear, eu falava: Bob, onde você está? Ele levantava a cabeça. Depois, Bob onde você está? Ai, não estava mais, já foi embora, porque clareou, né? Mas agora eu não posso mais. Sabe que meu pé estava doendo muito, acho que virava, agora não dói mais.

MAIS 60 Estamos terminando a entrevista. A senhora gostaria de dizer mais alguma coisa para os leitores da revista?

UME Muita saúde para todo mundo. Porque tendo saúde, tudo resolve. Daí dá para pensar e dá para continuar.